




UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS

CECÍLIA MARCHI BELTRÃO CAMPOS

A PRIMAVERA ÁRABE NO EGITO:
PERCEPÇÕES DE IDENTIDADE EM TRANSFORMAÇÃO

FLORIANÓPOLIS

2014



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS

CECÍLIA MARCHI BELTRÃO CAMPOS

A PRIMAVERA ÁRABE NO EGITO:
PERCEPÇÕES DE IDENTIDADE EM TRANSFORMAÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca examinadora da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do grau de bacharel em Relações Internacionais, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Graciela De Conti Pagliari.

FLORIANÓPOLIS

2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS

A Banca Examinadora resolveu atribuir a nota **9,0** à aluna CECÍLIA MARCHI BELTRÃO CAMPOS na disciplina CNM7280 - MONOGRAFIA, pela apresentação deste trabalho.

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Graciela De Conti Pagliari

Prof. Dr. Márcio Roberto Voigt

Prof. Dr. Lucas Pereira Rezende

FLORIANÓPOLIS

2014



Ao meu pai, que é a minha coragem, e
à minha mãe que é minha força.


AGRADECIMENTOS

Esse trabalho não foi feito apenas por mim. Eu dei, sim, forma a ele, e tem muito de mim em suas construções analíticas e interpretações, mas não posso dizer que o fiz sozinha. A começar pela escolha do tema, pela oportunidade de ter vivenciado a experiência de um intercâmbio memorável e que mudou os rumos de minha graduação. São tantas as pessoas que dão sentido a este trabalho e a quem tenho gratidão, que fica difícil colocá-las, todas, no papel.

Primeiramente, nada mais justo do que agradecer àqueles que me colocaram no mundo, meu pai e minha mãe, tão importantes para mim, e a quem dedico este trabalho. Obrigada pai, por sempre me encorajar e dar força às minhas decisões, e a você, mãe, por sempre me fazer ter a certeza de seu amor, de meu lugar no mundo.

Como para qualquer trabalho que exige bastante dedicação, precisei de persistência e, naturalmente, empolgação para fazer esta pesquisa, portanto, devo agradecer àquelas pessoas que fazem a alegria dos meus dias, e me dão energia para enfrentar desafios: minhas irmãs. Agradeço à Felícia e a Vitória por serem minhas companheiras de vida, e por estarem sempre ao meu lado, possuindo comigo um laço de amor e confiança, digno dos três mosqueteiros. Assim como os três mosqueteiros eram, na verdade, em quatro, o companheirismo se estende aos irmãos além do sangue, e também àqueles que, de sangue ou não, chegam de repente e trazem consigo mais alegrias. Agradeço à Maria Cristina por colorir um pouco mais a minha vida, junto da pequena Juju. Quero deixar registrado, também, o agradecimento profundo que devo a meu companheiro e namorado Pablo, que me preenche e é minha grande inspiração.

Tão fundamental para mim são também meus amigos e colegas do curso de Relações Internacionais, que compartilharam seus “anos dourados” comigo, e me inspiraram a ser quem sou hoje, depois de quatro anos e meio de faculdade. Agradecimentos especiais às minhas “Rycas” amigas, e obviamente à minha esplêndida turma de 2010.1, que tornou meus anos de faculdade tão divertidos e inesquecíveis. Agradeço a todos que fizeram o curso de RI acontecer e que se engajaram em projetos que para mim foram tão importantes na graduação, como nosso grande XVII ENERI.




Agradeço imensamente também aos demais amigos e amigas que estiveram por perto ao longo deste período de faculdade, e que se encerra com este trabalho, como minhas amigas “da vida” e meus companheiros de AIESEC. Vocês todos fazem parte da conclusão desta etapa. Agradecimento especial vai à pesquisadora e amiga Lara Schucman que me deu orientações de como proceder e formatar a pesquisa qualitativa que guiou o presente trabalho, da mesma forma como sua irmã, a psicóloga Lia Schucman, que me cedeu sua dissertação para eu ter seu formato como referência.

Não posso deixar de agradecer também o historiador Fábio Amorim, cuja sugestão da utilização de estudos do teórico “Stuart Hall” foi não só acatada, como deu sentido às minhas questões quanto à Primavera Árabe. Quanto a isso, devo agradecer novamente à minha irmã Felícia, que como historiadora abriu meus olhos para novas formas de ver e interpretar determinadas questões, sendo grande responsável pela escolha do tema envolvendo a Revolução Egípcia. Minha amiga e colega de curso Gabriella Vaz também merece minha vasta gratidão, por todo o companheirismo e por estar sempre disposta a me auxiliar com questões acadêmicas (como as formatações ABNT).

Em termos de inspiração, nutro imensa gratidão, também, àqueles que, pela primeira vez, me mostraram um pouco de sua cultura árabe e que, sem saber, despertaram minha curiosidade para a exploração deste outro lado do mundo. São eles os sauditas Talal, Ezzat, Nawaf e Abdulrahman.

Mais do que grata, fico honrada em ter podido contar com a participação ativa no meu TCC de amigos que me concederam entrevistas e dispuseram de seu tempo para compartilhar comigo um pouquinho de suas vidas. Helal, Yara, Karim, Shazly e Mostafa, eu não tenho palavras para agradecê-los. Vocês são parte desta pesquisa, e eu espero retribuí-los e presenteá-los com um estudo à altura.

Agradeço imensamente também, a todos os meus demais amigos egípcios, em especial àqueles que estiveram ao meu lado durante a revolução, como Tamer Harb, Osama Wael, Omar Tt Ragab, Karim e Shazly, Mostafa Heiba, Belal Heddaya, Dina Hussen, Mina Shakhloul, Yara Mokhless, entre outros. Posteriormente, alguns destes lindos ainda me ajudaram a fazer trabalhos acadêmicos, como Dina Salem, Aly Aboushady e Mohamed Elaraby. Sou muito grata a todas estas pessoas citadas e também a tantas outras que seguem



comigo em pensamento e de quem eu sinto tantas saudades. Estas, eu agradeço em nome do presidente do comitê local da AIESEC de Alexandria de 2011, Mohamed Ouf. Este trabalho, meus amigos, é sobre vocês e para vocês.

Da mesma forma, sou grata às pessoas essenciais que fizeram parte desta experiência que deu forma a meu Trabalho de Conclusão de Curso, a saber: Fernanda Lemos, Stevie Saunders, Natalia Hermida e Danielle King, minhas companheiras de apartamento no Egito. Meus agradecimentos se estendem à organização AIESEC, pela mesma ter me proporcionado tamanha experiência e ter representado muito de minha graduação.

Por fim, e de maneira alguma menos importante, registro aqui minha gratidão a todos os funcionários e docentes da UFSC que contribuíram para a minha formação, direta e indiretamente. Faço esse agradecimento em nome da minha orientadora Graciela Pagliari, professora por quem nutro grande admiração. Seu acompanhamento e determinação foram essenciais para todo este processo de pesquisa, e sou muito grata por sua confiança e compromisso para comigo.

Este TCC simboliza o fim de uma etapa muito importante na minha vida pessoal e acadêmica. Assim, com o coração repleto de gratidão, tenho a certeza de que deixo um pouquinho de mim na UFSC, e levo um pouquinho de todos vocês comigo, para encarar os desafios das etapas futuras. Obrigada.



“A única constante é a mudança.”
(Heráclito de Éfeso)

RESUMO

A presente pesquisa trata de analisar o efeito dos acontecimentos denominados Primavera Árabe em 2011 no Egito, em plena pós-modernidade. Assim, apresentar-se-á uma análise acerca da percepção da identidade cultural nacional do ponto de vista interno, de cidadãos egípcios que viveram/vivem a chamada Primavera. A relevância do tema surge da necessidade contemporânea de se entender os novos processos de transformação a que as identidades nacionais estão expostas na modernidade tardia. Tais identificações podem auxiliar no entendimento de fenômenos como o da deflagração da primavera árabe em um país como o Egito, que desfrutava de pouca movimentação política popular há décadas. Para isso, uma pesquisa no formato qualitativo foi elaborada, contando com cinco entrevistas individuais de jovens egípcios que viveram e sentiram a revolução de seu país à luz suas próprias interpretações. O conteúdo das entrevistas consistiu as bases das percepções aqui apresentadas de um Egito em transformação no que tange sua ilusória identidade unificada. As entrevistas puderam identificar que as percepções em relação à Revolução Egípcia na Primavera Árabe acarretaram em mudanças de entendimento dos entrevistados acerca de sua própria realidade social, da mesma forma como agregaram novos aspectos à construção do estereótipo “ser egípcio”, o que pode ser apenas o início de um longo processo de transformações de identidade nacional.

Palavras-chave: Primavera Árabe. Egito contemporâneo. Pós-modernidade. Identidade nacional cultural. Identidade nacional egípcia. Percepções de identidade. Stuart Hall.



ABSTRACT

The present research analyzes the effect of the so-called Arab Spring in Egypt in 2011, within a full postmodern scenario. Thus, an analysis about perceptions of national cultural identity of Egyptian citizens, who have lived this Spring, will be presented. The theme's relevance arises from the contemporary need to understand the new processes of transformation that national identities are exposed to in late modernity. Such identifications can aid understanding of phenomena such as the outbreak of the Arab Spring in a country like Egypt, which enjoyed little popular political movement for decades. For this, a survey was developed in the qualitative research format, with five individual interviews with young Egyptians, who lived and felt the revolution of their country, with its own interpretations. The content of the interviews consisted the basis of the perceptions here presented of a changing Egypt, regarding its illusory unified identity. The interviews were able to identify that the perceptions about Egyptian Revolution in the Arab Spring resulted in changes of the interviewees's understanding about their own social reality, just as added new aspects to the construction of the stereotype "being Egyptian", which can be the beginning of a long process of national identity's transformation.

Key-words: Arab Spring. Contemporary Egypt. Post-modernity. Nacional Cultural Identity. Egyptian Nacional Identity. Perceptions of identity. Stuart Hall.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2.	O EGITO COMO CONSTRUÇÃO PERCEPTIVA	16
2.1	O que é o Egito?.....	16
2.1.1	<i>História antiga</i>	18
2.1.2	<i>Influência política do Egito no século XX</i>	20
2.1.3	<i>Guerras Árabe-Israelenses</i>	22
2.1.4	<i>Primavera Árabe no Egito</i>	26
2.2	Cultura Nacional Egípcia na era Pós-Moderna	27
2.2.1	<i>Pós-modernidade</i>	32
2.2.2	<i>Primavera Globalizada</i>	35
2.3	Efeitos da globalização sobre a identidade nacional.....	39
3	PERCEPÇÕES DE UMA REALIDADE EM TRANSFORMAÇÃO: ANÁLISE DE PESQUISA QUALITATIVA	42
3.1.	Desenvolvimento da pesquisa	42
3.1.1	<i>As Entrevistas</i>	42
3.1.2	<i>Traduções e Transcrições</i>	43
3.1.3	<i>Roteiro da entrevista</i>	44
3.1.4	<i>Análise</i>	46
3.1.5	<i>Sujeitos de Pesquisa</i>	47
3.2	Percepções particulares da coletividade	51
3.2.1	<i>Impressões sobre a Primavera Árabe</i>	51
3.2.2	<i>Egito no Mundo Árabe</i>	62
3.2.3	<i>Egípcios do Pós-Revolução</i>	64
4	O EGITO CONTEMPORÂNEO E OS VESTÍGIOS DE UMA MUDANÇA PROFUNDA	71
4.1	O país Egito	71
4.1.1	<i>Poder egípcio: língua, política e produção cultural</i>	73
4.1.2	<i>Camp David e a ocidentalização</i>	76
4.1.3	<i>Egito propulsor da Primavera Árabe: Mudanças em curso</i>	80
4.2	A globalização e a vulnerabilidade das identidades culturais nacionais	81
4.2.1	<i>Os descentramentos identitários ocasionados pela Globalização</i>	81
4.2.2	<i>A revolução egípcia e o início de um processo de transformações</i>	86
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	89
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	93
	APÊNDICE A – Roteiro das Entrevistas	100
	APÊNDICE B - Considerações sobre o sentido do tema e formato da pesquisa....	103
	ANEXO 1	105

1 INTRODUÇÃO

As manifestações que agitaram as ruas das grandes cidades do Egito no início de 2011 lançaram os olhos do mundo para uma faceta até então desconhecida daquela nação que parecia viver apenas das glórias de um passado ilustre. No final de 2010, a onda revolucionária que se iniciou na Tunísia, alcunhada de Primavera Árabe, logo atingiu o Egito e fez a visibilidade de pirâmides e esfinges darem lugar às vozes reivindicadoras das massas populares, inaugurando o *efeito dominó* que atingiu diversos países do Oriente Médio, como Líbia, Síria, Iêmen, Bahrein, entre outros.

Esta *primavera* teve como protagonistas países considerados relativamente estáveis do ponto de vista da política externa como Tunísia e Egito, e por isso intrigou a comunidade internacional, dando início a uma vasta gama de tentativas de decifrar os fenômenos sociais aparentemente inesperados na região. Afinal, quem seriam aqueles egípcios a despertarem depois de 30 anos de ditadura para protagonizar manifestações tão significativas?

O tema da presente pesquisa consiste nas possíveis transformações ocorridas no Egito, no início de 2011, no que diz respeito às sensações de identidade e de pertencimento dos próprios nacionais. As questões serão trabalhadas a partir das percepções de cinco jovens cidadãos egípcios, espectadores e protagonistas de uma sociedade em ebulição.

Para a verificação de que o evento da Primavera Árabe possa ter iniciado um processo de modificações *identitárias* no Egito, distintos aspectos serão abordados ao decorrer do desenvolvimento da pesquisa, de forma a contextualizar e esclarecer a estrutura e o cenário propiciador dos acontecimentos revolucionários em questão. A pós-modernidade, desta forma, terá destaque como estrutura que propicia os movimentos sociais que compuseram a Revolução Egípcia, sendo a modernidade tardia e a globalização seus aspectos principais.

Para falar em “Egito”, é importante lançar a noção do que consistem algumas das bases, na concepção externa e ocidental, da construção de uma imagem unificada do mesmo como nação. No mesmo viés, a pesquisa abordará a incipiência do que consistem as identidades culturais nacionais, as quais nada mais são do que ideias construídas, ideias de sociedades unificadas puramente

imaginadas, permeadas por uma série de divisões profundas que se articulam entre si sob os tetos políticos comuns do que são denominadas “nações”.

Com o estabelecimento destas premissas, tem-se o início da investigação, que procurará por meio de discursos de percepções individuais (do grupo de entrevistados em questão), vestígios de uma transformação da identidade cultural nacional egípcia, a qual se inicia com novas compreensões acerca de si, como cidadãos, e da sociedade em volta. Na sequência, as percepções da realidade do Egito revolucionário, apresentadas nas entrevistas, serão analisadas à luz dos estudos do teórico cultural jamaicano Stuart Hall, que entende a pós-modernidade gerar movimentos transformadores de identidades, de forma a deslocá-las em três processos concomitantes: de homogeneização (universalização), de reforço (resistência do local) e de criação de novas identidades híbridas. Tais discussões trazem à tona a pluralidade da sociedade egípcia, evidenciando sua secularização juntamente à sua importância regional. Ao longo da pesquisa, diferentes e semelhantes “Egitos” serão expostos pelas entrevistas do grupo de jovens nacionais em questão, que possivelmente revelarão o início de um novo olhar sobre a “egipcialidade”.

O problema da presente pesquisa consiste, portanto, em estabelecer uma correlação entre o acontecimento da Primavera Árabe no Egito e as mudanças de percepções dos cinco cidadãos egípcios em relação à sua identidade nacional. Desta forma, tem-se a pergunta-chave: teria a Revolução Egípcia da Primavera Árabe agido como um agente da globalização (nos termos colocados pela teoria de Stuart Hall) e gerado efeitos de transformação sobre as percepções de identidade nacional dos egípcios entrevistados? – A globalização entra na pergunta simplesmente por fazer parte essencial do contexto em que a Primavera Árabe acontece, tendo sido condição *sine qua non* para potencializar os movimentos *primaveris* nos moldes em que se apresentaram para o mundo. O objetivo principal da investigação, por conseguinte, trata de verificar a mudança de percepção de egípcios em relação à sua forma de entender a “egipcialidade”, e a correlação desta mudança com a Revolução Egípcia de 2011, respondendo à pergunta principal do trabalho.

O presente trabalho parte de alguns pressupostos que, passíveis de desconstruções, contribuem para guiar o desenvolvimento da análise. O primeiro era de que os egípcios estariam impressionados com o acontecimento da

revolução egípcia da Primavera Árabe, e que não esperavam uma revolta nas proporções verificadas. Outra suposição era a de que a Primavera Árabe seria um movimento próprio da pós-modernidade (tanto gerado pela como impulsor da mesma) e por isso poderia ser utilizada como contexto para a teoria de Stuart Hall (2006) dos *descentramentos identitários* de culturas nacionais. A hipótese principal, entretanto, era de que a revolução egípcia da Primavera Árabe abrisse caminhos, para os entrevistados, a processos de reapropriações do “ser egípcio”, isto é, de mudanças de percepções de identidade.

Destarte, a pergunta-problema, que sugere a Primavera Árabe ter atuado como *agente da globalização*, deriva da já inserção da teoria de Stuart Hall (2006) no contexto da hipótese principal a ser verificada, junto dos demais pressupostos apresentados.

A complexidade de forças (pós) modernas, que representam em seu conjunto o processo da globalização, intriga a ciência à medida que molda os padrões de comportamento das sociedades. Assim, aspectos da globalização tornam-se objetos de pesquisas altamente relevantes do ponto de vista social e científico-acadêmico, na medida em que, em constante transformação, fornecem explicações para surgimento de fenômenos como o da Primavera Árabe. Isto é, entender formas distintas da atuação da globalização, assim como seus impactos perante as sociedades que transformam, propicia melhor compreensão de configurações político-sociais em países diversos. Da mesma forma, a noção de que as sociedades assimilam e participam ativamente da construção de uma ideia imaginária, e unificada, de nação é de grande serventia à comunidade científica, de forma a desedificar qualquer ideia concreta e imutável que possa ser atribuída à nacionalidade.

Além disso, a importância da compreensão dos fatos investigados pela pesquisa é relevante do ponto de vista pessoal, visto que a motivação inicial para a elaboração do presente trabalho deriva de experiências pessoais vividas pela autora, quando em visita ao Egito no início de 2011. Tal vivência fez surgir à mesma uma série de questionamentos, cujos frutos perpassaram pelo estudo de noções de identidade nacional e forneceram as bases para o desenvolvimento da presente pesquisa.

Assim, o trabalho tomou forma a partir da mescla entre uma pesquisa bibliográfica da obra de Stuart Hall acerca dos *descentramentos identitários* na

pós-modernidade (2006), e de uma pesquisa de campo, em que cinco jovens egípcios, na faixa etária entre 20 e 25 anos, foram entrevistados via internet. O presente trabalho intercala, portanto, resumos da teoria de Hall (2006) com trechos transcritos das entrevistas, cujas contribuições para a interpretação de Hall se fazem bastante interessantes e dão margem a novas interpretações.

Em relação à base teórica escolhida para guiar a pesquisa, Stuart Hall, em seu livro *A Identidade Cultural da Pós-Modernidade (2006)*, discute os efeitos da globalização sobre as identidades culturais nacionais, de forma que sua análise pode ser observada e relacionada a situações específicas e que não envolvam necessariamente todo um sistema político ou econômico no entorno. Desta maneira, Hall se diferencia de autores das Relações Internacionais que tendem a abrir suas análises a níveis mais sistêmicos e com distanciamentos temporais que permitam uma análise de fatos mais segura e, muitas vezes, mais restrita do ponto de vista da gama de assuntos contemporâneos. Como a presente pesquisa propõe-se a observar e analisar percepções, trabalhando com conceitos que envolvem bastante subjetividade, e tratando de um tema bastante recente, a teoria de Stuart Hall, cuja margem de interpretações é extensa, mostra-se, neste formato de trabalho, mais interessante.

A pesquisa está dividida em três capítulos, os quais formam, basicamente, uma linha de raciocínio baseada em desconstruções: primeiramente atribuem ao Egito uma imagem específica que remete a uma identidade, desconstruem-na com base nas “comunidades imaginadas” de Hall, reconstruem outra imagem *identitária* baseada nas entrevistas, e em seguida concluem esta estar iniciando um processo de transformação.

O primeiro capítulo, intitulado “O Egito como construção perceptiva” discorre sobre a ideia imaginada e constituída por percepções do que seja a nação Egito aos olhares externos ocidentais, assim como o processo natural dos discursos nacionais de tentativa de unificação de diversas comunidades sob um único teto nacional; o segundo capítulo, por sua vez, de nome “Percepções de uma realidade em transformação”, trata de mostrar e transcrever na íntegra alguns trechos das entrevistas com os jovens egípcios, em que informações são analisadas e interpretadas de acordo com a interação entre os interlocutores; por fim, é no terceiro capítulo que se interpreta, à luz de Stuart Hall, as percepções dos entrevistados em relação a uma transformação do que seria o estereótipo de

“Egito” (identidade da nação egípcia) após a vivência da Primavera Árabe, intitulado “O Egito contemporâneo e os vestígios de uma mudança profunda”.

2 O EGITO COMO CONSTRUÇÃO PERCEPTIVA

Neste primeiro capítulo apresentar-se-á uma rápida percepção política, histórica e cultural do Egito contemporâneo, para lançar as bases de uma possível comparação entre uma visão ocidental generalizada e outra forma de entendimento do Egito por parte de jovens egípcios.

Na sequência, iniciar-se-ão as desconstruções de questões aparentemente concretas, como a imagem de “nação”, embasadas nas concepções teóricas de Stuart Hall¹ (2006) acerca da fragilidade das identidades culturais nacionais e o quanto podem ser atingidas pelo fenômeno da Globalização, que revoluciona a era pós-moderna. Ao fim do capítulo, compreender-se-á o “Egito” como construção perceptiva.

2.1 O que é o Egito?

Não é de hoje que os lados de lá do Oriente despertam interesse dos olhares intelectuais ocidentais. Ao longo dos anos, após as invasões napoleônicas no Egito no final do século XVIII – quando Napoleão se deparou com as extraordinárias construções em pedra do deserto –, a percepção ocidental do que consistira aquela sociedade do norte da África sofreu diversas modificações, sendo alvo inclusive de debates orientalistas. O próprio orientalismo² surge nesta época e deriva de uma necessidade ocidental de se entender o que é considerado o *não ocidental*, isto é, “o outro”, e neste caso, mais especificamente, em referência à região do Oriente Médio³.

¹ Em seu livro *A Identidade Cultural da Pós-Modernidade* (2006), Hall discute os efeitos da globalização sobre as identidades culturais nacionais, de forma que sua análise se diferencia das de autores das Relações Internacionais, que tendem a trabalhar em níveis mais sistêmicos e com maiores distanciamentos temporais. Tendo em vista, então, a proposta de observar e analisar percepções, as quais tratam de um tema bastante recente, a teoria de Stuart Hall faz-se mais adequada ao formato da presente pesquisa.

² *Orientalismo* é o nome dado ao estudo do “Oriente” pelas civilizações eurocêntricas, e que se popularizou como campo de estudo no século XVIII. O Orientalismo estudava sem distinções, um vasto grupo de civilizações completamente distintas, incluindo o Extremo e o Médio Oriente, a Ásia central, o leste da Europa e até mesmo países da África (SAID, 2007).

³ A definição geográfica que denota o termo *Oriente Médio* é um tanto quanto vaga e fica a critério de cada autor que a utiliza. *Oriente Médio*, na presente pesquisa, portanto, é a região geográfica entre a África e a Ásia que abrange não somente os países do entorno do Golfo Pérsico como toda a área que se estende desde o Magreb – norte da África – até o Irã. Os demais países do

Ao longo dos anos, portanto, a ideia de Egito foi sendo construída através de relatos tendenciosos, primeiramente derivados de percepções iluministas do século XIX, e posteriormente por demais historiadores e estudiosos do mundo inteiro, que se empenharam em decifrar a vida daquele que foi o maior antigo império de que se tem notícia do mundo, datado de 3000 a.C. (CARDOSO, 1982; AMORIM, 2013.)

Desde o século XIX, portanto, a visibilidade do Egito no Ocidente se pauta pelas belezas de sua própria história antiga, período histórico que deu origem às pirâmides faraônicas do deserto. Não é difícil constatar então que, à visão leiga ocidental, o pensamento acerca do Egito suscita imagens que remetem a esta história antiga, como as próprias pirâmides e os faraós, além de figuras mais *clichês* como camelos e deserto.

Esta comum percepção não ocorre ao acaso, mas deriva de rasos estudos ocidentais sobre civilizações orientais, que, em se tratando do Egito, se restringem à época do antigo império, alocando-o exclusivamente no passado, menosprezando fatos importantes de sua história constitutiva como a conquista pelos árabes, no século VII.

O Egito de hoje para muitos, portanto, não passa de uma leve percepção errônea e atrasada de uma civilização que outrora logrou êxitos em construções extraordinárias em meio às areias do deserto do Saara. São recorrentes as surpresas dos turistas ocidentais que, ao chegarem à cidade de Guiza, para visitar as famosas pirâmides, se deparam com um deserto cercado por uma cidade altamente desenvolvida e agitada. As pessoas moram, trabalham e estudam na Grande Cairo, à sombra das pirâmides, tendo-as como paisagem corriqueira, vistas em suas janelas. O Egito de hoje, portanto, é, por muitos, desconhecido.

Antes de avançar para os argumentos de Stuart Hall em sua obra sobre a identidade cultural na pós-modernidade, que servem de base para o desenvolvimento da presente pesquisa, ater-se-á, neste primeiro momento, à básica construção histórica de uma imagem ocidental generalizada do que é o

entorno e que compartilham da religião islâmica, por exemplo, podem ser entendidos como países adjacentes. Seriam estes os situados no Chifre da África, o Afeganistão, o Paquistão e as repúblicas islâmicas da ex União Soviética. Ver Anexo 1.

Egito contemporâneo, e ao entendimento da importância atual do mesmo dentro do *Mundo Árabe*.

2.1.1 História antiga

Não se pode ignorar a importância que o Egito Antigo tem na história da humanidade, e o quanto esta história ainda influencia naturalmente o que se entende pelo país hoje, ao menos no que se refere ao ponto de vista externo e, neste caso, ocidental. No próximo capítulo, demonstrar-se-á evidências desta importância da história antiga na percepção do próprio povo em relação à sua nação, mais especificamente à fatia jovem, representada pelos entrevistados. A hipótese, entretanto, é de que muitas das atuais características do povo egípcio (de entendimento de mundo, de comportamento etc.) tenham origem em sua história milenar, de império e de dominação.

Sua localização geográfica e a posse de recursos naturais foram alguns dos fatores que contribuíram de forma decisiva para o nascimento de uma liderança egípcia em meio aos países vizinhos ao longo dos séculos. A presença do Rio Nilo, por si só, faz do Egito o único país do deserto do Saara com uma reserva natural de água, o que atraiu há centenas de milhares de anos homens e mulheres de tribos nômades a se estabelecerem na região. Desde a primeira dinastia egípcia, por volta do ano de 3.100 a.C⁴, o Egito já despontava como superpotência regional, quando uniu as tribos nômades estabelecidas às margens do Rio Nilo sob uma única bandeira, dando origem ao Império Egípcio (CASSEL, 2006).

Nota-se aqui o ímpeto da unificação, presente desde o início da história da humanidade. Este é um dos primeiros registros da história em que povos de diferentes origens acabam por se unir em torno de um mesmo “teto político”, cuja grande motivação inicial seria a demarcação de terras ao longo do Rio Nilo, de forma a atestar sua posse. As questões da unificação das culturas e a criação de identificações nacionais serão aprofundadas mais adiante no desenrolar do presente capítulo com a construção analítica das ideias de Stuart Hall.

⁴ As datas históricas são mais precisas a partir do ano de 664 a. C. As anteriores a este ano são aproximações históricas. Em relação ao período de formação do *Egito Antigo*, as aproximações variam entre o ano de 3.500 a. C e de 3.100 a. C. (University College London, 2000).

O avanço do Egito em relação às demais civilizações da época era notável, e ao longo do tempo o império continuou a ser exemplo de inovações tecnológicas. À sua época, a civilização egípcia sobressaiu-se especialmente na área científica, desenvolvendo matemática, medicina, astronomia e arquitetura. Para se compreender tamanho avanço, pode-se fazer uma comparação com os povos datados de milênios posteriores: Aproximadamente 2000 anos antes dos romanos construírem suas primeiras choupanas, os Faraós já edificavam grandes Mastabas⁵, e davam origem às primeiras versões do que viriam a ser as Pirâmides do Egito.

Outra característica peculiar do Egito, e que reforça o destaque e a popularidade de sua história antiga é a estabilidade de seu formato político como nação e continuidade do aspecto cultural ao longo de milênios. Nas palavras do historiador Ciro Flamarion Cardoso:

O Egito faraônico não somente representa o primeiro reino unificado historicamente conhecido, como também a mais longa experiência humana documentada de continuidade política e cultural. (...) Tal história conheceu, é verdade, fases de descentralização, anarquia e domínio estrangeiro, mas durante estes longos séculos o Egito constituiu uma mesma entidade política reconhecível.

A continuidade e a longevidade são ainda mais impressionantes do ponto de vista cultural: a antiga língua egípcia manteve-se relativamente estável, embora sofrendo algumas mudanças, durante quatro mil e quinhentos anos. E de cerca de 3000 a.C. até o quinto século da nossa era, muitos outros aspectos atestam, com sua presença ininterrupta, a grande permanência dos padrões culturais egípcios: escrita hieroglífica, concepções acerca da realeza, religião, estilos artísticos, estruturas econômicas-sociais... (CARDOSO, 1982, sem paginação)

O projeto de construção das pirâmides solidificaria a posição do Egito como a civilização mais avançada do mundo. Por volta de 332 a.C., a invasão das legiões de Alexandre da Macedônia (Alexandre, O Grande) marcou o fim do período do Egito Faraônico, dando início ao período conhecido como Helenístico. (UNESCO, 2010, p.183)

Assim como a famosa historiografia da antiguidade egípcia, os demais acontecimentos ao longo da Era Cristã também determinam muitas das características das percepções ocidentais de Egito, hoje.

⁵ Mastaba: s.m. Túmulo egípcio, de forma trapezoide.

Passado todo o momento de seu esplendor, séculos depois do apogeu do império e após as diversas conquistas e dominações sofridas, em 642 d. C. o Egito foi conquistado pelos árabes. (UNESCO, 2010, p. 212)

O povo egípcio, então, passou a adotar o islamismo como sua religião, assim como a língua árabe do invasor, em um profundo processo de mistura étnica e cultural. Durante os três séculos seguintes, Cairo, na posição de nova capital, ganhou destaque na região, tornando-se um dos mais brilhantes e prestigiados centros intelectuais do mundo islâmico, atraindo a visita de sábios e intelectuais estrangeiros. (IBGE, 2012)

Do ponto de vista econômico, entre o século X e XV, a posição geográfica privilegiada do Egito fez do mesmo o centro do comércio entre o Mediterrâneo e o continente asiático. Ao fim do século XV, no entanto, a inauguração das viagens passando pelo Cabo da Boa Esperança fez com que os egípcios perdessem seu monopólio das rotas pelo Mar Vermelho. No início do século XVI, depois de começarem sua expansão imperial e se apoderarem da cidade de Constantinopla na Turquia, em 1453, o sultanato dos turcos otomanos invadiu o Egito. Nos séculos seguintes, o Egito otomano foi administrado pelo poder central turco e mais tarde pela Inglaterra (protetorado britânico) até sua relativa independência no início do século XX. Sua situação crítica econômica, no entanto, deu lugar à interferência externa ocidental, o que gerou forte reação nacionalista e levou a confrontos militares entre tropas egípcias e anglo-francesas. De 1914 a 1922, com a debilidade do Império Turco, o Egito tornou-se protetorado inglês, sendo utilizado como base militar britânica durante a Segunda Guerra Mundial. (IBGE, 2012)

2.1.2 Influência política do Egito no século XX

Em um recorte histórico mais recente, que sucede o século das invasões napoleônicas e o descobrimento do Egito pela civilização ocidental iluminista, vê-se novamente um Egito internacionalmente protagonista, principalmente na época da Guerra Fria, durante a segunda metade do século XX. Para se entender este destaque do Egito dentro do Mundo Árabe nesta época, não é preciso ir muito longe. A criação da Liga dos Estados Árabes, assim como as importantes

participações do exército egípcio nas guerras acerca da questão da Palestina, atribui ao país uma importância política e histórica recente que não pode deixar de ser considerada dentro de um estudo de percepções *identitárias* nacionais.

A conferência que deu os primeiros passos em direção ao estabelecimento do protocolo que propunha a Liga dos Estados Árabes foi convocada pelo primeiro ministro egípcio Mustafa Al-Nahas, em setembro de 1944 no Cairo. Na conferência em questão, em que participaram Síria, Iraque, Líbano e Jordânia, foi elaborado um pacto que visava o aumento da cooperação entre os Estados Árabes, o qual ficou conhecido como o Protocolo de Alexandria⁶ (SILVA et al. 2009).

A Liga Árabe se consolidou então em março de 1945 como *Organização Internacional Regional*⁷ que inicialmente visava proteger as independências dos países membros, e que atualmente, com 22 países⁸ trata de articulações internacionais referentes a assuntos político-econômicos de seus Estados membros. Ao longo dos anos, ao passo que os países árabes conquistaram suas independências e foram aderindo ao *bloco*, a importância da Liga Árabe foi aumentando dentro do cenário global junto à Organização das Nações Unidas, passando a ter grande prestígio, e tornando-se, enfim, o símbolo do que seria uma relativa *unidade árabe* (SILVA et al. 2009).

Outro fator que contribuiu para o protagonismo do Egito em sua região durante o período da Guerra Fria, sobretudo na década de 50 e 60, e que recebe destaque no presente tópico, foi a figura-símbolo do presidente egípcio Gamal Abdel Nasser⁹, que reavivou o nacionalismo árabe e trouxe à tona as ideias da doutrina do Pan-Arabismo¹⁰. Entre outras questões que envolvem seus discursos de política externa e suas domésticas reformas de base, Nasser destacou-se

⁶ Nota-se a importância do Egito nestas primeiras negociações, sediando a primeira conferência e dando nome de sua segunda maior cidade ao protocolo, cuja criação daria origem a primeira Organização Regional Árabe do mundo.

⁷ Classificação da ONU, apesar de ressalvas quanto ao termo "regional" visto que países de diferentes continentes - Ásia e África - participam da organização.

⁸ A Liga Árabe é atualmente composta por 21 países e pela Autoridade Nacional Palestina (SILVA et al. 2009).

⁹ O prestígio de Nasser em meio ao Oriente Médio tornou-o ícone do nacionalismo árabe. Seu nome batizou a ideologia nacionalista árabe, que tomou forma de movimento, sendo batizada como *Nasserismo*.

¹⁰ O Pan-arabismo foi uma doutrina nacionalista do século XX que se desenvolveu a reboque do colapso do império Otomano e da penetração do colonialismo europeu na região do Oriente Médio. Pode ser entendido por um movimento que abrange desde a criação da Liga Árabe até o movimento político populista encabeçado por Nasser (Nasserismo), visando a união dos árabes em prol da independência dos mesmos em relação às potências imperialistas. (NAZIH, 1998).

internacionalmente por sua liderança no que ficou conhecido como o Movimento de Países Não Alinhados, cuja proposta era a de uma Nova Ordem Mundial como alternativa à configuração da geopolítica global da época, que dividia o mundo em dois polos político-econômicos, cada qual encabeçado por uma das superpotências de então: Estados Unidos da América e União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (ROTHFELD et. al. 2013).

Além da importância do Movimento dos Países Não Alinhados, o nacionalismo inspirado por Nasser trazia intrínseco em si a ideia do protagonismo internacional do Egito, cuja missão, na visão *nasserista*, estaria na liderança de ambas as três esferas socioculturais a que pertencia concomitantemente: árabe, africana e islâmica. Enquanto parte desta intercessão de círculos culturais, portanto, o Egito deveria representá-los como símbolo maior de união. “O Egito é a porta do Norte do círculo africano, constituindo também a ponte entre a África e a Ásia, no âmbito do círculo islâmico, ao mesmo tempo que constitui o Estado pivô da unidade árabe” (MALTEZ, 2009, sem paginação).

Dentro das questões políticas estão naturalmente as declarações de guerra, as quais permearam todo o cenário da segunda metade do século XX na região do Oriente Médio, contando com importantes posicionamentos políticos do Egito, essenciais para a construção e consequente compreensão do cenário que se vê nesta região nos dias de hoje.

2.1.3 Guerras Árabe-Israelenses

Com posição destacada e de grande influência dentro do mundo árabe, a República Árabe do Egito nunca se absteve, ao longo dos anos, em manifestar opiniões e agir diante do conflito árabe-israelense. O Egito é, inclusive, dono de grandes posicionamentos pró-palestina, que geraram repercussão na cena internacional e moldaram os rumos dos conflitos na região.

Inicialmente, assim como os demais países árabes, o Egito não reconhecia Israel, sendo esta uma das grandes convergências políticas comuns entre os países árabes. O mundo árabe, no entanto, é marcado por diversas contradições e rusgas internas, as quais acabaram por se intensificar com a deflagração do

problema no território palestino após o fim da Segunda Guerra Mundial. Neste momento, afinal, a comunidade internacional estava compadecida com o sofrimento dos judeus (incluindo demais minorias prejudicadas) ocasionado pelo Nazismo de Hitler, o que, somado a uma série de iniciativas e constatações de fatos históricos, contribuiu para o anúncio da ONU, em 1947, do Plano de Partilha da Palestina, que dividia o território em questão em dois Estados, um judaico e outro árabe. No dia 14 de maio de 1948 os judeus proclamaram o Estado de Israel, com o apoio dos Estados Unidos da América e da União Soviética (BARREIRO, 2013). O fato foi recebido como um golpe, nos países árabes, o que acirrou ainda mais o sentimento anticolonialista na região, e deu origem a uma série de batalhas contra o novo Estado, sem a obtenção de grandes êxitos árabes do ponto de vista militar. As divergências internas dos países árabes em relação à repartição da Palestina acabaram por dar vantagem a Israel já na primeira guerra árabe-israelense, em 1948, quando o país judaico acabou conquistando cerca de três quartos do território palestino.

Com a crise das Forças Armadas Egípcias logo após a primeira guerra contra Israel, o rei Farouk foi deposto em 1952, dando lugar à proclamação da república no ano seguinte, sob o comando do já citado Abdel Gamal Nasser¹¹, que se tornou presidente poucos anos depois, iniciando um novo regime nacionalista e socialista no Egito (IBGE, 2012). Dois anos após Nasser ter assumido a cadeira presidencial, foi deflagrada a Guerra de Suez¹², como uma expressão de nacionalismo egípcio latente, a qual permearia a atuação de todo o período do Egito *nasserista*.

Diante dos estremecimentos de suas relações com o Ocidente, os quais geraram corte de financiamento à hidrelétrica nacional, e junto de demais nacionalizações, Nasser anunciou, em 1956, a nacionalização da Companhia do canal de Suez, de administração anglo-francesa até aquele momento. Junto do exército israelense, a aliança de Inglaterra e França reagiu ocupando a região de Suez sob a alegação de proteção do canal. Tal invasão não tardou a chamar a

¹¹ Nasser participou ativamente do Golpe de 1952 e, antes de se tornar presidente do Egito em 1954, ocupou os cargos de Vice Primeiro Ministro, Ministro do Interior e Primeiro Ministro.

¹² A Guerra de Suez foi deflagrada pela nacionalização da Companhia do Canal de Suez (até então administrada por britânicos e franceses) sob o comando do presidente egípcio Nasser, em 1956. Em resposta à nacionalização egípcia, a França e a Inglaterra se aliaram a Israel e planejaram um ataque para retomar o controle do canal. A Guerra de Suez é emblemática por representar os jogos de poderes das superpotências (EUA e URSS) envolvidos na região, refletido em suas pressões diplomáticas sob a aliança anglo-francesa para o fim do conflito.

atenção das duas superpotências da Guerra Fria, que temiam dar espaço a novas influências ocidentais na região. As tropas egípcias acabaram derrotadas, mas as pressões políticas externas dos Estados Unidos e da União Soviética sobre a Inglaterra e a França deram a vitória política ao Egito, que teve o Canal de Suez devolvido (SCOTT-BAUMANN, 2010, p.47).

Os dez anos após a Guerra de Suez foram marcados por muitos problemas nas relações internacionais do mundo árabe, resultando em maior discórdia entre os países. Em 1958, Egito e Síria uniram-se na República Árabe Unida¹³, que durou somente três anos devido às divergências e assimetrias entre os governos. Entre outros fatores, a guerra civil eclodiu no Líbano, dando margem a mais agitações conflituosas na região e permitindo intervenção externa. A luta contra Israel, no entanto, como mencionado anteriormente, sempre foi um ponto em comum de todos os países árabes. Em 1964, uma conferência criou a Organização para a Libertação da Palestina (OLP) com o objetivo de unificar as várias frentes de resistência palestina por uma luta mais assertiva. A criação da OLP intensificou os ataques guerrilheiros contra Israel. A resposta de Israel vinha em bombardeios aos países árabes acolhedores de refugiados palestinos (SALEM, 1982, sem paginação).

Outra guerra importante dentro da presente contextualização é a Guerra dos Seis Dias, deflagrada em 1967, quando o Egito proibiu os navios israelenses de passarem pelo Canal de Suez¹⁴ e fez com que a pequena força de paz da ONU se retirasse da península do Sinai e abrisse espaço às centenas de tanques de guerra egípcios, prontos para atacar Israel. As forças armadas israelenses, no entanto, foram mais ágeis e surpreenderam as tropas de Nasser, destruindo em apenas seis dias as defesas egípcias. Tanto a península do Sinai e o Canal de Suez quanto a Faixa de Gaza foram então dominados por Israel (YOUSSEF, 2006). Assim, o Egito passou a contar com o apoio da União Soviética para reconstruir seu exército, enquanto, de outro lado, Israel ampliava sua força militar com o apoio dos Estados Unidos. Ambas as superpotências da Guerra Fria

¹³ A República Árabe Unida, criada em 1958, foi uma importante tentativa do Egito *Nasserista* e da Síria de iniciar um movimento pan-árabe que se posicionasse de forma neutra perante as duas superpotências da Guerra Fria. Logo nas primeiras semanas o Iêmen também passou a integrar a aliança. As assimetrias internas, no entanto, somada à recusa do Iraque em participar da união, resultaram no fracasso do plano (Deutsche Welle).

¹⁴ O Canal de Suez fica no território egípcio e faz a ligação entre o Mar Mediterrâneo e Mar Vermelho. É uma rota de extrema importância econômica, visto que permite a passagem de mercadorias da Europa à Ásia e vice-versa.

possuíam interesses no Oriente Médio, almejando evitar ao máximo a influência uma da outra na região.

Logo após a morte de Nasser em 1970, já sob o comando de Anwar Al Sadat, o exército egípcio protagonizou um dos conflitos regionais mais importantes desde a Segunda Guerra Mundial, a Guerra do Yom Kippur¹⁵. Esta fez transparecer os jogos de interesses envolvidos no cenário regional em questão, à medida que despertou os gigantes EUA e URSS para o aceleração de seu desfecho. O medo de que a Guerra destruísse grande parte do Oriente Médio e abalasse interesses econômicos das potências em toda a região dos países árabes, fez com que os EUA pressionassem Israel para a assinatura do cessar-fogo. O Kremlin russo fez o mesmo com os egípcios e, 17 dias depois do início da guerra, em 24 de outubro, os combates cessaram.

Destaca-se aqui um fator importante da Guerra de Yom Kippur, o qual diz respeito às consequências políticas internacionais do conflito. Depois da guerra, a OLP – Organização para a Libertação da Palestina – conseguiu ser reconhecida internacionalmente como representante oficial do povo palestino, tendo sido admitida como membro observador na ONU em 1974. Além disso, os Estados árabes haviam testado sua capacidade de ataque em conjunto, e o petróleo¹⁶ foi descoberto como um poderoso objeto de barganha: as potências ocidentais foram pressionadas pelos estados árabes produtores do combustível a pararem a ajuda a Israel. A ameaça do corte de fornecimento de petróleo assustou, sobretudo, os poderosos países ocidentais e pôs em risco a parceria estratégica entre israelenses e norte-americanos. Os Estados Unidos, portanto, interessados em acabar de vez com a guerra no Oriente Médio, investiram nas iniciativas de negociações de paz entre Egito e Israel, cujos resultados foram os polêmicos acordos de Camp David, divisores de águas da política externa egípcia e de seu relacionamento com os demais países árabes. (SILVA, 2011; SOUZA, 2003)

A relativa reinserção do Egito no espectro dos países ocidentais, que se verá mais detalhadamente no tópico 4.1.2, dissiparam de certa forma as desconfianças das potências ocidentais e acabaram por amenizar a visibilidade internacional do país, que permaneceu fora de grandes polêmicas ao longo das

¹⁵ Yom Kippur – a guerra ganhou este nome porque os primeiros ataques egípcios e sírios ao território de Israel foram estrategicamente realizados na data do feriado judaico Yom Kippur, que em hebraico significa “dia do perdão” (DUARTE et al. 2014).

¹⁶ Importante ressaltar que data de 1973 a primeira Crise Internacional do Petróleo.

últimas décadas, quando Mubarak estava no presidência. Foi ao longo destes anos, no entanto, de silêncio e censura domésticos (por vezes interpretados como estabilidade política) que as bases da revolta de 2011 tomaram forma, despertando inquietudes políticas de uma hibernação de 30 anos para o protagonismo do que adequadamente ou não ficou conhecido como *Primavera Árabe*. Faz-se aqui, então, o registro da importância do entendimento do período Mubarak no Egito para se compreender a origem e os motivos da revolução em questão. Para a análise da presente pesquisa, entretanto, utilizar-se-á propositalmente do recurso de um *salto temporal*, saindo da ocidentalização proporcionada por Sadat e continuada por Mubarak (tem termos de política externa) e chegando ao Egito contemporâneo, de pós-Mubarak e incerteza política.

2.1.4 Primavera Árabe no Egito

Após tal breve explicação - que retrata a destacada participação do Egito nas guerras do Oriente Médio a partir da segunda metade do século XX –, far-se-á um salto temporal de algumas décadas para tratar de um recorte histórico mais recente, o do início da segunda década do século XXI. Afinal, apesar de toda esta importância na região em que está inserido, do outro lado do globo, pouco se sabe sobre o Egito contemporâneo.

Voltou-se a olhar para o Egito recentemente quando o país ganhou as manchetes das mídias internacionais devido aos levantes populares de 2011 que derrubaram o governo de Hosni Mubarak, e que junto das revoltas de demais países árabes, ficaram conhecidos como Primavera Árabe.

No Egito, dentre os muitos motivos responsáveis pela revolta, estavam o uso do serviço secreto do Estado para reprimir os opositores políticos, a pobreza da população, o enriquecimento rápido e obviamente ilícito dos membros do governo Mubarak (inclusive de familiares do presidente), o índice de desemprego e a falta de melhoras substanciais na educação. (KOROTAYEV; ZINKINA, 2011)

A onda de protestos teve duração de 18 dias no país, e abriu precedente inédito de mobilização de massas via protestos nas ruas que intrigou estudiosos do mundo inteiro, incluindo setores da própria população egípcia. Assim como na

Tunísia, a participação dos jovens foi fundamental para o poder das massas. A comando do governo, a polícia egípcia passou a reprimir os manifestantes, com o objetivo de dispersá-los. Mesmo com as violentas investidas policiais contra os manifestantes, que resultaram inclusive em mortes, os protestos continuaram. Isto é, apesar de temida pela população e famosa pelas práticas de tortura, a polícia militar egípcia não conseguiu impedir o progresso dos levantes, o que fez com que o Exército egípcio fosse convocado.

O nacionalismo¹⁷ do povo egípcio apresentou-se de forma bastante exaltada neste momento, com bandeiras nacionais penduradas nas varandas dos apartamentos, estampadas no rosto e pinturas em muros. As ruas das grandes cidades do Egito ficaram repletas de cores e dizeres nacionalistas. Mubarak renunciou à presidência em 11 de fevereiro de 2011. Em seguida foi preso, acusado de corrupção e da morte de pelo menos 800 manifestantes, visto que estava no comando da polícia militar. A constituição egípcia vigente, então, passou a dar lugar a uma constituição militar provisória.

2.2 Cultura Nacional Egípcia na era Pós-Moderna

Até aqui, a presente pesquisa ateu-se a relatar aspectos históricos da formação do Egito, de maneira a fornecer insumos à construção de percepções do que possa consistir o “Egito” hoje, em visão abrangente. A história antiga imperial, a conquista do território pelos árabes, o mandado britânico e a república

¹⁷ O cenário que fornece a base ao presente estudo - a revolução egípcia de 2011 que depôs o presidente Mubarak - foi marcado por intensa volta de demonstrações de nacionalismo. A bandeira nacional foi largamente utilizada como forma de protesto durante as manifestações e, após a queda do presidente, tornou-se símbolo de vitória popular. Diante do presente estudo, que envolve questões de caráter bastante subjetivo como a análise de percepções e identificações, entende-se válida a exposição de uma definição de “nacionalismo” que corrobore com as construções analíticas de Hall. Nacionalismo: *Em seu sentido mais abrangente o termo Nacionalismo designa a ideologia nacional, a ideologia de determinado grupo político, o Estado nacional (v. NAÇÃO), que se sobrepõe às ideologias dos partidos, absorvendo-as em perspectiva. O Estado nacional gera o Nacionalismo, na medida em que suas estruturas de poder, burocráticas e centralizadoras, possibilitam a evolução do projeto político que visa a fusão de Estado e nação, isto é, a unificação, em seu território, de língua, cultura e tradições. (...) Trata-se de uma ideologia unificadora, elaborada intencionalmente para garantir a coesão do povo no Estado. (...) no sentido estrito do termo, como bem frisou Mário Albertini, a nação não existe. Porém a maioria dos homens acredita na sua existência. Na realidade a finalidade última da operação política resultante na fusão de Estado e nação é justamente a de desenvolver o sentimento nacional, de cultivar a ideia segundo a qual todos os habitantes de um Estado pertencem à mesma nação e que a divisão política entre as nações é algo justo, natural e até sagrado. (...) BOBBIO, N.; MATTEUCCI N.; PASQUINO G. Dicionário de Política. UnB, Brasília, 1998. P. 809-816.*

nacionalista dos anos 50 são alguns dos fatores, pontuados anteriormente, que contribuem para o entendimento dos olhares distantes¹⁸ do que constituiria a “identidade” povo egípcio e sua nação. Eis que surgem os questionamentos cujas interpretações recorrem aos preceitos teóricos que guiarão a pesquisa ao longo das próximas páginas.

Seria possível, então, afirmar que, a partir dos acontecimentos históricos brevemente expostos - mesmo diante de uma pesquisa mais abrangente e profunda dos mesmos -, pode-se chegar a uma conclusão do que *seja* ou de como *é* o Egito? Isto é, seria possível, atribuir ao país uma identidade cultural nacional específica?

Stuart Hall (2006) relativiza tal questão, com base em *desconstruções* que serão elucidadas no que segue, para na sequência sustentar seu argumento principal, que será projetado ao cenário do Egito do início de 2011.

Segundo Hall, no mundo moderno, as culturas nacionais em que nascemos se constituem em uma de nossas principais fontes de identidade cultural. Ao se definir, o indivíduo se diz egípcio, libanês, saudita, etc. como se estas características fizessem parte de sua natureza essencial, isto é, como se estas identidades estivessem impressas em seus genes. Evidentemente não estão, e a autodefinição baseada na nacionalidade trata-se de uma forma metafórica de atribuir referência à origem própria. (HALL, 2006. p 47)

O argumento do autor parte do pressuposto bastante claro, portanto, de que as identidades nacionais não são coisas com as quais nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da *representação*.

Antes de aprofundar nestas ideias, no entanto, deve-se esclarecer que tanto o conceito de *identidade* em si quanto o conceito de *representação* possuem desdobramentos sócio e antropológicos profundos que não se pretende abordar nesta pesquisa. Portanto, a ideia de *representação* aqui, será utilizada de maneira específica, de modo que expresse um conjunto de significados que denotem alguma ideia, seja esta ilusória ou não. Da mesma forma, a *identidade* será abordada como percepção de entendimento de si ou do outro, com foco na

¹⁸ Aqui, quando se fala em olhares ou entendimentos externos ou distantes, refere-se aos ocidentais, posto que a presente pesquisa trata-se de uma análise feita do ponto de vista ocidental.

questão cultural nacional: *identidade nacional* como o resultado do pertencimento de uma construção de cultura nacional unificadora.

Somente se sabe o que é ser egípcio, portanto, devido ao modo como a “egipcidade” veio a ser representada pela *cultura nacional* egípcia. Hall parafraseia Schwarz com o trecho que segue:

Segue-se que a nação não é apenas uma entidade política, mas algo que produz sentidos – *um sistema de representação cultural*. As pessoas não são apenas cidadãos/ãs legais de uma nação; elas participam da *ideia* da nação tal como representada em sua cultura nacional. Uma nação é uma comunidade simbólica e é isso que explica seu ‘poder para gerar um sentimento de identidade e lealdade’. (Schwarz, 1986, p.106, apud HALL, 2006, p. 49)

Hall aprofunda sua tese de que as culturas nacionais não passam de representações à medida que reforça a questão de que consistem ideias construídas no imaginário da coletividade:

As culturas nacionais, ao produzir [sic] sentidos sobre ‘a nação’, sentidos com os quais podemos nos *identificar*, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas histórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas. Como argumentou Benedict Anderson (1983), a identidade nacional é uma ‘comunidade imaginada’. (HALL, 2006, p. 51, grifo do autor)

Segundo Hall (2006), portanto, a narrativa de uma *cultura nacional* é composta de muitos elementos utilizados como estratégias discursivas para que se forme imaginariamente uma unidade e um sentimento nos indivíduos de pertencimento. Dentre os elementos que podem ser destacados e que compõem a ideia de *cultura nacional* está a *narrativa da nação*, isto é, tal como são contados os fatos históricos do país no estudo da história e nas obras literárias nacionais – Egito como o grande império do mundo antigo, criador das pirâmides, centro comercial do império Otomano, líder regional defensor do anti-imperialismo europeu, país comunicador de idioma árabe simplificado, etc. Cada nação, portanto, tem sua forma de construir sua narrativa.

Além de *desconstruir* as identidades culturais nacionais como questões sólidas e bem definidas, Stuart Hall enfatiza o caráter não unificado destas

culturas. Segundo o autor, o sentimento de pertencimento e a lealdade que os indivíduos possuíam em sociedades mais tradicionais em relação às suas tribos, seus povos e sua religião, foram transferidos¹⁹ de maneira gradual às, distintamente modernas, culturas nacionais. As diferenças étnicas e regionais foram, então, sendo colocadas, subordinadamente, sob aquilo que Gellner (1983) chama de “teto político” do Estado, de forma que o mesmo se tornasse uma poderosa fonte de significados para as identidades culturais modernas. (HALL, 2006, p. 49)

Não importa quão diferentes seus membros possam ser em termos de classe, gênero ou raça, uma cultura nacional busca unificá-los numa identidade cultural, para representá-los todos como pertencendo à mesma e grande família nacional. (HALL, 2006, pág. 59)

No entanto, não se pode dizer que uma identidade nacional é uma identidade unificadora que anula e subordina a diferença cultural. Hall defende que as culturas nacionais devem ser pensadas como parte de um dispositivo discursivo que representa a diferença como unidade ou identidade. Isto é, deve-se ter em mente que a “unificação” acontece apenas através do exercício de formas de poder cultural, sendo a cultura nacional, na verdade, um conjunto de identificações atravessado por profundas divisões e diferenças internas. A representação unificada das identidades nacionais, no entanto, continua a vigorar, servindo como elemento propulsor do sentimento de pertencimento nacional. (HALL, p. 62)

Com ambas as *desconstruções* elucidadas acima – de as culturas nacionais como meras representações (comunidades imaginadas) e de as mesmas não serem tão unificadas como parecem ou pretendem – compreende-se o caráter vulnerável, atribuído por Hall, da *identidade nacional*. Em um país como o Egito, que por fatores como sua localização geográfica foi atravessado por diversos povos ao longo dos séculos (história formada por muitos movimentos migratórios e invasões), fica ainda mais difícil se trabalhar com a identificação de

¹⁹ Quanto a este processo de *transferência* (em que entidades nacionais englobam locais), Hall atém-se, em sua tese, às suas constatações nas *sociedades ocidentais*. Devido à ambiguidade de comportamento político e cultural do Egito, entretanto, a presente pesquisa projeta tais *transferências de lealdade* ao cenário recente do Egito, propiciador de importantes reviravoltas políticas.

uma *identidade nacional* única, independentemente da perspectiva de análise adotada²⁰. Mesmo assim, as identidades são buscadas, e as *representações* são necessárias para que estas respostas sejam ilusoriamente encontradas.

De forma breve, então, e recapitulando o histórico abordado no início do presente capítulo, pode-se dizer que o Egito é uma nação bastante antiga, que abrigou o primeiro império da humanidade, e que, dona de um patrimônio histórico fantástico, recebe turistas do mundo todo em visita à suas pirâmides e esfinges. É um país atualmente árabe, e desempenhou papel determinante na união dos demais Estados árabes no período do pós-Segunda Guerra Mundial, protagonizando movimentos e liderando iniciativas em prol do fortalecimento e autodeterminação dos povos árabes, em declarado posicionamento contrário ao imperialismo ocidental. Seu comportamento político contraditório em relação aos Estados Unidos na década de 70 e 80 resultou em polêmica regional que o afastou da Liga Árabe que ajudara a criar. Anos depois, recuperou seu lugar na organização e seguiu, até a atualidade, como líder cultural do Oriente Médio.

A recente ocorrência da Primavera Árabe no Egito, a qual também será chamada ao longo do presente trabalho de Revolução Egípcia, entra então na história do país acompanhada de uma desestruturação política há tempos não vivenciada pelo povo egípcio.

A deflagração da Revolução neste início de século altamente globalizado – em que a transmissão de informação instantânea e a diversidade de fontes desempenham papel definitivo nas novas formas de estabelecer e assimilar relações regionais e internacionais – faz surgir questões quanto à natureza do evento em questão. Como componente de um cenário globalizado e possivelmente resultado desta globalização, então, a Primavera Árabe pode estar servindo, ou vir a ser reconhecida no futuro, como um fator propulsor de transformação de percepções de identidade nacional, não só em relação ao olhar externo, mas também do ponto de vista interno.

²⁰ Uma curiosidade, a qual pode ser relacionada com a questão das intensas migrações vivenciadas ao longo da história no Egito, é que dos cinco egípcios entrevistados, apenas um afirmou não saber de ascendência estrangeira. Os outros quatro, disseram pertencer a linhagens vindas da Grécia, Inglaterra, Kuwait e Turquia.

2.2.1 Pós-modernidade

Antes de prosseguir com as desconstruções de Stuart Hall, as quais serão aplicadas ao cenário recente da Revolução Egípcia de 2011, faz-se importante o esclarecimento de como será trabalhado o conceito “pós-modernidade”, o qual emoldurará toda a análise que se seguirá nas próximas páginas.

Dentro deste contexto que trata de identidades nacionais construídas e percepções ilusórias de unidade nacional, falar em “pós-modernidade” requer uma maior especificidade do que se pretende realmente abordar, a fim de que se esclareça, ao menos parcialmente, a subjetividade sugerida pelo conceito.

Antes de falar especificamente sobre a pós-modernidade, destaca-se um importante esclarecimento acerca da proposta da presente pesquisa, que se utiliza das forças da globalização – desafiadoras de fronteiras – para confrontar o não tão bem definido maniqueísmo simbólico (neste caso, não geográfico) entre Ocidente e Oriente.

Assim sendo, deve-se ter em mente que o entendimento do que seja a *pós-modernidade* é fundamentalmente importante para a contextualização dos movimentos de transformações de percepções e identidades que passam a ser observados na história recente das sociedades, como teoriza Hall. Neste sentido, a própria conceituação da pós-modernidade deriva das tentativas de se dar sentido à emergência do pós-modernismo e às mudanças que ocorrem na cultura das sociedades *ocidentais* contemporâneas. (FEATHERSTONE, 1990) Quanto a esta questão ocidental, não é difícil perceber que a globalização está bastante atrelada a este processo de modernização a que o conceito de (pós) moderno, aqui, está associado. O entendimento destas relações explica em muito a alocação de tais fenômenos no espectro do Ocidente, mesmo que suas ocorrências não estejam restritas geograficamente a nenhuma parte específica do globo. Isso explica o porquê da alocação do ocidente na teoria de Stuart Hall (2006), a qual se propõe a analisar movimentos específicos de identidades culturais em sociedades pós-modernas ocidentais. Um dos grandes desafios desta pesquisa – que consiste também uma de suas inovações – é a consideração de que o aspecto levemente híbrido da sociedade secularizada e globalizada no Egito propicia margem à teorização de que, mais do que em outras

sociedades do Oriente, o mesmo possa representar um bom cenário à aplicação de estudos que não teorizam propriamente sobre o globalizado Oriente.

Quanto ao termo “pós-modernidade”, propriamente dito, da mesma forma que “pós-moderno” e “pós-modernismo”, este remete inevitavelmente a uma indefinição conceitual, que divide intelectuais acerca de seu significado específico e sua validade acadêmica. A conseqüente versatilidade do “pós-moderno” o insere como tendência nos mais diversos campos de estudo. Segundo o sociólogo britânico Mike Featherstone (1990), a ordem de fenômenos que geralmente se incluem sob a capa do conceito “pós-modernismo” é vasta, incluindo desde o campo das artes, arquitetura, música, cinema e literatura, até teoria crítica literária, filosofia, antropologia, sociologia, geografia e fotografia (entre outros).

Para explicar a inerente má definição do conceito, Featherstone (1990), faz uma análise semântica do termo. Atentando-se, portanto, diretamente à palavra *pós-moderno*, tendo-se *moderno* como um termo genérico e o prefixo *pós* com o significado do que *vem depois*, desde logo se entende que o *pós-moderno* traz um corte ou uma ruptura com o *moderno*, de forma que haja um contraponto entre ambos. O *pós-modernismo*, então, basear-se-ia numa negação/abandono do moderno, num distanciamento perceptível face às características do moderno, com forte ênfase no sentido do afastamento entre ambos os termos. Isto faria do pós-moderno um conceito intrinsecamente mal definido, visto que se avalia de um limiar de uma alegada transformação, em uma posição que impossibilita a visão do pós-moderno de forma completamente independente, não podendo este ser definido por direito próprio (FEATHERSTONE, 1990).

A grande questão do *pós-moderno*, desdobrado em estrutura ou em movimento/estilo – pós-modernidade e pós-modernismo, respectivamente –, entretanto, é sua capacidade para falar sobre algumas mudanças culturais com que se depara na atualidade, e é justamente este o ponto de conexão que o torna essencial na presente pesquisa.

Destarte, entre aqueles estudos que trabalham ignorando a existência do termo e os outros que, de maneira contrária, procuram desenvolvê-lo, promovendo-o ativamente, a presente pesquisa posiciona-se de maneira relativamente neutra. Não se pretende aqui defender um conceito claro e contundente do que seja a pós-modernidade, mas apenas fazer uso da mesma e

explorá-la na medida em que é utilizada por Hall (2006) em sua contextualização teórica.

Na presente pesquisa, então, o termo se trata do conceito atribuído por Stuart Hall, o qual utiliza o cenário pós-moderno global para o desenvolvimento de suas teorizações acerca das transformações das identidades culturais nacionais, referencial teórico fio condutor do presente trabalho, e que será mais detalhadamente elucidado nos itens a seguir. Desta forma, é importante ter em mente o aspecto *periodicidade* da pós-modernidade que diz respeito à nova ordem mundial surgida após o fim da Segunda Guerra Mundial, quando sistemas de produção sofreram transformações definitivas para o estabelecimento de novos padrões socioculturais.

Para Stuart Hall (2006), um dos aspectos da questão das novas e atuais identidades está relacionado ao caráter da mudança na modernidade tardia, processo transformador este o qual também pode ser compreendido por “globalização”. A pós-modernidade consiste, neste caso, então, na estrutura que comporta os revolucionários processos de mudança, gerados e também propiciadores – ontologicamente – pela e da modernidade tardia. A pós-modernidade, que pode adiante ser simplificada apenas por modernidade tardia, então, é considerada como o cenário (ou estrutura) do impacto da complexidade de forças denominada globalização sobre as identidades culturais.

Para exemplificar as discontinuidades cuja modernidade tardia implica, Hall faz paralelo às distintas interpretações de três autores, em relação a esta modernidade: Anthony Giddens, David Harvey e Ernest Laclau.

Giddens cita, em particular, o ritmo e o alcance da mudança – ‘à medida em que áreas diferentes do globo são opostas em interconexão umas com as outras, ondas de transformação social atingem virtualmente toda a superfície da terra’ - e a natureza das instituições modernas (Giddens, 1990, p. 6). (...) David Harvey fala da modernidade como implicando não apenas ‘um rompimento impiedoso com toda e qualquer condição precedente’, mas como ‘caracterizada por um processo sem-fim de rupturas e fragmentações internas no seu próprio interior’ (1989, p.12). Ernest Laclau (1990) (...) As sociedades da modernidade tardia, argumenta ele (Laclau), são caracterizadas pela ‘diferença’; elas são atravessadas por diferentes divisões e antagonismos sociais que produzem uma variedade de diferentes ‘posições de sujeito’ - isto é, identidades - para os indivíduos. Se tais sociedades não se desintegram totalmente não é porque elas são unificadas, mas porque seus diferentes

elementos e identidades podem, sob certas circunstâncias, ser conjuntamente articulados. (HALL, 2006, pp.15 -17)

Apesar de Giddens, Harvey e Laclau oferecerem leituras um tanto distintas acerca da natureza da mudança no mundo pós-moderno, suas teorizações possuem uma linha comum no que se refere às discontinuidades da modernidade tardia. Segundo Hall “(...) suas ênfases na discontinuidade, na fragmentação, na ruptura e no deslocamento contêm uma linha comum. Devemos ter isso em mente quando discutirmos o impacto da mudança contemporânea conhecida como ‘globalização’”. (Hall, op. cit., 18)

Em complemento, traz-se aqui a definição de Featherstone (1990) sobre o *pós-moderno*, classificado em três compreensões que contribuem para o esclarecimento do conceito na forma como será utilizado na pesquisa, em especial os dos itens *b)* e *c)* a seguir:

Tal (o pós-moderno) pode ser entendido em termos: a) dos campos artístico, intelectual e acadêmico (mudanças nos modos de teorização, apresentação e divulgação do trabalho que não se podem separar das mudanças nas lutas concorrenciais específicas que ocorrem em cada campo particular); b) das mudanças na esfera cultural mais ampla envolvendo os modos de produção, consumo e circulação dos bens simbólicos os quais podem relacionar-se com transformações mais amplas nos equilíbrios de poder e nas interdependências entre os grupos e as facções de classe de ambos os níveis, intra e inter-sociais; c) das mudanças nas práticas quotidianas e experiência dos vários grupos que como resultado de alguns dos processos mencionados acima podem estar a utilizar diferentes formas de sistemas de significação e a desenvolver novos meios de orientação e estruturas de identidade. (FEATHERSTONE, 1990, p.104)

2.2.2 Primavera Globalizada

A multifacetada e ainda pouco conhecida pós-modernidade, então, abre caminhos ao acontecimento de novos fenômenos, assim como a novas formas de se perceber o mundo ao redor. A Primavera Árabe, que abalou regimes de governo (aparentemente estáveis) de diversos países do Oriente Médio, é um exemplo de fenômeno inédito, que se utilizou largamente dos recursos disponibilizados pela globalização do século XXI para atingir suas

impressionantes proporções. Para tal compreensão, é importante entender do que se trata a tal “primavera”, começando inclusive pelo próprio termo.

O termo “Primavera Árabe” foi difundido pela mídia internacional para alcinhar a onda de levantes populares iniciados na Tunísia e que se alastraram rapidamente pelos demais países do Oriente Médio, tendo início entre 2010 e 2011.

A ideia da *primavera* é uma metáfora expressiva para descrever estes acontecimentos, se tomarmos como referência as zonas temperadas do globo, em que as quatro estações do ano são bem definidas. A primavera traduz-se no despertar da natureza após os rigores do inverno. É a vida que volta a brotar da terra adormecida. A *primavera árabe*, despertar de povos submetidos a governos de caráter autoritário, não é de modo algum um movimento com sentido único, deve ser reconhecida a pluralidade de questões que estão colocadas nos diferentes focos de insatisfação. O que há em comum nas diversas manifestações? Homens e mulheres que exigem “reformas políticas” e, sobretudo, melhores condições de vida. (GOMES, 2011, sem paginação).

O título “Primavera Árabe” faz também alusão a importante momento da história ocidental, a Primavera dos Povos – ou, Revoluções de 1848 –, série de revoluções que abalaram as monarquias da Europa central e oriental em 1848, tendo como característica o nacionalismo das minorias, e a aversão aos regimes governamentais autocráticos.

Em alguma medida é possível estabelecer analogias entre a *Primavera de 1848* e as convulsões no mundo árabe. Em primeiro lugar, deve-se recordar que os anos 1846-1847 foram marcados pela baixa produção agrícola e por uma crise industrial que geraram escassez de alimentos e desemprego. Além disso, as populações dos países em que ocorreram levantes estavam submetidas a regimes autoritários e, em alguns casos, sujeitos à dominação estrangeira. Por fim, outro aspecto característico de 1848 foi a difusão do espírito de contestação por várias nações, o “efeito dominó” que transformou insurreições inicialmente localizadas em um acontecimento de grandes proporções. (Ibid, sem paginação)

Diferentemente dos acontecimentos de 1848, no entanto, as revoluções da Primavera Árabe contaram com pano de fundo pós-moderno, de rápida

transmissão da informação e difusão da tecnologia da informação sem precedentes.

Tão logo os levantes começaram a ocorrer, a mídia internacional junto de analistas, em julgamento sucinto, identificou a essência das manifestações como sendo a luta pela democracia, com três principais objetivos: exigir o direito da liberdade de expressão; denunciar os governos corruptos; e clamar pela conquista da igualdade, esta última expressa ora pela justiça social ora pelo fim da desigualdade social. Em meio aos acontecimentos, portanto, o título *Primavera* já estava dado, e mais do que isso, incorporado.

Alguns fatores semelhantes entre os governos dos países árabes que sofreram as revoltas populares entre 2010 e 2011 podem ser facilmente identificados, como o controle militar de governos ditatoriais, o longo histórico de repressão aos opositores políticos, o domínio dos clãs na sociedade (elites políticas, religiosas e econômicas), a corrupção generalizada dos sistemas de governos, etc. Como consequência natural disso, houve, ao longo dos anos, o agravamento de um quadro de ausência de liberdade de expressão, ausências de democracia e de políticas públicas voltadas para combater a pobreza. Como agravante à situação social bastante degradada destes países, a ocorrência da crise econômica global²¹ de 2008, deflagrada pela quebra do mercado imobiliário norte-americano, desestabilizou politicamente estes países árabes como a Tunísia, o Egito, a Líbia e a Síria, com o aumento da inflação e das taxas de desemprego.

Apesar das fortes conturbações políticas na Tunísia que clamavam pelo fim do desemprego e pela melhora da condição de vida, a proporção das manifestações ganhou outro significado quando as mesmas se iniciaram no Egito. Aliado dos Estados Unidos desde os anos 80 e líder cultural do mundo árabe, a revolução no Egito abria as portas de toda a região árabe à incerteza das mudanças políticas. Em outras palavras, a situação egípcia de revolução configurava por si só uma mudança radical dentro do conjunto dos países árabes. Assim, mais do que a Tunísia, cuja localização dentro do mundo árabe é periférica, o Egito estaria abrindo um precedente de revoltas impressionante, que

²¹ A Crise econômica iniciada em 2008 é um fator bastante importante para a compreensão do processo histórico do qual faz parte a Primavera Árabe.

desencadearia de vez o *efeito dominó* das insurreições populares no Oriente Médio, como se verificou na sequência.

O “efeito dominó” provocou o surgimento de revoltas simultâneas, e diversos levantes populares estouraram em distintos países ao mesmo tempo. A união da população em torno das manifestações passou a ser em muito concretizada através dos novos meios de comunicação via internet, o que revolucionou a forma de engajamento das coletividades em torno de um objetivo comum. As novas ferramentas da tecnologia da informação e comunicação – destaque para as mídias sociais – foram largamente utilizadas para organizar e recrutar pessoas à mobilização popular, auxiliando os manifestantes com o rompimento da censura. Desta forma, a internet potencializou e acelerou a ampla mobilização popular, de maneira que o tradicional controle da informação pelos Estados ditatoriais ficou impossibilitado. Uma das medidas emergenciais tomadas pelo governo egípcio no início dos protestos de 2011, por exemplo, foi o corte à internet. A esta altura, no entanto, a organização das massas já estava muito avançada, e as breves e irregulares interrupções à internet não puderam contê-las. Cartazes com símbolos de mídias sociais eram exaltados nas ruas como forma de protesto à tentativa de censura. Quanto mais dificuldades o governo impunha às manifestações, mais reivindicações surgiam, e mais poderosos os levantes se tornavam.

Da mesma forma que o avanço da globalização permitiu a comunicação intensa entre os manifestantes, o mesmo permitiu que o mundo inteiro tomasse conhecimento imediato dos acontecimentos domésticos através da atuação da mídia internacional. No entorno da famosa Praça Tarhir no Cairo – que acabou tornando-se símbolo da revolução –, apartamentos eram alugados por emissoras das mais diversas nacionalidades.

Não se pretende dizer aqui, entretanto, que as manifestações da Primavera Árabe no Egito não teriam sido tão intensas e “eficazes” se não tivessem ocorrido neste início de século – em que os avanços tecnológicos nas comunicações permitem uma maior conectividade global a cada dia. O que se procura evidenciar é apenas que, independentemente de sua intensidade, a Primavera Árabe teria sido outra se não pudesse contar com a agilidade da informação dos dias de hoje, e, sobretudo, com o determinante fator internet.

2.3 Efeitos da globalização sobre a identidade nacional

A globalização²², portanto, reinventa fenômenos históricos à medida que acrescenta aos mesmos, a cada ano que passa, um maior fluxo de troca de informações imediatas. O presente tópico se propõe a elucidar o argumento de Stuart Hall acerca dos efeitos da globalização sobre as *identidades nacionais*. Como visto anteriormente, para Hall (2006), uma cultura nacional consiste em um conjunto de significados imaginados e construídos pelo discurso que procuram dar forma a uma unificação, ilusória, de demais identificações culturais. Postas estas premissas, o autor inicia o seu terceiro e principal argumento de discussão, o que leva a crer que as identidades culturais estão sofrendo deslocamentos²³. Em sua obra “A identidade Cultural na Pós-Modernidade” (2006), Hall escreve a partir de uma posição basicamente simpática à afirmação de que as identidades modernas estão sendo “descentradas”, isto é, deslocadas ou fragmentadas.

Para ele, estes deslocamentos das identidades nacionais do século XX são um processo cada vez mais comum à medida que a globalização se aprofunda. As transformações acontecem simultânea e contraditoriamente, gerando às identidades nacionais o que Hall trata como *consequências da globalização*. Estas consequências são classificadas, em sua obra, em três: De um lado as identidades locais estão se homogeneizando e se tornando cada vez mais diluídas; de outro, estão se fortificando e se reafirmando como forma de resistência à homogeneização; e por fim, novas identidades (híbridas) estão surgindo.

Quanto à homogeneização das identidades locais, Hall explica:

À medida em que as culturas nacionais tornam-se mais expostas a influências externas, é difícil conservar as identidades culturais intactas ou impedir que elas se tornem enfraquecidas através do bombardeamento e da infiltração cultural. (...) Quanto mais a vida social

²² A sintética definição de Hall em relação ao termo globalização faz-se conveniente por explicar de maneira sucinta o caráter que está sendo extraído do conceito: um complexo de processos e forças de mudanças, que vem se intensificando de meados do século XX para cá (HALL, 2006, p. 67).

²³ Lembrando que, na análise dos próximos capítulos, referente às entrevistas, não se estará tratando propriamente de transformação ou deslocamento de identidades, mas, sim, de alterações de percepções específicas de identidade que, no longo prazo, podem vir a corroborar ou não para os deslocamentos *identitários* de que trata Stuart Hall.

se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as identidades se tornam desvinculadas – desalojadas – de tempos, lugares, histórias e tradições específicos e parecem ‘flutuar livremente’ (HALL, 2006, pp. 74-75).

Rebatendo seu próprio argumento, e expondo algumas críticas ao que seria uma radical homogeneização, Hall defende a improbabilidade da simples destruição das identidades nacionais pela globalização. Assim, segue para a segunda *consequência da globalização*, a de as identidades nacionais e outras identidades ‘locais’ ou particularistas estarem sendo *reforçadas* pela resistência à globalização.

O fortalecimento de identidades locais pode ser visto na forte reação defensiva daqueles membros dos grupos étnicos dominantes que se sentem ameaçados pela presença de outras culturas. No Reino Unido, por exemplo, a atitude defensiva produziu uma ‘inglesidade’ reformada (...) numa tentativa de escorar a nação e reconstruir ‘uma identidade que seja una, unificada, e que filtre as ameaças da experiência social’ (Sennett 1971, p. 15 apud HALL, 2006, p. 85).

A terceira consequência da globalização apontada por Hall, que se refere ao declínio de identidades nacionais tradicionais, com o surgimento de novas identidades – estas híbridas – em seu lugar, é exemplificada pelo autor através da criação de novas percepções consequentes de contextos sociais específicos.

(...) há algumas evidências da terceira consequência possível da globalização – a produção de *novas* identidades. Um bom exemplo é o das novas identidades que emergiram nos anos 70, agrupadas ao redor do significante *black*, o qual, no contexto britânico, fornece um novo foco de identificação *tanto* para as comunidades afro-caribenhas *quanto* para as asiáticas. O que essas comunidades têm em comum, o que elas representam através da apreensão da identidade Black, não é que elas sejam cultural, étnica, linguística ou mesmo fisicamente, a mesma coisa, mas que elas são vistas e tratadas como ‘a mesma coisa’ (isto é, não brancas, como o ‘outro’) pela cultura dominante. (...) O *black* é, assim, um exemplo não apenas do caráter posicional e conjuntural (sua formação em e para tempos e lugares específicos) mas também do modo como a identidade e a diferença estão inextricavelmente articuladas ou entrelaçadas em identidades diferentes, uma nunca anulando completamente a outra. (HALL, 2006, p. 86-87, grifo do autor)

O trecho acima evidencia a importância da percepção do outro para um tipo de construção de identidade. Quem pertencia ao *Black* assim o era somente por ser *considerado* Black por outros, independentemente do que os membros do suposto grupo pensavam de si. Os *Black* podem estar, analogicamente, se tratando dos árabes, dos africanos, dos egípcios, etc., de forma que a ideia de identidade mostre-se novamente extremamente relativa.

Pela perspectiva apresentada por Stuart Hall, a conclusão que se chega após estes argumentos é de que, apesar de contraditória, a globalização realmente possui o efeito de contestar e deslocar as identidades centradas e fechadas de uma cultura nacional.

Ela (a globalização) tem um efeito pluralizante sobre as identidades, produzindo uma variedade de possibilidades e novas posições de identificação, e tornando as identidades mais posicionais, mais políticas, mais plurais e diversas; menos fixas, unificadas ou trans-históricas [sic] (Ibid, p.87).

Diante deste último excerto, lança-se a questão a ser discutida nos dois próximos capítulos, e a ser finalizada ao fim da presente análise. Teria a Revolução Egípcia da Primavera Árabe agido como um agente da globalização (nos termos colocados pela teoria de Stuart Hall) e gerado efeitos de transformação sobre as percepções de identidade nacional dos egípcios entrevistados?

Discorrida a visão de Stuart Hall (2006) acerca das mudanças às quais as identidades culturais nacionais estão sujeitas no mundo pós-moderno, cujas forças da globalização imperam, e feito um panorama geral de construção perceptiva ocidental do Egito com base em fatores históricos e políticos, pode-se passar à parte da presente pesquisa que trabalhará com percepções nacionais atuais de jovens egípcios em relação ao seu país e povo.

3 PERCEPÇÕES DE UMA REALIDADE EM TRANSFORMAÇÃO: ANÁLISE DE PESQUISA QUALITATIVA

O presente capítulo trata de fornecer as informações empíricas e perceptivas acerca do tema *Percepções da Primavera Árabe no Egito*, através da explanação de cinco entrevistas realizadas com jovens egípcios. Para isso, o mesmo será dividido em duas seções: uma que elucida a forma com que se deu o desenvolvimento da pesquisa qualitativa em si – entrevistas, formulação de roteiro, interpretação de discursos, traduções e escolha dos entrevistados – e a outra que trata do conteúdo empírico extraído das entrevistas – opiniões, impressões individuais, relatos de experiências, etc.

O roteiro das entrevistas, as quais compõem grande parte do presente capítulo, foi elaborado a partir das presunções da autora em relação à projeção da teoria de Stuart Hall ao cenário da recente Revolução Egípcia de 2011. Desta forma, as perguntas realizadas aos entrevistados se propõem a contribuir para a análise *stuartiana* de suas percepções acerca da Primavera Árabe, assim como para traçar seus perfis e facilitar a interpretação de suas opiniões. A relação entre o formato das entrevistas e a teoria de Stuart Hall em questão – base da presente pesquisa e elucidada no capítulo anterior – se apresentará de forma mais clara no item 3.1.3 referente mais especificamente ao roteiro das entrevistas.

3.1. Desenvolvimento da pesquisa

3.1.1 As Entrevistas

Para o sucesso da pesquisa, a troca de informações e compreensão de aspectos vivenciais, emocionais e reflexivos que só podem ser obtidos com a contribuição dos sujeitos envolvidos, é essencial. A entrevista, neste sentido, se apresenta como método privilegiado de troca de informações, possibilitando percepções e interpretações variadas que podem acrescentar maior verossimilhança às respostas. (SCHUCMAN, 2006, p.7-8)

Além disso, o tipo de contato entre os interlocutores durante uma pesquisa (pesquisador e pesquisado) interfere diretamente nas informações concedidas e transmitidas. Considerando-se o caráter de interação social da entrevista, em que entrevistador e entrevistados interagem face a face, temos que a natureza da

relação entre ambas as partes exerce influência sobre o desenrolar da pesquisa. Sendo assim, prezou-se pela seleção de entrevistados com os quais a autora do presente trabalho já possuía uma relação de confiança, e vínculo de amizade, evitando a posição simbólica de 'entrevistadora estrangeira', de modo a exercer o mínimo de influência possível em seus eventuais nacionalismos extraordinários.

Uma entrevista é uma relação social entre pessoas, com suas convenções próprias, cuja violação pode destruí-la. Fundamentalmente, espera-se que o entrevistador demonstre interesse pelo informante, permitindo-lhe falar o que tem a dizer sem interrupções constantes e que, se necessário, proporcione ao mesmo tempo alguma orientação sobre o que discorrer. Por baixo disso tudo está uma ideia de cooperação, confiança e respeito mútuos. (THOMPSON,1992, pp. 270-271)

O processo das entrevistas envolveu um exercício de posicionamento neutro momentâneo, com escuta atenciosa, e respeito aos sujeitos e ao conteúdo por eles apresentado, visto que o momento da conversa neste processo de pesquisa propicia a possibilidade de reflexão, aprendizado e novas atribuições de significados de valores e ideias dos próprios sujeitos. No papel de pesquisadora, ao longo das entrevistas, a autora do presente trabalho se questionou e reconsiderou algumas questões, e por isso entende ser também parte fundamental da própria situação de pesquisa.

A interação face a face foi, nesta pesquisa, emoldurada com a cara do período pós-moderno que fala Stuart Hall, visto que utilizou tão somente de tecnologia moderna para ocorrer. As entrevistas desta pesquisa foram feitas via *Skype*²⁴, com as câmeras de ambos os lados ligadas, haja vista a distância geográfica de ambos os interlocutores e a impossibilidade de suprimi-la fisicamente.

3.1.2 Traduções e Transcrições

A escuta extensa e analítica requerida pelas pesquisas qualitativas sobre as compreensões a partir das falas dos entrevistados, foi exercitada com a ajuda do recurso de gravação das entrevistas através de um programa de computador

²⁴ Programa de chamadas de áudio e vídeo via internet.

que grava os áudios e as imagens que aparecem na tela durante a conversa online.

Uma das dificuldades encontradas, e que certamente influencia muito na interpretação das informações e nas análises da presente pesquisa, é que todos os entrevistados, exceto um, não falam português, e o inglês, língua pela qual ocorreu a comunicação das entrevistas, é, assim como para mim, sua segunda língua, não perfeitamente dominada, apesar de fluente.

Isto é, deturpações devido às diferentes expressões e vocábulos empregados podem facilmente acontecer, mesmo que se tenha tentado evitá-las ao máximo, aumentando em diversas vezes de improviso o número de perguntas para ter certeza que a interpretação das respostas estava o mais próximo do correto.

Em outras palavras, tentou-se ao máximo derrubar a barreira do idioma com suas infinitas possibilidades de defasagem, apesar de não ser possível que a entrevista tenha a mesma exatidão do que se as perguntas tivessem sido feitas em português e as respostas fossem em árabe - língua nativa de todos os entrevistados.

O trabalho de transcrição das entrevistas, portanto, foi diferenciado do padrão utilizado em pesquisas qualitativas em que entrevistador e entrevistado falam o mesmo idioma, ou dominam com maestria um idioma comum. Trabalhou-se as transcrições preocupando-se mais com as ideias transmitidas, do que com as palavras utilizadas. Como, da mesma forma que os entrevistados, a autora não é falante nativa da língua inglesa, a mesma pôde entender sem muita dificuldade muitas das ideias não tão bem expressas em inglês, aprofundando nas perguntas e pedindo alguns exemplos.

3.1.3 Roteiro da entrevista

Quanto ao roteiro da entrevista, procurou-se delimitar focos que estivessem relacionados a uma percepção de autodeterminação dos entrevistados junto à coletividade egípcia, pontuando como fator importante o acontecimento da Revolução no Egito durante a Primavera Árabe, de forma que o mesmo fosse eventualmente relacionado à suas percepções atuais sobre seu povo. O objetivo principal das entrevistas, como já citado, é compreender se a Revolução Egípcia

da Primavera Árabe alterou de alguma forma a percepção de quem é povo egípcio contemporâneo para os jovens egípcios entrevistados. Com este foco geral, traçou-se os demais objetivos específicos: a) entender o que significou a Primavera Árabe do Egito para os entrevistados egípcios em questão; b) perceber se os entrevistados, como cidadãos egípcios, percebem a importância simbólica do acontecimento no Egito frente a todo mundo árabe; e c) entender quem eles pensavam ser os egípcios antes a Primavera Árabe e o que pensam agora.

Desta forma, o roteiro da entrevista (apêndice A) ficou dividido em três partes/segmentos, em cujas perguntas foram distribuídas: 1 – Impressões sobre a Primavera Árabe; 2 – Egito no Mundo Árabe; e 3 – Egípcios do Pós-revolução; sem que tal classificação fosse apontada e sequer lida aos entrevistados, a fim de menos os influenciar.

Os seis itens contemplados na primeira parte (Impressões sobre a Primavera Árabe), procuraram avaliar a expectativa dos entrevistados acerca dos levantes de 2011, assim como apurar a maneira como tomaram conhecimento ou não do que estava prestes a acontecer no país. Neste sentido, a existência de uma expectativa concreta poderia indicar uma percepção de identidade nacional sólida, já pré-disposta a posicionamentos políticos ativos, por exemplo.

Da mesma forma, os itens da primeira divisão investigam como se deram as participações dos entrevistados nos protestos, de forma a conhecer melhor seus posicionamentos e seus sentimentos em relação à revolução, com o objetivo de se compreender, respectivamente, um pouco mais sobre formação de suas opiniões e a melhor forma de interpretar seus discursos.

Os três itens seguintes são contemplados pela divisão Egito no Mundo Árabe, que objetivou identificar o quão clara era, aos entrevistados, a percepção de papel destacado de seu país – cultural e politicamente – meio à região do Oriente Médio composta por demais nações árabes. As perguntas, então, objetivaram captar se havia o entendimento dos entrevistados de que a Primavera Árabe especificamente em seu país estaria servindo de alavanca propulsora de abalos políticos em demais países da região, de forma que, em análise interpretativa à luz de Stuart Hall, configurasse um agente da globalização transformador de realidades e, conseqüentemente, de percepções.

A terceira parte, finalmente, trata das percepções de identidades em si, procurando estabelecer pontes entre os acontecimentos da revolução e a forma

de se entender como cidadão egípcio. Os itens que compõem este segmento, portanto, trazem informações específicas relacionadas a estas correlações, propondo-se a decifrar se a revolução no Egito iniciou um processo de transformações de identidades, a começar por novas percepções, como indica a teoria de Stuart Hall (2006).

3.1.4 Análise

A análise das entrevistas teve como foco norteador a compreensão dos entrevistados do que é “ser egípcio” antes e depois da revolução de 2011, a fim de compreender a ideia que tinham de seu povo e como incorporaram o real acontecimento de uma revolta no país, assim como a compreensão da noção de identidade deste coletivo “povo” na visão de jovens.

Os materiais desta análise foram basicamente as transcrições dos áudios das entrevistas gravadas no ‘Skype’. Já na primeira entrevista, uma das hipóteses primárias da autora foi confrontada²⁵, fazendo com que na entrevista seguinte a mesma se desfizesse de qualquer expectativa de resposta e ajustasse a neutralidade das perguntas para não induzir o sujeito.

Nesta pesquisa, não se priorizou a investigação de como se deu a constituição de uma possível identidade egípcia para cada um dos entrevistados, sem que houvesse atenção especificamente à suas histórias pessoais e seu passado individual. Procurou-se cobrir esta nuance com perguntas como a da ascendência familiar, as profissões dos pais, e os ídolos que tinham em seu país, da mesma forma como as primeiras imagens e palavras que surgiam em suas mentes ao pensarem em “Egito”.

De qualquer maneira, por se tratarem de pessoas amigas, a autora não encontrou muita dificuldade em construir esta análise levando em consideração a história recente de cada sujeito, dentro de seus contextos culturais específicos, e situando suas vivências dentro dos levantes populares.

²⁵ Antes de iniciar as entrevistas, a autora do presente trabalho – levando em consideração a amostra de entrevistados pertencente à classe econômica mais favorecida da população egípcia – esperava encontrar considerações relativamente otimistas ou brandas quanto à Revolução Egípcia da Primavera Árabe. A confrontação desta hipótese, portanto, deu-se com uma das respostas do primeiro entrevistado, que logo atribuiu à Revolução Egípcia a palavra “vergonha”, dizendo-a ter contribuído para a “destruição de futuros”.

A identificação de cada singularidade destas vivências e a apropriação de percepções coletivas consiste um dos desafios desta pesquisa, sobretudo no presente capítulo.

3.1.5 Sujeitos de Pesquisa

Para a escolha dos entrevistados, alguns critérios foram estabelecidos a priori: O sujeito deveria ser egípcio nativo; ter entre 20 e 25 anos; ao menos um de seus pais deveria ser também egípcio nativo; deveria estar morando no Egito logo antes do início da Revolução.

Para o enriquecimento da pesquisa, na seleção dos entrevistados, procurou-se escolher pessoas que estivessem morando atualmente tanto no Egito quanto em outros países, quando a sensação nacionalista pode aflorar com maior intensidade. Também se tomou o cuidado em escolher pessoas que divergissem em opiniões políticas, para constatar possíveis convergências perceptivas entre heterogeneidades. Mesmo assim, trabalhou-se propositalmente com uma mesma geração, restringindo a faixa etária, a fim de entender a visão do jovem, tão importante para a realização dos protestos que compuseram as revoltas da Primavera Árabe.

Para descrever os sujeitos, no início das entrevistas foram feitas as seguintes perguntas: nome completo, idade, profissão, país de residência, nacionalidade e profissão dos pais e ascendência familiar. Seus nomes foram trocados por letras por motivos de segurança. Com tais informações, configurou-se o seguinte panorama:

Nome	Idade	Profissão	Nacionalidade e país de residência atual	Nacionalidade e Profissão dos pais	Ascendência
H. ²⁶	25	Artista Plástico	Egípcio - Mora no Brasil	Pai engenheiro da companhia de petróleo de Alexandria; mãe professora de inglês aposentada.	Grécia
S.	21	Estudante de Engenharia Mecânica	Egípcio - Mora nos EUA	Pai médico cirurgião; mãe, natural do Kuwait, médica aposentada.	Kuait
K.	21	Estudante Marketing	Egípcio - Mora no Egito	Pai professor/reitor; mãe professora/vice-reitora	Egito
Y.	21	Estudantes de gestão de mídia	Egípcia - Mora no Egito	Pai empresário; mãe sócia do negócio	Inglaterra
M.	22	Técnico em computação	Egípcio - Mora no Egito	Pai capitão de navios comerciais; mãe médica	Turquia

²⁶ H. é o mais velho dos entrevistados e vem de família mais tradicional com costumes mais religiosos e, aparentemente menos ocidentalizados. É o entrevistado que aparenta ter sofrido mais com as conturbações de 2011. Até a data do presente trabalho (2014), H. vive como refugiado no Brasil.

Além destas informações básicas, algumas perguntas de caráter simbólico foram elaboradas para auxiliar a análise das respostas e evidenciar a heterogeneidade de pensamentos da amostra de indivíduos em questão, como a de uma pessoa pública egípcia por quem os entrevistados possuíam admiração. As personalidades admiradas mostram a possível diferença de ideologias e formas individuais de pensar. Os citados foram os dois ex-presidentes Nasser e Sadat, que possuíam posicionamentos muito distintos um do outro – sobretudo em relação à política externa; o sarcástico e irreverente apresentador de TV, Bassem Youssef, que teve seu programa recentemente suspenso por fazer piadas e reclamar da política da junta militar que passou a governar o país após a queda de Mubarak; o político Hanzawi e o significativo (do ponto de vista analítico) “ninguém”.

Além disso, para medir a emoção de suas respostas e o quão influenciadas - por boas ou más memórias da revolução – estariam, perguntas como quais eram as imagens e palavras que vinham às suas mentes quando pensavam em “Egito” foram elaboradas. As respostas variaram pouco, e misturaram sensações de lar, conforto, força, garra, e símbolos históricos como o rio Nilo e as pirâmides. Também, para ajudar a traçar suas percepções de autodeterminação, foram feitas perguntas quanto ao “ser africano” e o “ser árabe”.

Em relação às visões de “Egito” dos entrevistados, foram também elaboradas perguntas que comparavam o país a demais países árabes do Golfo Pérsico, como Arábia Saudita, Catar e Emirados Árabes Unidos, por exemplo. Alguns trechos destas respostas mostram-se esclarecedores e bastantes contribuidoras de uma análise individual mais ajustada do entendimento dos jovens egípcios em questão acerca de seu país. De modo geral, os entrevistados evidenciaram percepções de que, apesar de mais pobre, o Egito desfruta de maior liberdade individual do que outros países da região – questão fundamental para explicar a permeabilidade das forças da globalização na sociedade, as quais auxiliaram o acontecimento da revolução no Egito. A percepção dos entrevistados de que o Egito é um país mais liberal que outros do entorno, da mesma forma

pode ter servido de impulso e encorajamento às movimentações populares que, se em outro país, talvez não tivessem tanta força²⁷.

(...) O Egito é um país árabe, claro, mas ele ficou mais aberto, mais moderno porque entraram muitos outros países ao seu território, como França, Inglaterra... E transformaram muito a história e a cultura dentro do país. Mas é originalmente árabe. (...) o Egito sempre foi um país como que aberto para todos, porque está no norte da África, no meio do mundo, da Ásia, Europa, África... Então é como que um país diferente, mais aberto, mais moderno. (...) Acho que essa é a diferença do Egito para os países do Golfo, ele (o Egito) é muito comunicado com outros países. Em países como a Arábia Saudita, o rei está impondo cada vez mais as regras islâmicas, por exemplo. No Egito também tem algumas destas coisas, mas é diferente. O Egito (por exemplo) é um dos melhores países para o turismo, porque é tranquilo... (H.)

Basicamente, os países árabes do golfo possuem muito mais dinheiro... então eles vivem melhor que a gente, mas eu acho que o Egito tem uma vantagem em relação a estes países: nós temos um pouco mais de liberdade do que eles. Eles ainda têm reis, príncipes... não há jornalistas que possam escrever algo independente sobre os príncipes, por exemplo. E nas mesquitas, aqueles que têm a função de 'padre' tem que desejar boas coisas ao rei (rezar publicamente por eles), porque se não fizerem assim, perdem seu emprego. Então, eles não têm realmente uma liberdade lá, mas eles vivem em numa situação econômica muito melhor que a nossa. (S.)

(...) a diferença que sempre houve é a economia, claro. Isso não mudou (...) então esta é uma diferença. E, acho que educação. Apesar de nós termos um dos piores sistemas de educação, talvez, do mundo, somos melhores do que o dos países do Golfo. Eu não sei qual o problema do sistema de educação deles... talvez, se eu estivesse lá, ou se você estivesse lá, você pensaria 'porque eu vou estudar se quando eu sair da escola eu terei com 100% de certeza um emprego? Um salário, uma boa vida...' (M.)

Para mim, estes países são hipócritas. (...) eles fingem que seguem as regras religiosas mais do que quaisquer outros países, mas na realidade, no que diz respeito à religião, eles são mais corruptos que o Egito. Então acho que o Egito é melhor que estes países visto desta perspectiva. Mas a coisa boa destes países é que eles sabem como usar bem o dinheiro do país, como criar oportunidades de emprego para as pessoas que moram lá... Eles satisfazem seus cidadãos bem. (Y.)

(...) do meu ponto de vista, Catar e Dubai são países modernos, eles não têm uma cultura de verdade, não têm uma história, o Egito tem. Estes países só têm dinheiro, petróleo... E eles apenas chegaram na área há algumas décadas, entende? Eles não estão aí há 3 ou 4 mil anos (como o Egito). (K.)

²⁷ Nota-se aqui o fato de que, ao longo dos primeiros momentos da chamada Primavera Árabe, países do Golfo Pérsico como Bahrein, Iêmen e até mesmo Arábia Saudita, viveram reivindicações políticas em forma de manifestações populares, mas que tiveram desfechos bastante diferenciados dos que aconteceram na Tunísia e no Egito, e até mesmo na Líbia e Síria, casos à parte, mas em que a revolta também não pôde ser abafada.

3.2 Percepções particulares da coletividade

No presente subcapítulo serão apresentados os significados e os sentidos atribuídos pelos entrevistados do que foi a *Revolução Egípcia*²⁸ e do que, atualmente, é para eles *ser egípcio*. As entrevistas serão interpretadas e, de acordo com o desdobramento da análise, trechos traduzidos das respostas serão apresentados e comparados entre si, na tentativa de identificar convergências que podem evidenciar percepções em transformação.

Vale ressaltar que, na presente pesquisa, considerou-se “Revolução” o período de dezoito dias que antecedeu a renúncia de Hosni Mubarak à posição de presidente da república do Egito. Isto é, independentemente de a Revolução Egípcia, em si, poder se estender anos depois de sua deflagração, ou de tal evento nem mesmo ser considerado como “uma revolução”, o recorte temporal em questão foi assim denominado a fim de elucidar com maior clareza os eventos que aconteceram do dia 25 de janeiro até o dia 11 de fevereiro de 2011. Esta questão foi, então, acertada consensual e previamente com os entrevistados que também se referiram à *Revolução* como o período dos dezoito dias de protestos.

3.2.1 Impressões sobre a Primavera Árabe

3.2.1.1 Expectativa dos levantes

Quando perguntados sobre suas expectativas em relação a uma possível revolta em seu país, no momento imediatamente após a derrubada do governo de Ben Ali na Tunísia, no final de 2010, os entrevistados apresentaram respostas semelhantes, as quais convergiram para a sensação da surpresa, sobretudo, em relação às proporções atingidas pelos protestos egípcios, que em seguida evoluíram para o que se tornou uma revolução.

Nas respostas de S. e K. ficou clara a surpresa da deflagração da revolta popular no Egito, e em seus comentários mostram que ambos compartilhavam a ideia de

²⁸ O termo “Revolução Egípcia”, assim como “Primavera Árabe”, naturalmente implica interpretações positivas em relação aos acontecimentos, o que conseqüentemente traz tom de parcialidade à presente pesquisa. Para evitar este posicionamento, no entanto, ambos os termos acima – largamente utilizados neste trabalho – merecem ressalvas quanto a sua utilização. Não cabe ao objetivo geral desta pesquisa discutir os termos em si, como adequados e representativos ou não, e sim como os cinco entrevistados atribuem sentidos ao “ser egípcio” diante dos acontecimentos em seu país. Portanto, tomar-se-á “Revolução Egípcia” e “Primavera Árabe” como termos consensuais, na medida em que representam momentos específicos e de conhecimento comum (a onda de manifestações no Egito e Oriente Médio, respectivamente), sem que a simbologia dos termos “primavera” e “revolução” – indicativas de renascimento e progresso – estejam carregadas de significados partidaristas e impositivos.

que a ausência de liberdade de expressão no país e a falta de iniciativa política habitual do povo (das últimas décadas) seriam os maiores empecilhos a eventuais manifestações contra o governo.

(...) Eu comecei a ver fotos no Facebook sobre isso (sobre a revolução na Tunísia), e na verdade eu comentei em uma destas fotos dizendo 'Isso nunca vai acontecer (no Egito)'. (...) um dos meus amigos compartilhou uma dessas fotos e eu disse 'Nós vamos ser pegos, isso nunca vai acontecer'. (S.)

Da mesma forma, a surpresa é nítida neste recorte da fala de K.:

No início? (...) exatamente logo após Tunísia? Nunca pensei que as pessoas pudessem se revoltar (no Egito). (...) Não, não mesmo. Levou-nos algum tempo para acreditar. (...) Mas depois, assim quando eu comecei a assistir na TV e eu vi que alguém havia ateado fogo ao próprio corpo na frente de um prédio público do Egito, eu senti imediatamente que algo não estava certo, algo estava prestes a acontecer... (...) Aquele episódio de alguém se ateando fogo em si mesmo me deixou maluco, eu tive a sensação de que algo sério estava acontecendo. (K.)

M. e Y. também evidenciam suas surpresas em relação à deflagração da revolução, mas diferente dos primeiros que duvidavam do início dos protestos, enfatizam-na especificamente na questão das proporções atingidas pelas manifestações.

Contribuindo com a percepção de S. e K. do pouco espaço à liberdade de expressão no Egito, M. diz não ter esperado tanta repercussão das manifestações marcadas para o dia 25 de janeiro pelo fato de, no ano anterior, tentativas de manifestações terem sido abafadas e gerado repercussão insignificante.

(...) Eu não imaginava que nada disso que aconteceu poderia acontecer (no Egito). Nós sabíamos que haveria protestos no dia 25 de janeiro, mas (...), um ano antes, houve vários protestos e nada aconteceu... Então, nós dissemos 'vai ser a mesma coisa (desta vez)'. (M.)

Y., por sua vez, relata que desde o início já esperava que algo semelhante ao que houvera na Tunísia acontecesse no Egito. No entanto, repetiu algumas vezes ao longo de nossa conversa que jamais imaginava que as manifestações tomariam as proporções que tomaram. A percepção de Y. em relação o que

estava prestes a acontecer no Egito me chamou atenção pela forma como ela relatou os fatos durante a entrevista. Seu depoimento revelou uma conexão clara entre revoltosos na Tunísia e no Egito, que compartilharam informações virtualmente de encorajamento e solidariedade.

Naquela época, muita gente estava falando sobre alguns protestos no Egito, mas nós nunca esperávamos que fosse algo tão grande. Em 25 de janeiro eu fui ao protesto com todas as outras pessoas (...) antes de eu ir, algumas pessoas da Tunísia estavam nos mandando mensagens no Facebook nos dizendo como lidar com os gases lacrimogêneos, como nos esconder (...) então, nós estávamos esperando que alguma coisa acontecesse (...) eu estava esperando algo parecido com o que havia acontecido na Tunísia, mas naquela época eu não pensava que seria tão grande. (Y.)

Y. explica o porquê da surpresa geral em relação ao início das manifestações:

Nesta geração, foi uma surpresa a revolta acontecer, porque as pessoas sempre falavam de revoltas que iriam acontecer e tudo mais, mas nunca aconteceu nada grande. Eram normalmente pequenos eventos de mil, duas mil pessoas... Mas nunca chegou a milhões de pessoas. E... Mubarak foi presidente por 30 anos, então nós passamos 30 anos com absolutamente nenhum protesto capaz de removê-lo do poder... Levou-nos um tempo para ficarmos aptos a derrubá-lo. (Y.)

Assim como os outros, H. também revela sua surpresa em relação à proporção dos levantes populares, mas ao longo de toda sua entrevista, pontos de vista completamente diferentes dos demais entrevistados aparecem e enriquecem a visão do presente trabalho em relação à percepção coletiva dos acontecimentos.

Apesar de implícito em todas as entrevistas, H. é o único a verbalizar sua consideração de que a revolução da Tunísia era algo eventual e localizado, e que aparentemente não afetaria demais países árabes como de fato ocorreu.

À pergunta, de se ele imaginava que algo parecido com o que havia acontecido na Tunísia fosse acontecer no Egito, ele respondeu:

Não. Porque na Tunísia era uma coisa pequena, sabe? Não uma coisa grande como aconteceu no Egito. (O que houve na Tunísia) foi como uma semente para tudo isto que está acontecendo agora, nos outros países. Mas eu não imaginei que isso iria acontecer²⁹. (H.)

3.2.1.2 Mídias sociais e ‘o 25 de janeiro’

Quanto ao conhecimento geral do ‘agendamento’ das primeiras manifestações para o dia 25 de janeiro, ambos os cinco entrevistados foram unânimes em dizer que a grande maioria das pessoas sabia desta data.

Faz-se uma ressalva aqui, no entanto, de que este “todo mundo” a que os entrevistados se referem diz respeito obviamente àqueles que têm acesso à informação, e que fazem parte dos círculos sociais dos jovens entrevistados. Isto fica ainda mais evidente quando da análise das formas alternativas de transmissão de informação que contam largamente com a tecnologia, e em que têm destaque as mídias sociais.

Dos 5 jovens egípcios, M. foi o único que não explicitou a questão das mídias sociais quando perguntado se já sabia o que estava sendo preparado para o dia 25 de janeiro, o que de maneira alguma sugere que não tenha utilizado estes recurso informacionais em larga escala.

Segundo M., todos os egípcios – principalmente os interessados em política antes de 2011, grupo em que se inclui, junto de alguns amigos - sabiam que os protestos ocorreriam no dia 25.

A resposta de *como* as pessoas sabiam disso vem elucidada nos comentários dos demais entrevistados, e lança as bases de particular característica do que foi a Primavera Árabe.

(...) Eu lembro de uma página no Facebook... Eu passei a checá-la em um intervalo de 2 ou 3 dias, porque eu queria saber o quão sério era isso. Então eu ficava olhando para a quantidade de pessoas que estava confirmando presença no evento, e esse número estava crescendo loucamente, entende? Estava indo para aproximadamente 250.000 pessoas. Então eu ficava checando essa página... Eu sabia que algo diferente estava acontecendo. (K.)

Eu não sabia o que ia acontecer nessa data do dia 25, mas eu sabia que eles estavam tentando fazer algo nessa data (algo estava sendo

²⁹ A entrevista feita com H., ao contrário das demais que foram feitas em inglês, foi em português. Portanto, por haver alguns erros de concordância e para facilitar o entendimento de sua mensagem, algumas alterações na forma de falar de H. foram feitas nas transcrições.

planejado para ser feito neste dia). Através das postagens do facebook que eu vi que diziam que as pessoas deveriam ir às ruas no dia 25, então, basicamente eu sabia, mas eu não acreditava que ia acontecer. (...) Eu sabia que seria um protesto marcado para as 5pm, na Kaeda Ebrahim, que é uma mesquita muito famosa em Alexandria. (S.)

Estava em todos os Facebooks e Twitters. Então todos estavam falando sobre isso... Também na mídia. (...) somente em alguns canais privados, canais do governo nem mencionaram isso. (Y.)

Claro que todo mundo sabia... No facebook, por exemplo... nos jornais... Todo mundo sabia. (H)

3.2.1.3 Participação individual

Quando questionados sobre suas participações na revolução, as respostas foram bastante distintas, o que contribui para a desmistificação da eventual percepção externa de unidade e coesão de um grande movimento social como o da revolução egípcia, mesmo que no final atinja um objetivo aparentemente comum como a queda do presidente Mubarak.

Aqui, achou-se interessante trazer as respostas na íntegra, sem interpretação.

‘Você participou da revolução? Como?’

Participei de alguns protestos, perdi alguns amigos, e decidi: ‘não quero mais’. (H.)

Quando tudo começou eu estava em Sharm El Sheikh, então participei dos protestos somente depois. (...) Na verdade, participei mais observando do que interagindo. Nós não estávamos realmente protestando... Na verdade, falo somente por mim, eu estava observando. Eu estava no meio da multidão, mas... eu não sabia o que dizer, não sabia no que acreditar. Eu estava somente observando o que estava acontecendo, entende? É isso, eu não estava realmente engajado naquele primeiro momento. (...) Eu acho que um pouquinho antes de Mubarak deixar o poder, eu passei a ficar mais engajado, e não somente observando. (K.)

Eu participei da revolução no segundo dia e depois disso não. Porque... No dia 28 de janeiro os prisioneiros foram soltos, e não havia polícia nem nada nas ruas (insegurança), e as pessoas tinham que proteger a si mesmas, então nós fizemos... como posso dizer... (...) ao invés de termos a polícia para nos proteger, em todas as ruas havia algo como um ‘check point’³⁰, feito pelos moradores (...). Então, você se junta aos

³⁰ Os ‘Check Points’ a que M. se refere eram formas alternativas que os moradores dos bairros e os vizinhos de condomínio encontraram de proteger suas casas e suas famílias da violência e dos saques que devastaram centenas de lojas, sobretudo no Cairo e em Alexandria. Durante os 18 dias de protestos, não era possível circular pela grande Cairo sem ser abordado por alguns dos

moradores da sua rua e fica de plantão, para ter certeza que ninguém vai passar por ali, que ninguém vai fazer alguma coisa errada... então, como meu pai estava fora naquela época, e meu irmão estava com sua esposa, eu tive que ficar aqui, tive que ficar no 'check point' da nossa casa. (...) Foi divertido (risos). Eu fiz amizade com os vizinhos. (M.)

Eu participei dos protestos no dia 25 e no dia 26, e então eu tive que viajar e voltei quando Mubarak já tinha sido deposto. (...) No dia 25 (de janeiro) não foi muito grande, mas eu estava lá. Andei um pouco até chegar à minha casa. Eu só queria ver se ia mesmo acontecer ou não, e fiquei muito otimista com o primeiro dia de manifestação, por isso fui novamente, no segundo dia. Mas eu não tinha realmente que fazer alguma coisa (em específico)... Acho que só caminhando e ficando um pouco por lá era suficiente para mostrar meu apoio à manifestação. (S.)

Sim. O único dia que eu não participei foi o 28 de janeiro, porque meus pais me mantiveram trancada em casa este dia (risos). Nos outros dias eu estava dizendo aos meus pais que estava indo à casa de amigos, mas então eu ia aos protestos. Se não fosse assim, eles não me deixariam ir de jeito nenhum. Depois que Mubarak caiu, eu contei a eles. (Y.)

3.2.1.4 motivações particulares, ensejos populares

Quando questionados sobre o que levou os milhões de egípcios às ruas, todos os cinco entrevistados precisaram de um tempo para organizar os pensamentos antes de responder. Minha primeira pergunta se dividiu em dois momentos: um focado em suas motivações particulares para participar dos protestos, e outro nos objetivos coletivos de toda a população de forma geral. As respostas foram, de certa forma, semelhantes e distintas ao mesmo tempo. Y. e K., possivelmente por serem amigos próximos, acabaram tocando nas mesmas questões que dizem respeito a grande diferença entre classes sociais existente no Egito. Em suas respostas, ambos pontuaram a questão de pertencerem a uma classe social mais privilegiada, a qual acaba não sentindo os reflexos da corrupção, como a fome e a injustiça social. Ambas as motivações particulares, aqui, demonstraram caráter compreensivo e solidário. K. fez uma referência interessante à Europa ao dizer:

'check points' civis, em que se pedia documentos aos passageiros e fazia-se perguntas para eventualmente identificar algum suspeito – que neste caso poderia ser desde um agente do governo (reacionário) até um criminoso solto após as celas de presídio serem propositalmente abertas. Os 'check points' oficiais, isto é, os militares, vieram a ser instalados dias depois da revolução com o propósito de manter a ordem.

(...) eu queria que os protestos mudassem meu país, para ele ficar mais como a Europa, com democracia, privacidade... Onde as pessoas sejam respeitadas, haja uma boa polícia (...)

Por sua vez, Y. explica o porquê de ter participado, quase todos os dias, dos protestos durante a revolução, em uma menção implícita à responsabilidade social:

É a classe mais baixa que sofre os reflexos de tudo o que está acontecendo... e eu acredito que estas pessoas não vão melhorar suas vidas se as classes mais altas não fizerem nada sobre isso.

M. e S. se incluem às massas ao defenderem inicialmente a demanda popular de “um governo melhor”.

(...) no início nós estávamos pedindo somente por um governo melhor. É o que todo mundo queria nos primeiros dias, era o que eu queria também. E quanto mais ele nos fez esperar, mais reivindicações nós passamos a ter. (S.)

(...) cada pessoa foi por um motivo. Por um lado isso não ajudou muito... não ajudou nos debates e nas discussões, pois cada um falava de uma coisa diferente, mas ajudou a reunir as pessoas. Se eu fui por um motivo... ou seja, se eu tivesse que escolher apenas um motivo, seria o de não ter Gamal Mubarak³¹ como próximo presidente. Porque ele... (risos). (...) Eu não o colocaria nem para ser gerente do supermercado aqui em baixo na rua. Imagine sendo presidente... Isso não era uma opção para mim. (M.)

A resposta mais diferente veio, novamente, de H., que poucos meses após a queda de Mubarak veio morar no Brasil sem a família, onde encontrou emprego e em 2013 fez a solicitação do status de refugiado. H. lembra com amargura da revolução, provavelmente por, dentre os entrevistados, ser o que mais sofreu com esta reviravolta política nacional.

Diferente dos demais, H. contribui para a pesquisa de modo *sui generis*, proporcionando mais divergência e agregando ao enriquecimento da pesquisa, de

³¹ Gamal Mubarak é filho do, até então, presidente do Egito Hosni Mubarak. Além de reivindicações contra a ‘Lei de emergência’, a inflação, a fome e injustiça social, a especulação de que Mubarak estaria planejando eleger seu filho Gamal como presidente era outro grande motivo que estimulava os protestos da revolução.

modo a acrescentar um ponto de vista que provavelmente é compartilhado por milhares de outros egípcios.

Sobre a participação nos protestos, H. é enfático:

Na verdade, (minha participação na revolução) foi saindo com meus amigos para ajudar. Eu não sou esse cara de ação política (...). Eu saí às ruas por meus amigos, para ficar com eles, besteira, sabe? (...) (A revolução) destruiu o Egito, o futuro do Egito... destrói o futuro de outras pessoas, talvez o meu futuro também. (...) Nós não ganhamos nada com estes protestos, perdemos muito. Isso que eu acho. (H.)

Quanto às reivindicações coletivas, os entrevistados foram unânimes na percepção de que a revolta foi aumentando de acordo com a demora do governo em dar retorno. Segundo eles, a massa clamava basicamente por “pão, liberdade e justiça social”, de forma que aos poucos diversas outras demandas passaram a vigorar e compor as insatisfações que alimentavam os protestos. Em uma lúdica explicação, M. atribui o aumento constante de manifestantes e demandas não somente à óbvia persistência popular, mas à subestimação das autoridades que se mantiveram inertes nos primeiros dias de tumulto.

Você se lembra quando eles interromperam as comunicações... os celulares, a internet... quando eles interromperam tudo (...) Então, este foi um dos fatores que fizeram as pessoas ficarem insanas de raiva. ‘Ao invés de aceitar nossas demandas, vocês nos impedem de nos comunicarmos uns com os outros? Vocês impedem que tenhamos direitos básicos?’ (...) E também, quando camelos (montados por mercenários) foram enviados à praça Tahrir para atacar os manifestantes (...). Estas foram algumas das coisas que mantiveram os protestos acontecendo durante os 18 dias. Além do fato de o governo estar sempre um passo atrás na aceitação das demandas populares. E eu acredito que (...) se em 25 de janeiro o presidente viesse a público e falasse ‘ok, eu aceitarei algumas de suas demandas.(...)’, as coisas poderiam ter sido realmente diferentes. Metade das pessoas poderiam ter deixado a manifestação naquele momento. Então, eu acho que foi uma boa coisa eles (as autoridades do governo) terem sido idiotas o suficiente para subestimar o poder da população (...) até que eles aceitaram algumas demandas, mas isso já nunca mais seria o suficiente. (M.)

A deposição do presidente, portanto, não fora o primeiro objetivo da grande maioria dos manifestantes quando os protestos se iniciaram em janeiro de 2011. À medida que a população era reprimida violentamente pela polícia, e que mais pessoas aderiam à multidão insatisfeita, é que as manifestações atingiram seu auge e terminaram na derrocada de Hosni Mubarak em 11 de fevereiro de 2011.

3.2.1.5 O diferencial de 2011

Como aparenta ser natural de qualquer momento de agitação social, houve o surgimento de muitas dúvidas e questionamentos entre os próprios cidadãos egípcios ao longo dos 18 dias de manifestação. A grande maioria das pessoas acusava Mubarak de liderar um governo corrupto e negligente, que lançava eleições fraudulentas garantidoras de reeleições permanentes. Em 2011, Mubarak completava 30 anos de presidência ininterrupta. Tendo em vista as falhas tentativas anteriores de manifestações públicas contra o governo, surge a pergunta: Por que em 2011? O que houve de diferente para, desta vez, os protestos darem lugar a uma revolução?

As respostas das entrevistas levam a crer que o momento foi propício por uma junção de fatores.

A derrubada do ditador Ben Ali dias antes na Tunísia foi, aparentemente, um dos fatores que contribuiu para a deflagração da revolução egípcia. Os relatos de Y. de que tunisianos trocavam informações com egípcios pelas mídias sociais de modo a encoraja-los em uma revolta contra o governo, evidencia esta influência alcunhada 'efeito dominó'. Todos os entrevistados reconhecem o fator Tunísia como muito importante; em expressão metafórica, H. diz o evento na Tunísia ter sido a "semente" de toda a primavera árabe, cujo protagonista foi o Egito.

A Tunísia foi um impulso, as pessoas acreditaram que alguma coisa poderia acontecer, porque viram a Tunísia fazendo isso. Além disso, as pessoas estavam muito sobrecarregadas. 'É isso ou nós morremos... não tem mais volta.' Essa é a diferença. (...) Não havia negociação. (...) As pessoas estavam sobrecarregadas, elas não podiam mais aguentar. Elas não tinham nada, não tinham pão... havia a brutalidade da polícia em todo o país, por todos os lados, então, sim, as pessoas estavam cheias, entende? (...) eu acho que todos estavam nas ruas. Pobre, rico, seja quem for. (K.)

Soma-se ao fator Tunísia a larga utilização das mídias sociais no Egito, que fez proliferar a revolta principalmente com o espaço para interação entre grandes quantidades de pessoas de forma organizada. O dever de se manifestar passou a ser propagado nas mídias sociais à medida que a quantidade de pessoas compartilhava a causa da revolta popular.

Eu acho que o que aconteceu de diferente foram as mídias sociais... basicamente Facebook, porque... o Facebook fez todo mundo neste país (Egito) saber sobre a revolução, então isso multiplicou o número de pessoas de 1952³² (...) umas 10 vezes (...) através das mídias sociais, muitas pessoas ficaram sabendo disso (dos protestos), e então muitas pessoas foram às ruas. Eu acho que essa foi a maior diferença. O número de pessoas era muito maior desta vez, e nas revoluções do passado ninguém teve a coragem (...) que tiveram desta vez. (...) (As pessoas tiveram coragem porque) viram que nós éramos em muitos e... soma-se a isso o fato de que o que aconteceu na Tunísia nos incentivou, porque as pessoas agora sabiam que a revolta podia acontecer. (...) Isso nos deu um grande impulso. (S.)

Da mesma forma, M. atribui a diferença dos protestos de 2011 à quantidade de pessoas nas ruas. Segundo ele, o planejamento antecipado e as ferramentas das mídias sociais permitiram a maior concentração de pessoas em torno de objetivos semelhantes.

M. acrescenta ainda que parte da força das manifestações veio do aumento da simpatia e solidariedade à revolta por parte da população civil à medida que a polícia confrontava os manifestantes violentamente e que o governo manifestava-se de forma imprudente.

(...) um dos oficiais do governo daquela época disse 'ok, o que aconteceu na Tunísia é uma coisa, e o que está acontecendo o Egito é outra coisa, nós não somos a Tunísia' e então isso estimulou as pessoas, porque quando você diz 'não, não, não, vocês não são tão fortes quanto os tunisianos, você não farão nada' é claro que você vai ter uma reação.

³² S. se refere ao ano de 1952, por este ter sido o ano da revolução que derrubou o Rei Faruk e levou a população às ruas em apoio aos rebeldes que tinham como líder Gamal Abdel Nasser.

As denúncias de brutalidade e a rede de solidariedade que se estabeleceram no decorrer dos dias de protestos movimentaram as mídias sociais de forma inédita. Y., assim como S., enfatiza a importância deste fator:

“(...) estamos aptos a nos conectar uns com os outros, aptos a fazer eventos no facebook, mandar mensagens ao mundo... e todos podem ver vídeos... eu acho que facebook e twitter desempenharam um papel enorme nisso tudo. As mídias sociais foram, definitivamente, um grande diferencial que tivemos desta vez. Eu mesma ouvi pela primeira vez sobre isso (protestos) no Twitter, (...) então as pessoas começaram a fazer eventos sobre isso no Facebook... e então você vê um vídeo, e ele circula (...). Postaram vídeos de como a polícia (egípcia) maltratava as pessoas mais pobres e coisas do tipo... isso me fez partir para a ação, para ajudar estas pessoas. Eu acho que a mídia social foi a chave.”

Além da questão na Tunísia, H. também atribui o acontecimento da revolução egípcia em 2011 à pirâmide etária do país com larga camada jovem, e à desocupação dos mesmos, isto é, a grande falta de emprego.

3.2.1.6 Sentimentos em relação à revolução

No segundo semestre de 2013, dois anos após o início da Revolução Egípcia, os sentimentos que atribuem ao evento são expressos de maneiras diferentes pelos entrevistados.

K. e S. foram os mais otimistas, relatando que hoje em dia, sentem muito mais orgulho do Egito do que antes. Tal afirmação vai diretamente de encontro ao que sente H., que diz as manifestações não terem somado ao progresso do país, e consistirem motivo de vergonha. M. diz seus sentimentos serem oscilantes em relação à Revolução de 2011, tendo utilizado a alusão de uma ‘montanha russa’ para expressar a variação entre orgulho e vergonha. Da mesma forma, Y. diz ter sentido muito orgulho de seu país naquele período em específico, mas que depois de certo tempo, acabou perdendo grande parte do otimismo.

No depoimento de K., percebe-se uma sociedade dividida em opiniões:

Eu estou muito feliz que a revolução aconteceu, e eu discordo das pessoas que dizem que a revolução só está nos levando para trás e não para frente. E eu discordo da ideia que algumas pessoas tem de que os egípcios não são capazes de praticar a democracia. Tem algo que eles dizem que é, os egípcios só podem ser governados pelo bastão (stick). Isso é algo que dizem por aqui. ‘Você precisa do bastão para governar

os egípcios, por que eles são como cães' ou algo do tipo 'eles vão à loucura se você não controlá-los' entende? Mas eu discordo. O povo precisa de tempo, precisa de um período de transição. Nós estamos acostumados a ser governados pelo bastão, então nós precisamos de tempo para ser democráticos, para praticar a democracia. (...)

3.2.2 Egito no Mundo Árabe

Neste tópico, a pesquisa procura identificar o conhecimento dos entrevistados em relação à importância do Egito dentro da coletividade dos países árabes, e sua percepção de que o Egito revolucionário, como líder regional, representou abalo às estruturas milenares de poder de toda a região do Oriente Médio, de forma deveras mais intensa e chocante do que na Tunísia. Por isso, temas chave da liderança regional egípcia, como a língua, a política e a cultura, serão abordados no que segue.

3.2.2.1 Dialeto árabe egípcio

Como visto no capítulo anterior, o idioma árabe, em sua norma culta (isto é, o árabe formal) é ensinado nas escolas egípcias, assim como nos demais 21 países onde o árabe é língua oficial. A variação da língua nos diferentes países, entretanto, é naturalmente bastante vasta, a ponto de dificultar a comunicação entre nacionais vizinhos. O Egito, neste sentido, possui particular conveniência frente os demais países árabes: a possibilidade de desempenhar o papel de país comunicador, devido à forma coloquial e fácil de seu dialeto³³ árabe.

Quando indagados como avaliavam sua língua nacional, os entrevistados demonstraram compreender a importância regional de seu país neste sentido, exemplificando-a através da popularidade da cultura contemporânea egípcia.

³³ Faz-se interessante neste ponto uma breve diferenciação conceitual entre “língua”, “idioma” e “dialeto”, mesmo que, de acordo com cada autor, estas palavras possam apresentar conotações distintas. Neste trabalho, entende-se o termo “língua” tratar de um conjunto mais abrangente de significados, podendo, este, ser utilizado para denotar ambos o “idioma” e o “dialeto”. Já o idioma é entendido aqui como o conjunto dos significados linguísticos no formato da norma culta, o que, neste caso, seria o “árabe oficial” (padrão de comunicação relacionado às formalidades que compõem a nação). O dialeto, por sua vez, seria a variação linguística do idioma, a qual pode configurar outra língua, tamanha a diferença eventualmente proporcionada por esta variação. Neste caso, portanto, a variação linguística do idioma árabe no Egito será interpretada como “dialeto”, em que há adaptação da língua original (idioma falado em todos os países árabes) e assimilação de uma língua local nacional, oportunamente – no caso do Egito – bastante compreensível pelos demais países árabes.

Eu acho que o árabe egípcio é o mais fácil de todos (...) a maioria dos filmes e das músicas, em todo Oriente Médio é em egípcio. (...) quando você vai à Arábia Saudita, ou Kuwait ou Catar, e você falar em árabe egípcio, eles vão lhe entender muito bem, mas nós não os entenderemos facilmente. (Y.)

É a (língua) mais comum. É a língua das músicas... e (...) do business de entretenimento em geral. (M.)

Eu acho que o árabe egípcio é o mais popular, porque a indústria de cinema no mundo árabe é basicamente concentrada no Egito. A maioria dos filmes árabes que você assiste é egípcia, todo mundo conhece, é popular em todos os lugares. (...) o árabe egípcio é bastante popular nos outros países árabes. (S.)

3.2.2.2 Importância Cultural e Política

Como se pôde perceber no sub-tópico anterior, a questão da língua está intimamente ligada à popularidade da cultura contemporânea egípcia, e a resposta dos entrevistados revela esta percepção clara de sua importância cultural.

Além de todos reconhecerem tal importância de seu país dentro do conjunto dos países árabes, citando as músicas, as novelas e o cinema, outras questões que se referem à cultura foram pontuadas. Desta forma, em relação à visibilidade em cenário regional, S. acrescenta o papel do país no auxílio ao desenvolvimento de nações do golfo, com o envio de profissionais egípcios destinados a suprir a falta de médicos e professores nesses países. Y., por sua vez, levanta a questão da visibilidade externa do aspecto cultural do Egito, que segundo a mesma é visto por muitos como o representante de toda uma região:

O Egito é um dos maiores países do Oriente Médio e é um dos países mais antigos da história. (...) mesmo quando se fala da (antiga) cultura árabe, as pessoas sempre se referem a como os egípcios costumavam viver. (Y.)

Diferentemente da importância cultural, muito clara no entendimento de todos os cinco jovens entrevistados, a importância política apareceu de forma menos evidente na presente amostra, tendo em vista que um dos entrevistados não soube avaliar. Todos, no entanto, pareceram bastante cientes da importância geopolítica de seu país, que está entre países africanos e países asiáticos, e

possui grande proximidade ao território da Palestina, onde fica atualmente o estado de Israel. Seguem duas respostas distintas (de Y. e S.) que se complementam e elucidam a questão perceptiva geral da amostra.

(...) na verdade, politicamente, (o Egito) é um dos países mais importantes, especialmente porque está perto da Palestina ou Israel (...) e politicamente isto é imensamente importante, no que diz respeito aos países árabes. (...) O Egito foi o único país que oficialmente conseguiu acabar com a ocupação israelense no Sinai. (...) Então acho que é um dos países politicamente mais importantes do mundo árabe. (Y.)

Eu acho que, há muito tempo atrás nós éramos os líderes do mundo árabe. Nós éramos os que tinham um bom exército, não só na época de Nasser, mas mesmo depois, nós éramos um dos únicos países árabes com uma boa base militar, por exemplo, no Iraque eles costumavam ter uma boa base militar, agora não mais, síria, nada, Egito é o único que sobrou, entende? É como o único escudo que sobrou no mundo árabe. Sobre política, eu não acho que a influencia política do Egito em relação aos outros países é a mesma agora, era mais forte quando Nasser governava, ele unia todos juntos... mas agora eu acho que os líderes não concordam juntos com a mesma coisa. (...) hoje em dia não temos a mesma influencia política que um dia tivemos. (...) Depois de 1973, eu acho que nos perdemos nossa influencia. (S.)

Apesar de falarem direta e indiretamente sobre o protagonismo do Egito dentro da região dos países árabes, nenhum dos entrevistados demonstrou compreensão nítida do grande significado que a Revolução Egípcia, em pleno século XXI, representou no Mundo Árabe (o que a difere em muito da revolução na Tunísia), como se verá a seguir.

3.2.2.3 Diferença entre Revoluções da Primavera Árabe

Desta forma, quando perguntados sobre as diferenças entre o que houve no Egito e o que houve na Tunísia as respostas limitaram-se, basicamente, em comparar a escala dos acontecimentos. Os entrevistados foram quase unânimes em dizer que naturalmente, por se tratarem de países distintos, as revoluções não foram idênticas, mas que no geral, ambas foram muito semelhantes.

3.2.3 Egípcios do Pós-Revolução

3.2.3.1 Egípcio de hoje

Os egípcios são um povo conhecido por sua hospitalidade, por como são acolhedores com os visitantes e o tratam como se fosse da casa. Diferente do que de costume, no entanto, alguns dos depoimentos exploraram outras facetas do jeito 'egípcio' de ser, as quais aparentemente afloraram na percepção dos jovens entrevistados após a revolução.

Esta percepção mais aguçada que pouco fala da hospitalidade é vista nas respostas de M. e H.:

O estereótipo de egípcios para egípcios é que nós somos generosos, que nós gostamos de ajudar pessoas... mas eu não acho... (risos) que este é o caso, ou pelo menos, não de todos os egípcios. Mas se eu tivesse que escolher uma coisa que é comum em todos os egípcios, é que eles todos gostam de fazer piadas, eles todos gostam de rir, então esta é uma coisa comum. Não importa o quão as coisas estão ruins, eles pegam esta coisa ruim e fazem uma piada disso. (M.)

Se você não mostrar aos egípcios seus olhos vermelhos (de raiva), os egípcios não têm medo. São corajosos. (...) este povo não é fraco, não são facilmente domáveis, entende? Então tem que acontecer algo muito forte para eles terem medo. (H.)

Assim como M., S. e Y. também pontuam a habilidade egípcia de rir nas piores situações. Mas falam da amizade e hospitalidade.

(...) Mesmo quando a situação está muito ruim, nós somos um povo que precisa rir. Pra ser honesto, acho que esta é a melhor coisa de nossa personalidade. Isso desde sempre. Mesmo quando Mubarak estava na presidência, e a vida das pessoas não estava boa, as pessoas sorriam nas ruas. (S.)

Eu acho que uma outra coisa sobre os egípcios é que (...) sempre tentamos olhar o lado bom de tudo... então, de todo problema nós criamos uma piada. Nós fazemos piada de tudo, tentamos fazer todos rirem (...) sempre tentamos olhar o lado bom das coisas, para deixar as coisas mais fáceis para nós mesmos. (Y.)

3.2.3.2 A revolução e a percepção

Após suas respostas acerca das características que definiam o povo egípcio, perguntou-se se as mesmas não estariam agora influenciadas pela Revolução e se suas visões em relação seu povo haveriam mudado. Com esta

pergunta, a discussão se abriu para suas percepções momentâneas do que haviam presenciado recentemente, sem necessariamente pensarem na eventual formação de um novo estereótipo de egípcio.

(...) tudo isso mostrou muita ignorância no país, mostrou o que era terrível e nós não víamos, mostrou como as pessoas eram mal educadas, como as pessoas eram 'volúveis', 'bobas'(...) A revolução fez com que muitas coisas ruins da sociedade egípcia fossem mostradas. (M.)

A mudança de percepção de H. é a que fica mais clara. Para ele, os egípcios de hoje tem medo de ser hospitaleiros como antes. Não ajudam mais uns aos outros. Para H., nos dias de hoje, o egípcio é outro.

Ela (minha visão) foi sempre de que o povo egípcio é o povo mais querido, e que ajuda os outros, com suas casas abertas (hospitalidade), gentis... Se você pede informação na estrada de onde é tal casa, o egípcio vai te levar até a porta daquela casa, sabe? Todo mundo ajuda... Mas agora ninguém faz isso, as pessoas tem medo. Agora não é mais como antes. (H.)

S. inicialmente diz não acreditar em ter um novo entendimento de seu povo após a Revolução, mas na sequência diz que hoje acrescenta mais uma característica aos egípcios que antigamente não considerava, a da reivindicação.

Eu sempre gostei do meu povo, mas antes da revolução, eu sempre dizia que nós nunca iríamos ter nossos direitos, e nunca os colocaríamos em pauta. Depois da Revolução, eu sinto que isso mudou. Agora, se eu não tiver meus direitos, eu vou às ruas reivindicá-los, agora é fácil fazer isso. Acho que foi isso que mudou, acho que os egípcios agora sabem pedir por seus direitos. (...) agora podemos adicionar (ao povo egípcio) a característica de reivindicadores de seus direitos. (...) (S.)

3.2.3.3 Legado

Da mesma forma que todas as percepções individuais registradas nesta pesquisa estão altamente influenciadas pela forma como se deram os fatos poucos anos após o início dos protestos da Revolução, a avaliação de um possível legado, deixado até então, por parte dos entrevistados é fruto de uma visão interna dos acontecimentos combinada a diferentes sentimentos em relação aos acontecimentos que se seguiram após fevereiro de 2011.

Do ponto de vista de um analista de Relações Internacionais, por sua vez, vislumbrar um legado da Revolução Egípcia, trata-se de uma tarefa bastante

complexa, que, neste momento, pode ainda não conseguir considerar todas as questões que compõem uma suposta herança aos egípcios dos acontecimentos que geraram a Revolução.

Destarte, tendo em vista a realidade cambiante das RI, o grande desafio – não só para os profissionais, mas também para os que se dedicam ao entendimento dos fenômenos sociais e seus desdobramentos – é ter um olhar analítico e dinâmico o suficiente para perceber e compreender a rapidez com que se sucedem os fenômenos internacionais, causadores de impactos não somente na formação da política externa, como na vida dos indivíduos do país em questão.

Não obstante, é natural pensar em legado quando se tem a quebra do silêncio de maneira tão repentina e surpreendente como a que apresentou a Revolução no Egito. Quando perguntados sobre a possível herança da recente Revolução para seu país, alguns dos entrevistados enfatizaram a palavra “mudança”, no sentido de empoderamento popular – poder de mudar.

Em alguns outros comentários, ficou evidente que, no imediato pós-revolução, a percepção de alguns dos entrevistados era de que uma das transformações imediatas na sociedade havia sido o interesse abrupto de grande parte da população por política, o que até então parecia pertencer a poucos. Y. é um exemplo disso, e diz antes da revolução não se interessar muito sobre a política de seu país, mas que hoje em dia sabe o nome de todos os ministros e tem opiniões próprias de como as coisas devem acontecer no governo.

S. e M. convergem ao dizer que, apesar de necessária, a revolução trouxe uma situação política e social instável e desordenada ao país, em que cada pessoa tem uma opinião diferente de como deve funcionar o governo, sentindo-se no direito de protestar a favor daquilo.

(...) agora todas as pessoas acham que são “experts” em política, (...) temos 90 milhões de experts em política nas ruas, então imagine... (S.)

Também em concordância com essa questão, Y. diz o país estar atualmente dividido entre centenas de entidades políticas. Sobre a avalanche de diferentes e fervorosas opiniões de como deve ser o rumo do país, Y. relata o drama da convivência social constantemente permeada por discussões políticas e ideológicas.

(...) muitas pessoas, (...) mesmo aquelas que eu conheço desde quando era mais nova e tudo, têm percepções diferentes sobre a revolução. (...) então você muda muito sua opinião sobre diferentes pessoas, (...) e você fica chocado com elas quando têm opiniões diferentes. (...) acho que eu mudei muito minha visão sobre muitas pessoas. (Y.)

(...) acho que vai demorar bastante para ele (o Egito) voltar a ser o país que era. (...) a revolução deixou uma memória ruim na história do país. (H.)

De qualquer maneira, se na visão de uns o legado não passou de uma triste memória e na de outros consiste no interesse geral da população em assuntos políticos, para muitos este legado ainda está sendo construído na forma de quebra de paradigmas.

(...) agora quando eu digo que sou do Egito, as pessoas pensam primeiro na Revolução e não em todas as questões históricas do país. Então, este é um legado enorme.(...) (O legado é) Mudança. Que nós podemos mudar alguma coisa. Nós temos a habilidade para mudar o país se nós quisermos. E nós tiramos do poder dois presidentes em dois anos³⁴, como eu lhe disse, então... isso significa que nós podemos fazer tudo o que quisermos. As pessoas é que fazem o país, não o presidente. (Y.)

Acho que mudar as pessoas já é um legado. A revolução mudou algo nas pessoas, como as pessoas passarem a reivindicar seus direitos, isso é uma grande mudança. E eu acho que essa mudança vai permanecer nas pessoas. Eu não acho que se um outro presidente entrar e começar a fazer as mesmas coisas que Mubarak, vai durar muito tempo. Morsi, por exemplo, só durou um ano. Foi um ano, as pessoas viram que eles estavam no caminho errado e então disseram 'não, isso não vai acontecer aqui (novamente)', então, sim, eu acho que as pessoas realmente mudaram. E continuarão assim por muito tempo, assim espero. (S.)

Algumas coisas realmente mudaram, as pessoas agora acreditam que suas opiniões podem ser ouvidas. Então, as pessoas acreditam agora que, se virem algo que eles não gostam, eles podem mudar isso. (...) as pessoas passaram a acreditar que, se virem algo errado devem se manifestar sobre isso. (...) as pessoas estão se expressando de uma forma mais ativa. (M.)

³⁴ Neste trecho, Y. refere-se aos acontecimentos que se seguiram após a deposição do presidente Mubarak, em fevereiro de 2011. Depois da implantação da constituição militar provisória que substituiu a legislação de Mubarak, as eleições foram convocadas no Egito e o candidato da Irmandade Muçulmana Mohamed Morsi foi eleito. Entretanto, mais protestos foram convocados e em 2013 Morsi foi retirado do poder, fazendo com que o Egito voltasse novamente ao controle das forças armadas.

Parafrazeando um dos entrevistados: resta agora trabalhar para que as reivindicações sejam atendidas e constantemente fiscalizadas pelos demandantes.

Desde 2011, o Egito vive um momento de conturbação natural de toda revolução que, em um cenário otimista e ideal, típico do olhar jovem – aqui expresso por Y., K., M. e S., dará lugar, no médio prazo, a um país de maior igualdade social e justiça.

O presente capítulo contemplou a explanação da forma como o processo de pesquisa foi elaborado ao longo do trabalho, com a utilização de entrevistas, escolha cuidadosa dos sujeitos entrevistados, interpretações e traduções. Na segunda seção, abordou as percepções captadas pela pesquisa acerca das identificações (possivelmente de identidades em transformação) dos cinco egípcios escolhidos para as entrevistas, as quais forneceram rico material à análise a ser completada no capítulo seguinte, à luz da teoria dos *descentramentos* de identidade de Stuart Hall (2006), cujo resgate será elaborado no próximo capítulo.

Diante dos excertos das entrevistas e das interpretações a eles atribuídas, pode-se elaborar conclusões parciais acerca de determinados questões, como o fato de não esperarem uma revolta popular (fator surpresa), e, muito menos, acontecimentos nas proporções verificadas – o que demonstra certo desconhecimento e ou desatualização acerca do potencial e do perfil de sociedade que configura o Egito atual. Outra conclusão que se pode tirar das entrevistas, diz respeito ao uso das mídias sociais, inquestionavelmente essenciais para a forma como se deram os acontecimentos ao longo dos dezoito fatídicos dias de revolução popular. Ainda outra percepção que apareceu muito clara ao longo das entrevistas foi a de que a revolução na Tunísia, iniciada em 2010, foi de grande influência para os acontecimentos que se seguiriam no Egito. A mais importante das conclusões parciais, no entanto, diz respeito à constatação consciente dos entrevistados de que a revolução egípcia os fez mudar de opinião acerca de seus estereótipos de povo egípcio.

Com base nesta última questão, pode-se considerar a verificação empírica de uma mudança de percepção (mesmo que ao longo do tempo mostre-se efêmera) potencialmente geradora de novas formas de se conceber identidades. Em um contexto político e social instável, o *ser egípcio* hoje pode diferir do *ser*

egípcio de amanhã, e no longo prazo estas mutações podem dar lugar a transformações permanentes, essencialmente modificadas por fatores como os agentes da globalização, conforme a visão de Hall (2006).

4 O EGITO CONTEMPORÂNEO E OS VESTÍGIOS DE UMA MUDANÇA PROFUNDA

A importância e relevância histórica e política do Egito, mundial e regionalmente, foram os primeiros temas a serem tratados na presente pesquisa, ainda no capítulo um, quando antes da apresentação da teoria norteadora do trabalho, dos *descentramentos identitários* de Stuart Hall (2006), foram apresentadas informações como “insumos” básicos à construção de uma percepção generalizada, e deveras ocidental, sobre o que consistiria a identidade o país Egito e conseqüentemente seu povo. No segundo capítulo tratou-se de investigar a percepção dos nacionais acerca de seu país, e eis que no capítulo presente passar-se-á às análises conclusivas do que se pôde observar.

Neste terceiro e último capítulo, portanto, os dados coletados nas entrevistas do capítulo anterior serão analisados com base nas explicações teóricas e percepções acerca das identidades culturais nacionais desenvolvidas por Stuart Hall.

Desta forma, resgatar-se-á questões colocadas no primeiro capítulo de forma a aprofundá-las e respondê-las de maneira teórica, junto aos registros de percepções dos entrevistados sobre o tema, analisados, então, sob a ótica de Hall.

4.1 O país Egito

A pergunta “O que é o Egito” foi propositalmente uma das primeiras indagações da presente pesquisa, de modo que, através da *objetificação* do conceito nação, se compreenda em primeiro lugar a comum falta de conhecimento acerca do tema, e a inevitável lente cultural a que se está submetido quando do entendimento do que seja “o outro”, neste caso a “nação egípcia”, incluída no abrangente termo “Egito³⁵”.

Se no imaginário estereotipado ocidental, a ideia de Egito remete muito à sua história antiga – às pirâmides e aos Faraós –, as entrevistas da presente pesquisa

³⁵ República Árabe do Egito.

não negam a importância desta mesma história para a amostra de entrevistados – representante dos jovens cidadãos do país –, no sentido de contribuírem de maneira significativa para a construção de sua identidade como “pessoas egípcias”. As entrevistas comprovam, portanto, a indicação do capítulo 1 de que o passado remoto do país exerce significativa influência na forma como se entende o que seria a “egipticidade” ainda nos dias de hoje para alguns dos próprios cidadãos. “(...) Catar e Dubai são países modernos, eles não têm uma cultura de verdade, não têm uma história, o Egito tem (K.)”.

Como forma de situar o Egito dentro do tradicional Oriente Médio composto essencialmente pelos países no entorno do Golfo Pérsico³⁶, foi questionado aos entrevistados as diferenças entre o Egito e estes países do Golfo. As respostas dos jovens egípcios, elucidadas no capítulo anterior, demonstram sua não identificação com estes países, apesar de todos serem identificados como também árabes. Nenhum dos entrevistados disse não haver grandes diferenças, e praticamente todos atentaram para a questão cultural ligada à dicotomia religião e liberdade. Pertencentes à classe média, os egípcios em questão aparentam desfrutar de maiores liberdades individuais das que se tem notícia em países tradicionalmente mais conservadores como a Arábia Saudita. Estas percepções fazem sentido quando se compara a vivência do período Primavera Árabe em ambos os países, assim como seus “resultados” de até então.

Relacionando, portanto, tais discursos à forma como se desencadearam os acontecimentos, e observando-os com um olhar analítico e comparativo, entende-se o determinante papel da modernidade, através do que pode se considerar como um dos movimentos da globalização, na construção de uma sociedade apta a mudanças radicais de governo e incubadora de inovações políticas e sociais. Neste sentido, a comparação entre Egito e países do Golfo Pérsico, aparentemente simplista, se mostra muito mais rica e proveitosa para a presente pesquisa do que simplesmente o registro de um traço perceptivo dos egípcios em relação a seu país. Tal comparação lança as bases de uma das primeiras conclusões da presente pesquisa, a qual inclui a globalização no hall dos fatores

³⁶ Lembrando que, exceto nesta parte, o termo Oriente Médio se refere, ao longo do trabalho, a toda a extensão territorial que vai do Magreb, no norte da África, até o Irã, conforme registrado em nota no início do primeiro capítulo.

que propiciaram o acontecimento da Primavera Árabe, da forma como se deu, no Egito.

Outro fator evidenciado nas entrevistas, e ainda no que tange esta comparação, foi o relacionado à disparidade econômica e a conseqüente qualidade de vida de que desfrutam os cidadãos do golfo, muito superior à condição miserável de grande parte da população do Egito. Esta percepção comprova naturalmente a consciência social dos entrevistados acerca do que deveria ser reivindicado e dos problemas sociais do país.

Além da verificação de que história antiga está bastante presente na mentalidade da amostra, e de que seus entendimentos em relação ao diferencial de “liberdade” (com todas as ressalvas e aspas que o termo merece) do Egito meio a países mais tradicionais do Oriente Médio, o protagonismo do país no último século também se mostrou do conhecimento dos entrevistados de forma geral, mesmo que palavras-chave como “liderança” tenham sido pouco empregadas em seus discursos. Estas percepções de um Egito destacado no Oriente Médio serão analisadas no item a seguir, o qual tratará dos protagonismos que fazem do país o coração do Mundo Árabe.

4.1.1 Poder egípcio: língua, política e produção cultural

Primeiramente, para se medir o conhecimento da relevância do Egito em meio a sua região, deve-se identificar o conhecimento dos entrevistados acerca da importância de sua língua local, e de o quão significativo se faz este único fator para o país no que diz respeito até mesmo à sua política externa. Da mesma forma, suas impressões acerca do papel do Egito dentro do Mundo Árabe em relação à política e cultura também são pontos a serem analisados e esclarecidos no presente capítulo.

Quatro dos cinco entrevistados foram claros ao constatar a importância de seu idioma nacional, considerando-o o idioma árabe, entre outros adjetivos, mais fácil, mais comum e mais popular de todos os outros, vide trechos transcritos das entrevistas no capítulo anterior. Apenas um dos entrevistados não demonstrou esta clareza de entendimento, evidenciando de forma enérgica, no entanto, ter

conhecimento da grande distinção entre a norma culta da língua e a forma de falá-la no dia a dia dos cidadãos egípcios.

A constatação da facilidade de comunicação do Egito, com o meio internacional em que está inserido, gerou conseqüentemente a demonstração por parte dos entrevistados de seu conhecimento também acerca da vasta e internacionalmente conhecida produção cultural do país e da referência que o mesmo representa, sobretudo, no ramo do entretenimento.

O dialeto árabe egípcio, por contar com simplificações do árabe formal e possuir sotaque considerado fácil de entender, dá ao Egito a vantagem de ser um país comunicador entre os demais países árabes. Um exemplo disso pode ser verificado na Liga Árabe, em que o Egito é protagonista em grande parte pela facilidade da utilização do *árabe egípcio*³⁷, que acaba desempenhando papel de coesão entre os países componentes do bloco. Especula-se, sem muito risco, que a maioria dos debates e acordos da Liga devam ser selados entre conversas e negociações discorridas em árabe egípcio.

O fator “língua” se estende não somente à política, mas gera uma série de conseqüências que destacam o país na cena regional. Segundo a historiadora Arlene Clemesha, professora de história árabe da Universidade de São Paulo, o Egito é o país mais importante do Oriente Médio, não somente pelo tamanho de sua população e importância de sua antiguidade, mas também por uma diversidade de demais fatores como cinema, televisão, lideranças, e o próprio *arabismo*³⁸, que juntos reforçam, ainda no século XXI, a posição de líder regional do país. Levando-se em conta apenas dois dos aspectos levantados por Clemesha “cinema e televisão”, percebe-se a contribuição do dialeto egípcio no escoamento de sua produção cultural. Da mesma forma, a questão “lideranças”, comentada pela historiadora, pode ser em muito explicada pelo dialeto egípcio, em que pronunciamentos e posicionamentos políticos fazem-se diretamente compreendidos por árabes de outros Estados (isto é, sem que interpretações diversas derivadas de traduções sejam necessárias). Um claro exemplo disso é a liderança egípcia dos anos cinquenta, com o emblemático e já mencionado

³⁷ O termo *árabe egípcio* refere-se ao dialeto árabe falado no Egito, em que há, conforme dito anteriormente, vasta gama de variações linguísticas e simplificações de palavras do idioma árabe formal.

³⁸ *Arabismo* refere-se ao conjunto de tudo que diz respeito à cultura e à tradição dos habitantes do Oriente Médio falantes da língua árabe, em que se incluem valores étnicos e culturais do povo árabe.

presidente egípcio Gamal Abdel Nasser, o qual fazia uso das rádios transmitidas em todo o mundo árabe para pregar diretamente às populações suas ideias anti-imperialistas e pan-arabistas (SCOTT-BAUMANN, 2010 p. 45-46).

Além do fator comunicação, deve-se atentar para peculiaridades das percepções dos entrevistados em relação aos outros importantes aspectos do protagonismo egípcio no Oriente Médio, como o cultural e político-militar. Vale ressaltar aqui que, apesar da grande admiração popular interna pelo exército egípcio – resultado de fatos históricos recentes, como a reconquista da península do Sinai em 1979 –, percebe-se que ao longo dos anos a influência egípcia no Oriente Médio e em todo o mundo árabe, sofreu alterações tendo adquirido caráter mais cultural e menos militar. Tal percepção pode ser encontrada ao longo das entrevistas, em que às referências aos destaques político-militares do Egito aparecem sempre situadas no passado, ao passo que a importância cultural apresenta-se, nos discursos, como duradoura e atual.

Isso porque, realmente, mesmo que o Egito tenha perdido prestígio político ao decorrer dos anos 70 frente os demais países árabes, a popularidade de sua língua árabe falada e o prestígio à sua produção cultural dentro do mundo árabe continuaram sendo inquestionáveis. A influência cultural egípcia em seu entorno está muito atrelada à já comentada facilidade com que a produção cultural é escoada, cujos méritos principais podem ser atribuídos ao compreensível *dialeto*. Um exemplo claro disso pode ser visualizado no mercado musical: para lançarem-se à cena regional e serem reconhecidos em todo o Oriente Médio, artistas árabes das mais variadas nacionalidades preferem compor e lançar canções em *árabe egípcio*.

Ao longo das entrevistas, portanto, esta importância cultural do Egito para sua região foi claramente verificada no discurso de todos os cinco entrevistados. A importância política do Egito, no entanto, apresentou percepções diferentes e que remontam, inevitavelmente, o desempenho do Egito frente às questões políticas do século XX.

Assim, além da importante geopolítica³⁹ destacada anteriormente no presente trabalho e verificada nas entrevistas, os jovens fizeram referências que demonstraram seu conhecimento acerca da história recente de seu país.

³⁹ A importante geopolítica do país se deve, sobretudo, à sua posição estratégica de ponte terrestre entre Ásia e África, e o controle do Canal de Suez que faz a ligação entre o Mediterrâneo

Segundo, principalmente, Y. e K., a simples proximidade territorial do Egito com a Palestina, faz por si só, com que o Egito seja um país importante no que tange os aspectos conflituosos políticos da região⁴⁰. Além disso, os entrevistados acabaram por comprovar em seus discursos a relevância ainda muito atual da recuperação do território do Sinai pelo exército egípcio no fim dos anos 70 com a negociação feita com Israel. O protagonismo do presidente Nasser também foi lembrado, assim como sua capacidade de unir os países do entorno para abraçar uma causa comum. Segundo S., na época de Nasser, o Egito poderia ser, sem dúvidas, considerado um líder político no Oriente Médio, diferente dos dias de hoje em que não desfruta da mesma influência política de antigamente. A recuperação do Sinai dos israelenses é, neste ponto, mais uma vez lembrada pelo entrevistado, que a considera um dos últimos êxitos do Egito em termos políticos capazes de mantê-lo destacado em cenário internacional.

É desta época que data a assinatura dos polêmicos acordos de Camp David – cujos resultados foram por um lado a tão desejada recuperação da península do Sinai e por outro o fim da liderança política do Egito frente os países árabes – os quais representaram um divisor de águas na história do Egito e das relações regionais do Oriente Médio e entorno.

4.1.2 Camp David e a ocidentalização

Distintamente de demais países árabes, então, após o fim da guerra de Yom Kippur (1973), o Egito passou a desenvolver uma relação diferenciada com o Ocidente. O novo presidente egípcio Anwar Al Sadat protagonizou uma reviravolta de política externa que o aproximou aos Estados Unidos nas *conversações de paz*, moderadas pelo secretário de Estado norte-americano Henry Kissinger, que, após longas negociações, conseguiu em dezembro de 1973, reunir as duas

e o Oceano Índico, através do Mar Vermelho. O Egito faz fronteira com a Líbia a oeste, com o Sudão ao sul e com o território da Palestina – atual Estado de Israel – a nordeste. Politicamente ainda, a nação egípcia tem influência em sua região geográfica por pertencer a três esferas sociais distintas: árabe, africana e muçulmana. (DANIELSON, 2007)

⁴⁰ O conflito Israel-Palestina que perdura até a atualidade é, visivelmente, algo muito sensível dentro do conjunto dos países árabes. A existência deste conflito tornou-se inerente ao cenário regional internacional, e o posicionamento estatal quanto a esta questão tornou-se fator indispensável da política externa dos países. Da mesma forma, é quase impossível não perceber a convicção dos entrevistados em relação ao tema, que desde a infância são instigados direta ou indiretamente a assumir posicionamento político perante a *continuamente atual* questão conflituosa entre Israel e Palestina.

partes no que denominou uma *conferência de paz*⁴¹. Ao aceitar, junto do governo da Jordânia, Sadat foi acusado pela OLP e demais países árabes de trair o que seria a *Causa Palestina* e tudo que a mesma representava (HINNEBUSCH, 2002).

Na prática, a conferência não chegou a nenhum resultado específico, mas os efeitos políticos das negociações contínuas começaram a ser visíveis. A esta altura, é provável que Sadat já estivesse interessado em se aproximar dos Estados Unidos, aceitando em 1977 visitar Israel, quando fez um discurso, dentro do parlamento, em defesa da paz. A atitude do governo egípcio foi decisiva para que o presidente dos Estados Unidos, Jimmy Carter, convidasse ambas as partes (Egito e Israel) para continuar e eventualmente concluir os acordos de paz em território americano. O local escolhido para as discussões foi a casa de campo do presidente norte-americano, em Camp David, nos EUA. Finalmente, Israel e Egito assinaram um tratado de paz, ratificado em março de 1979. Com o tratado, o Egito reconheceu oficialmente o Estado de Israel e a península do Sinai foi devolvida aos egípcios (HANIEH, 2001).

Se para a população egípcia a recuperação do Sinai representava um êxito militar de cunho autodeterminante, no nível de política externa e diante dos demais países árabes, o reconhecimento de Israel por parte de Sadat soava como uma traição. Por conseguinte, a polêmica postura do presidente egípcio resultou na expulsão do país da Liga Árabe em 1979. A sede da Liga foi então transferida para a Tunísia, e, somente dez anos depois, quando o Egito foi readmitido na organização, a sede voltaria a se estabelecer no Cairo (SILVA et. al. 2009).

É de se compreender que o prestígio árabe em relação ao Egito tenha sido abalado com a assinatura dos acordos de Camp David. Em contrapartida, às óticas ocidentais, o Egito passava a ser um país mais *moderado*. Esta aproximação aos Estados Unidos logrou vantagens à elite egípcia, a qual passou a ocupar um espaço política e ideologicamente ambíguo frente aos árabes e às potências ocidentais.

Neste momento há uma transformação clara de percepções ocidentais quanto à imagem do Egito no Sistema Internacional de Estados, ainda mais se

⁴¹ Informações retiradas de documentos públicos do Ministério do Exterior de Israel.

uma identidade nacional única (ilusória, conforme Stuart Hall) estiver sendo considerada.

Em entrevista à Globonews, o professor de história da UERJ e da Unirio, Edgard Leite, fala da transição da posição egípcia entre pró-soviética e pró-estadunidense, evidenciando os ganhos obtidos provenientes desta troca. Segundo ele, a parceria política entre Egito e Estados Unidos garantiu à elite egípcia um fornecimento regular de capitais e recursos que modernizaram o exército egípcio e possibilitaram todo o poder da elite vigente. Inclusive, quando perguntado sobre a possibilidade de mudança de relacionamento político do Egito em relação aos Estados Unidos após os levantes populares contra o governo de Mubarak em 2011, Edgard respondeu: “É difícil um modelo político no Egito que abra mão disso (das regalias à elite egípcia), e que decida romper com os EUA”.

Indagada sobre a mesma questão em entrevista concedida a programa veiculado na TV Cultura, a historiadora Arlene Clemesha diz o Egito ser, desde Camp David, um “Estado absolutamente comprado pelos Estados Unidos”, acrescentando o mesmo não exercer, até a queda de Mubarak, uma política externa autônoma.

No entanto, dentre demais ganhos econômicos, o posicionamento mais brando do Egito em relação ao Ocidente acelerou o turismo no país. O grande fluxo de turistas estrangeiros, vindos de todas as partes do mundo, atraídos principalmente pelas pirâmides, pelo litoral do Mediterrâneo e pela península do Sinai, contribuiu e continua a contribuir, neste sentido, à maior ocidentalização e conseqüentemente internacionalização do país.

O tom mais globalizado do Egito em comparação aos demais países árabes tradicionais permite, também, que o mesmo se posicione como conexão entre Ocidente e Mundo Árabe; soma-se a isso, então, o já citado fator “popularidade” do país dentro de sua região.

Destarte, o contexto em que se inserem as percepções reveladas pelas entrevistas desta pesquisa, portanto, é de um Egito contemporâneo, onde é possível identificar influências modernas e marcas profundas de ocidentalização. Neste sentido, os discursos dos entrevistados fornecem pistas e nuances de como estas influências que dão forma ao Egito de hoje podem ser encontradas nas percepções destes jovens, através de suas ideias, noções de democracia e liberdade, via de regra, muito atreladas aos exemplos ocidentais, como visto no

capítulo anterior, em que K., por exemplo, diz querer um Egito similar a países da Europa⁴².

A reviravolta na política externa do Egito representada pela figura do presidente Sadat mudou o rumo da história recente do país, que se viu inundada por influências culturais ocidentais. Em tempos de Guerra Fria, a leitura das grandes potências do Ocidente em relação à deposição do rei Faruk pela revolução egípcia dos anos 50, liderada pelo presidente Nasser, foi de que o Egito estaria optando pelo comunismo e conseqüentemente submetendo-se ao amparo da União Soviética em detrimento das relações diplomáticas com os Estados Unidos. Portanto, a “reconquista ideológica” do Egito pelo gigante americano verificada na *Era Sadat* – auge da Guerra Fria – foi uma vitória muito significativa para esta superpotência, ainda mais por se tratar de um país com uma posição geográfica tão vantajosa como a do Egito, país situado no coração do mundo árabe.

A ocidentalização vem acompanhada de uma série de valores que uma vez conquistados proporcionam difícil retrocesso. Os relatos que expõe os modos de vida menos religiosos e a preocupação com o cerceamento de liberdades individuais servem como provas de uma mentalidade que já assimilou influências o suficiente para entrar inevitavelmente em choque com as antigas e tradicionais instituições de poder que possam voltar a se impor.

Esta ocidentalização, no entanto, atinge de formas muito distintas as diferentes camadas socioeconômicas da população. A amostra de jovens utilizada na presente pesquisa é composta predominantemente pela camada da classe média alta, que como visto anteriormente não sofre com a fome e a injustiça social, mas é, em contrapartida, mais fortemente atingida pelas influências ocidentais globalizantes e modernas.

⁴² Vide página 55, no subtópico 3.2.1.4.

4.1.3 Egito propulsor da Primavera Árabe: Mudanças em curso

É bastante difícil tentar prever qualquer cenário frente a acontecimentos tão recentes e de tão forte impacto como a revolta que gerou a deposição do presidente Mubarak no Egito.

Ao longo das entrevistas, procurou-se identificar o conhecimento dos entrevistados acerca da importância das mudanças sociais dentro do Egito para os países do entorno, componentes do Oriente Médio. Apesar da riqueza em detalhes e percepções que a conversa em forma de entrevista proporcionou à presente análise, nenhuma indicação mais explícita da importância das insurgências no Egito nos discursos se fez evidente.

Subentende-se então que, provavelmente por estarem dentro de um contexto intenso e instável (no sentido do país encontrar-se em recorrente mudança), esta questão passa despercebida pelos entrevistados e torna-se secundária diante de um país repleto de transformações e movimentos políticos. Os olhares externos à situação é que conseguem pensar de maneira mais sistêmica ao projetarem a instabilidade local a toda uma região, devido a importância geopolítica do Egito.

Desestabilizar o Egito é abalar o coração do mundo árabe, e da mesma forma colocar em xeque os interesses de potências ocidentais na região. Esta posição paradoxal e *sui generis* do Egito faz do mesmo um país de política regional e externa intrigante. As insurreições populares egípcias, portanto, sinalizam vulnerabilidade a um sistema aparentemente estável e consistem motivo de alerta tanto aos países árabes quanto aos países ocidentais que procuram a manutenção do *status quo*. Desta maneira, se o Egito estiver iniciando um período de intensas mudanças estruturais, muitas das quais resultarão aos poucos em uma nova forma de a nação se entender como tal e de, conseqüentemente, se posicionar como ator no sistema internacional, é bastante improvável que os países do entorno não sejam atingidos de alguma forma.

Mesmo assim, apesar de o Egito poder protagonizar um movimento de mudanças concretas em toda a região dos países árabes, é possível que este processo seja naturalmente lento, assim como imperceptível para os nacionais inseridos no contexto. A análise distante dos movimentos sociais e suas implicações políticas, no entanto, assim como a análise dos discursos dos

entrevistados, levam a crer que em um futuro não muito distante, o Egito sofrerá importantes mudanças em diferentes âmbitos – tanto do ponto de vista da identidade cultural nacional imaginada, quanto do ponto de vista político e social – cuja essência eventualmente impulsionará abalos em diversos países do Oriente Médio.

O recente acontecimento da revolução no Egito torna o mesmo ainda mais importante na atualidade no que diz respeito à visibilidade da região dos países árabes perante o sistema internacional. As expectativas do porvir na região repousam sobre o desfecho da inquietação popular e da nova forma estável de *ser* do Egito, ainda não descoberta.

4.2 A globalização e a vulnerabilidade das identidades culturais nacionais

Diante desta mistura de informações e da imprecisão inevitável de qualquer descrição que se proponha a decifrar uma figura abstrata e personificada de um país – nação, população, costumes, percepções diversas etc. –, retoma-se a tese de Stuart Hall de que, como visto no capítulo um, as nações não passam, sobretudo, em tempos pós-modernos, de comunidades imaginadas.

Para Hall (2006), portanto, a diferença entre as nações estaria nas distintas formas de imaginá-las. A realização das entrevistas apenas com cidadãos egípcios parte justamente do pré-suposto de que ambos os cinco compartilham de semelhante forma de imaginar a comunidade a qual se sentem pertencidos – com representações de Egito e identificações que dominam e definem respectivamente a identidade do povo egípcio.

Sendo fruto da imaginação de um grupo, a identidade cultural nacional egípcia, assim como qualquer outra identidade nacional, segundo Hall, estaria vulnerável a constantes mudanças, ainda mais em tempos de alta globalização. Diante disto, a pergunta central da presente pesquisa diz respeito à Primavera Árabe e sua possível participação, como marco, para o início de uma mudança nesta identidade nacional tão frágil e multifacetada.

4.2.1 Os descentramentos identitários ocasionados pela Globalização

A utilização do arcabouço teórico de Stuart Hall (2006) encontra respaldo no contexto analisado – o Egito revolucionário de 2011 – justamente pela

possibilidade de se identificar tantos movimentos contraditórios e concomitantes acontecendo em um mesmo palco de transformações políticas e sociais.

Dentro do contexto pós-moderno, Stuart Hall relata a ocorrência de fenômenos simultâneos e aparentemente controversos entre si. Segundo Hall – como discorrido no primeiro capítulo –, a pós-modernidade e seu alto grau de globalização permitem que as identidades culturais nacionais sofram três tipos de processos: o de homogeneização das identidades, o reforço das mesmas – como consequente resistência ao processo da homogeneização – e a criação de identidades híbridas.

Desta forma, o presente trabalho procura identificar estes processos em meio ao recente e agitado contexto político observado nas grandes cidades do Egito, cenário que propiciou e serviu de palco à revolução em questão.

A homogeneização das identidades seria o fruto das influências ocidentais sofridas pela cultura egípcia ao longo das últimas décadas, em que, sob a liderança de Sadat – como já elucidado –, o país esteve politicamente próximo aos EUA, meio a um cenário político internacional delicado como o do período da Guerra Fria. A forma de pensar, os costumes e as roupas da população jovem, principalmente de classe média e alta do Egito, são provas essenciais de algumas identidades em transformação.

No que tange a religião dentro da sociedade egípcia – outrora basilar para as definições *identitárias* de países árabes como o Egito –, para muitas jovens, principalmente nas cidades grandes como Cairo e Alexandria, já não é preciso usar o véu – *hijab* – para se considerar uma digna crente de Alá. O afrouxamento da rigidez religiosa também permite que alguns pecados passem implicitamente a ser considerados mais perdoáveis que outros: Entre muitos jovens egípcios a prática de beber e fumar cigarros deixou de ser um *tabu* para se tornar sinônimo de divertimento universal⁴³ (mesmo que o islã os proíba rigorosamente). Já nas classes mais populares e nas cidades menores, a tradição do uso do véu, assim como a prática dos rígidos horários das rezas exigidos pelo Corão, ainda é indispensável. Neste sentido, um *bom muçulmano* deve seguir uma série de prescrições, já nem tanto respeitadas por muitas famílias egípcias que, sem

⁴³ O tabagismo é amplamente difundido no Egito não somente entre os jovens, mas em grande parte da população adulta, independentemente da classe social. Dados do relatório de 2007 da Agência Central de Inteligência de Washington trazem o consumo de tabaco no Egito como de aproximadamente 1.100 cigarros per capita por ano (ERIKSEN, 2012).

deixar de se considerar mais muçulmanas ou árabes, passaram a não mais se identificar com tais condutas.

Neste ponto, é possível notar princípios do que Hall (2006) chama de *descentramentos identitários*, começando pelas novas formas de identificação dos indivíduos em relação a alguma esfera social a que se sentem pertencidos – neste exemplo, a religião. Se antigamente ser identificado como muçulmano, portanto, era compartilhar rigorosamente de condutas específicas, hoje em dia os processos transformadores da globalização multiplicam as formas de se identificar como muçulmano. Ser muçulmano no Egito hoje, pode não passar, por exemplo, de uma forma relativa de se identificar com os pilares da religião islâmica (o que não acontece em países mais tradicionais). Pode-se perceber claramente, portanto, identificações distintas de “ser muçulmano”, as quais mesmo que contestadas, sobretudo pelas esferas mais ortodoxas, não podem ser ignoradas. Da mesma forma, “ser egípcio” (assim como “ser árabe”, “ser africano” etc.) também passa por este processo de múltiplas conotações, mais do que nunca dentro do contexto estudado, em que o nacionalismo⁴⁴ é exaltado com frequência, fazendo com que a forma (ou novas formas) de se compreender a “egipcialidade” volte à tona.

Para alguns egípcios, então, as influências ocidentais acabaram por abrir portas de uma nova maneira de olhar o islamismo. Desta forma, a “sharia” – o sistema jurídico-religioso do Islã, ou o código de leis e conduta do islamismo, o qual pressupõe um modo de vida de submissão às leis de Deus e cuja sintonia entre religião e política é absolutamente natural (DÉMANT, 2011) –, passa a ser relativizada por muitos adeptos, os quais começam a classificar o grau de seus próprios pecados. Em outras palavras, a ortodoxia generalizada perde força à medida que gerações entram em contato com outras formas de viver a religião, como as que acontecem em distintas partes não só do Ocidente como também do próprio e vasto Oriente.

Além destes movimentos globais de homogeneização das identidades, que foram exemplificados com a questão das mudanças de identificações em relação à religião dentro do Egito, Hall afirma existirem tentativas de se reconstruir identidades purificadas, restaurando a coesão e a tradição, frente ao hibridismo e

⁴⁴ Ver definição de Nacionalismo em nota de rodapé da p. 26 do capítulo 1.

à diversidade. Estas tendências de reforço das raízes e restauração da pureza da tradição são, portanto, o que consistem os movimentos contrários à homogeneização. O surgimento de movimentos islâmicos fundamentalistas⁴⁵ – que buscam criar estados religiosos nos quais os princípios políticos de organização estejam alinhados com as doutrinas religiosas e com as leis do Corão – pode servir como exemplo de resistência aos movimentos globalizantes responsáveis pelo que seria a “dissolução” de tradições religiosas, observada não somente no Egito, mas em uma vasta gama de países, inclusive da região do Oriente Médio.

Dentro do Egito, o papel de resgate dos valores religiosos que aparentemente estão sendo diluídos pode ser visto como o de entidades político-religiosas, em que se destaca a Irmandade Muçulmana, por seu grande número de adeptos, capacidade de articulação e conseqüente influência em diversos setores políticos e sociais da sociedade egípcia. Falar da Irmandade, no entanto, é tarefa arriscada quando se trata de análise incipiente do que significa sua constituição e representação histórica e ideológica, da mesma forma como seu alcance dentro e fora do Egito. A ideia aqui, portanto, é apenas de entender a entidade como uma fonte de resistência à dissipação das identidades religiosas, desconsiderando suas divisões e graus de ortodoxia internos. Entende-se, então, que motivações como as da Irmandade Muçulmana, que gostaria de habitar um Egito mais tradicional e seguidor da *Sharia*, desempenham a propulsão de movimentos contrários ao da homogeneização, reforçando as identidades unificadas originais. O fundamentalismo que pode surgir daí, portanto, seria um destes movimentos contrário aos efeitos mais óbvios da globalização, sendo, da mesma forma e paradoxalmente, fruto da mesma.

O terceiro processo desencadeado pela globalização discutido por Hall trata-se da criação de novas identidades, estas híbridas. A questão do surgimento destas identidades, então, fixa-se em torno das novas identificações vividas pelas novas gerações da sociedade egípcia que convivem com estes movimentos globais simultâneos e contraditórios de tradição e mudança. O hibridismo, neste caso, nada mais é que o fruto de identificações de naturezas distintas que acabam por tornar o contraditório normal, e gerar, no médio prazo, a formação de

⁴⁵ A resistência religiosa aos movimentos da globalização é apenas uma das explicações atribuídas ao surgimento de grupos religiosos fundamentalistas. (DÉMANT, 2011)

identidades inéditas. Exemplos desta hibridez são gerados pelos movimentos de migração internacional, em sua maioria no sentido periferia-centro, que deslocam culturas locais a grandes cidades ocidentais – as quais representam o processo de homogeneização cultural em si – e estabelecem novas formas de articulação entre cultura local e global. Stuart Hall (2006) descreve este processo através do que entende por “tradução”, conceito que abarca as formações de identidades que ultrapassam e intersectam fronteiras naturais, sendo características de pessoas dispersadas para sempre de suas terras natais e que, no entanto, conservam sua identidade cultural nacional sem deixar de assimilar a identidade nacional do novo país.

Elas (pessoas pertencentes a estas culturas híbridas) carregam os traços das culturas, das tradições, das linguagens, e das histórias particulares pelas quais foram marcadas. A diferença é que elas não são e nunca serão *unificadas* no velho sentido, porque elas são, irrevogavelmente, o produto de várias histórias e culturas interconectadas, pertencem a uma e, ao mesmo tempo, a várias ‘casas’ (e não a uma ‘casa’ particular) (HALL, 2006, p.88-89, grifo do autor).

Com este exemplo de culturas traduzidas para outra realidade, percebe-se a questão da mistura que resulta na identidade híbrida de um indivíduo, o qual passa a habitar duas identidades e falar duas linguagens culturais distintas, traduzindo e negociando entre elas. Estas são condições cada vez mais comuns em uma sociedade mundial altamente globalizada: um egípcio morando em Nova Iorque; árabes morando em Londres, etc. A partir da mudança geográfica definitiva de um núcleo familiar, as gerações que lá se estabelecem são fruto de uma identidade em transformação que aos poucos toma forma e concretiza-se em uma nova identidade. Assim, o hibridismo vai, ao mesmo tempo, ganhando espaço junto à homogeneização (ou universalização) e ao reforço das identidades culturais locais.

No que tange a religião, em que os dois primeiros movimentos da globalização foram identificados, o hibridismo provavelmente também pode ser observado. Seu processo de assimilação e o nível de profundidade do mesmo, no entanto, não serão incluídos na presente pesquisa, por não acrescentarem à

análise em questão. Especula-se aqui, todavia, que identidades híbridas possam nascer de dissociações entre “ser árabe” e “ser muçulmano ou cristão”, “ser egípcio e muçulmano”, e “ser árabe e egípcio”. Esta perspectiva entende que o hibridismo é inerente às novas gerações do Egito, devido, sobretudo, às inseparáveis contradições da globalização, protagonizadas por tradição e pós-modernidade. As diferenças e as identificações incomuns são, portanto, condição essencial de uma sociedade milenar moderna que, dividida em camadas sociais, opiniões e identificações, se imagina unificada e se autodenomina Egito.

É justamente por tudo isso que o Egito contemporâneo, propiciador dos protestos da Primavera Árabe, torna-se um conveniente cenário de estudo de caso para a teoria de Hall dos deslocamentos das identidades impulsionados pela globalização, em plena pós-modernidade.

Diversas sociedades egípcias (ou Egitos) imaginárias são idealizadas por grupos sociais distintos da população e mais do que nunca os jovens dialogam entre tradição e inovação, sendo impulsionados a clamar, como visto nas manifestações de 2011, por valores aparentemente ocidentais como democracia, justiça social e reforma do sistema político.

4.2.2 A revolução egípcia e o início de um processo de transformações

Tendo identificado estes *descentramentos identitários* de que fala Hall, retoma-se a pergunta norteadora da presente pesquisa: Teria a Revolução Egípcia da Primavera Árabe agido como um agente da globalização e gerado efeitos de transformação sobre as percepções de identidade nacional dos egípcios entrevistados?

Foi constatado no capítulo anterior que, se as forças da globalização, sobretudo do ponto de vista dos rápidos e acessíveis meios de comunicação, não estivessem fortemente presentes nos protestos de 2011, a revolução da chamada Primavera Árabe não teria sido a mesma no Egito. Soma-se a este fator a questão das influências ocidentais dos moldes específicos de democracia e liberalização da ausência de práticas religiosas particulares, o que remete a uma globalização de influências culturais. Conclui-se, portanto, que o fenômeno que ficou conhecido como Primavera Árabe pode ser considerado, ao mesmo tempo em que fruto da globalização, um agente da mesma, o qual gerou claras

transformações perceptivas nos egípcios entrevistados, cujo amadurecimento pode vir a desenvolver novas identificações e, no longo prazo, novas identidades⁴⁶.

Ao relatarem novas formas de olhar para o povo egípcio, os entrevistados evidenciaram mudanças em suas percepções do estereótipo “ser egípcio” e, inflamados pelo contexto da revolução, sentimentos como rejeição e patriotismo puderam ser observados como novos insumos a moldar estas inéditas percepções de identidade.

A comprovação da hipótese de que pistas de uma possível mudança de percepção dos próprios cidadãos egípcios sobre si mesmos poderiam ser identificadas, portanto, foi verificada nas entrevistas, mesmo que estas percepções não passem, neste primeiro momento, de fenômenos efêmeros. Isto porque as percepções consistem processos particulares de assimilação e interpretação de estímulos externos, criadores de impressões sensoriais que permitem ao indivíduo dar sentido a seu ambiente. (ROBBINS, 1996; LUTHANS, 2005) Perante situação social instável – de uma sociedade em plena agitação sociopolítica – os estímulos externos acarretam em impressões sensoriais bastante suscetíveis a constantes e recorrentes mudanças, o que faz de muitas percepções coletivas fenômenos efêmeros. Entretanto, uma vez viabilizadas as possibilidades para o surgimento de um novo olhar autoavaliativo ou de análise da sociedade em que se está inserido, abre-se caminho a novas interpretações e sensações de pertencimento que, ao longo do tempo, podem vir se repetir e intensificar, tornando-se possivelmente mais nítidas e contundentes.

Os protestos egípcios do início de 2011, portanto, parecem ter iniciado um processo de transformações, característico da era pós-moderna, que podem no futuro dar origem a grandes dissociações *indentitárias* (para Hall [2006], *descentramentos*). À medida que os frutos políticos e sociais da revolução forem

⁴⁶ Tem-se a Primavera Árabe como fenômeno globalizado pelo fato da mesma ter utilizado largamente de ferramentas modernas de tecnologia da informação para acontecer nos moldes em que se apresentou ao mundo (como sugerido no primeiro capítulo e confirmado no segundo pelas entrevistas). Já a noção de Primavera Árabe como fenômeno globalizador/globalizante advém da comprovação da teoria de Hall quando projetada no cenário do Egito revolucionário de 2011, que traz a Primavera como agente modificador de percepções, cuja evolução pode dar lugar ao surgimento de novas identidades. Além disso, pode-se entender a Primavera Árabe como agente da globalização à medida que a mesma inspira movimentos sociais de grandes proporções e abre precedente do uso massivo de mecanismos como os possibilitados pela internet para potencializar a liberdade de expressão e as denúncias de governos autoritários ao mundo.

se desenvolvendo – a indignação, a insatisfação, a concordância ou discordância etc. – as novas formas de identificação ficarão mais claras e os movimentos globalizantes atuarão homogeneizando e reforçando, concomitantemente, identificações que, como já enfatizado, podem dar forma a novas identidades.

Desta maneira, entende-se que, no que tange a percepção dos cinco jovens entrevistados, a Revolução no Egito da Primavera Árabe desempenhou, sim, papel de agente da globalização, evidenciando processos de transformação em curso e servindo de fator propulsor a ainda mais alterações de percepções de identidade cultural nacional.

Estas alterações em curso, iniciadas em 2011 e que a cada ano revelam mais desdobramentos políticos (como a queda, em 2013, do presidente eleito Mohamed Morsi, exatamente um ano antes), são latentes nas entrevistas e reforçam a percepção do presente trabalho de que a chamada Primavera Árabe é somente um passo representativo em relação transformações do porvir no Egito. Enquanto as inúmeras avalanches de especulação e incertezas imaginam e projetam as mudanças em um futuro doméstico e internacional, as identidades atreladas à imagem do “nacionalismo” se formam e se transformam no interior da representação, em processos aparentemente imperceptíveis.

Faz-se importante, portanto, que se estude as transformações sob o panorama “micro”, dando espaço ao aparecimento de fatores que podem evidenciar questões maiores, como o início de processos transformadores. As sutilezas se fazem importantes no processo de procurar vestígios, em que a simples mudança de opinião de um indivíduo, ou a mera diferença no pensar do mesmo, na reinterpretação de algo, pode ser decisiva para a compreensão de uma tendência comportamental coletiva.

A sensibilidade de olhar para cada entrevistado, interpretando com ele o mundo em que está inserido, abriu caminho à verificação do processo de alteração *identitária* que se procurava. Apesar de todas as incertezas que permeiam os próximos anos do Egito e de todo o Oriente Médio para onde o mesmo bombeia suas influências culturais, quiçá comportamentais, pode-se afirmar que, para os cinco jovens da amostra, há um processo de alteração de percepções relativas à identidade cultural nacional egípcia em curso, cujas evidências foram encontradas nas entrevistas de maneira nítida, manifestando o que parece ser o início de consequências perceptivas profundas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa tratou de investigar possíveis mudanças de percepção de egípcios acerca de sua própria identidade cultural nacional com o acontecimento da Primavera Árabe em seu país.

Para isso, o trabalho se utilizou de pesquisa qualitativa, em que entrevistas individuais foram realizadas pela internet com cinco jovens egípcios, cujos relatos abrangeram suas vivências e opiniões sobre o momento político e social que passaram a viver no Egito a partir de 2011. Paralelamente a isso, a teoria de Stuart Hall (2006) acerca das transformações das identidades na era pós-moderna foi explorada, de maneira a guiar o surgimento das hipóteses que desenvolveram o presente trabalho. A combinação entre a teoria dos *descentramentos identitários* de Hall e as entrevistas sobre a Primavera Árabe deram o tom de atualidade e relevância adequado ao tema, de forma a invalidar a efemeridade muitas vezes atribuída ao fenômeno da Primavera Árabe.

As entrevistas foram de fundamental importância para tratar de um tema tão delicado na medida em que envolve sujeitos imersos em outra configuração política, social e, sobretudo, cultural, com valores e formas de entender o mundo tão distintas das da autora do presente trabalho.

Uma dificuldade que deve ser ressaltada nesse processo de estudo – relativo especificamente às entrevistas – diz respeito às eventuais defasagens a que se está exposto quando da utilização da tradução de línguas estrangeiras na expressão de determinadas ideias. Tem-se em mente, portanto, que, apesar da fluência em inglês dos interlocutores envolvidos, algumas questões foram eventualmente pensadas em árabe, traduzidas livremente em inglês, e transcritas em português, já na forma de citação, à presente pesquisa. Este processo, portanto, contou com o risco de haver algumas perdas.

Apesar disso, a pesquisa fluiu muito bem, e as entrevistas proporcionaram interessantes análises à luz de Stuart Hall (2006). Desta forma, as três hipóteses iniciais, sugeridas na introdução do trabalho e de valor essencial para guiar o desenvolvimento da pesquisa, foram confirmadas. A verificação das mesmas foi feita em especial ao longo do segundo capítulo – em que houve a transcrição de

trechos das entrevistas – à medida que os entrevistados convergiram em suas percepções de surpresa quanto à Revolução; de uso intenso e essencial da tecnologia da informação ao longo dos dias de revolta; e da sua ideia diferenciada dos “egípcios” antes e depois da Primavera Árabe.

Para todos os cinco entrevistados, a larga utilização da internet, e a comunicação facilitada proporcionada pela popularidade das mídias sociais, foram de vital importância para que os mesmos tomassem conhecimento das manifestações iniciais no Egito, no final de janeiro de 2011. Da mesma forma, foi através destes mesmos meios de comunicação que os entrevistados se sensibilizaram com o que havia acontecido na Tunísia alguns meses antes, o que influenciou suas posturas quando do início da revolta egípcia. Nas palavras do entrevistado H., o que houve na Tunísia foi “como uma semente para tudo isto que está acontecendo agora, nos outros países” (em referência ao *efeito dominó* da Primavera Árabe).

Outra importante convergência observada entre os entrevistados e que foi considerada um vestígio claro de identidades em transformação foi o espanto relatado por todos os cinco jovens em relação às proporções que as manifestações populares atingiram, mobilizando uma quantidade inédita de pessoas nas ruas, em que se misturavam homens e mulheres, cristãos e muçulmanos, jovens, adultos, crianças e até idosos.

Outro ponto fundamental revelado pelas entrevistas diz respeito à declarada forma com que os entrevistados disseram “viver em um novo Egito”, independentemente de seus distintos juízos de valores em relação à mudança (se para melhor ou para pior). Os entrevistados revelaram ainda que, se antes atribuíam ao estereótipo de “egípcio” características como hospitalidade e bom humor, hoje não hesitam em acrescentar a esta combinação o fator “luta por justiça”, com adjetivos como “indomáveis” e “exigentes”.

O problema da pesquisa, portanto, propiciou, como se propunha, o estabelecimento de uma embasada correlação entre o acontecimento da Primavera Árabe no Egito e mudanças de percepções em relação à identidade nacional egípcia. As entrevistas apresentaram-se como estudo de caso para a teoria de Hall em questão, gerando os insumos necessários para a resposta à pergunta-chave do trabalho: “Teria a Revolução Egípcia da Primavera Árabe agido como um agente da globalização (nos termos colocados pela teoria de

Stuart Hall) e gerado efeitos de transformação sobre percepções de identidade nacional dos egípcios entrevistados?” - Evidentemente a pergunta considera o caráter qualitativo da pesquisa, e atém-se ao reduzido campo de estudo que contempla a amostra em questão (cinco pessoas entrevistadas).

Por conseguinte, a resposta é positiva, a Primavera Árabe agiu, sim, como um agente da globalização no Egito, gerando efeitos transformadores na identidade nacional em questão da forma como era/é percebida por cada um dos entrevistados. Mais do que agente globalizador, o qual tem o poder de “descentrar” identidades segundo Hall, a Primavera Árabe é também fruto desta globalização, tendo ocorrido nos moldes do mundo pós-moderno, alertando para o poder nos novos mecanismos de comunicação, os quais, segundo as entrevistas, foram essenciais para dar forma à Primavera que se viu.

Assim, o objetivo geral da pesquisa foi atingido, pois se teve a comprovação, através dos relatos dos entrevistados, de que a Primavera Árabe, para eles, não passou apenas de uma revolta política efêmera e geradora de frutos imediatos, mas que representou um novo momento de seu entendimento acerca da sociedade egípcia, sinalizando certa mudança de postura dos mesmos e abrindo caminho a uma nova forma de se entenderem como “egípcios”. Em outras palavras, para estes cinco jovens entrevistados, a Revolução no Egito parece ter dado início a um processo de transformações acerca de autodeterminação (e possivelmente, no médio prazo, padrão comportamental).

Se a amostragem em questão é representativa o suficiente em se tratando da maioria dos jovens de classes econômicas mais favorecidas no Egito, não é possível afirmar. O importante, entretanto, é saber que processos de modificações perceptivas parecem já estar em curso na mente de alguns jovens, o que pode ou não sinalizar o início de um sintoma coletivo nacional. Este, no entanto, só poderá ser verificado ao longo dos anos, quando muito mais identificações sofrerem processos simultâneos e contraditórios de homogeneização e reforço, como explica a teoria de Hall (2006).

O que se pode afirmar, por enquanto, é que H., K., M., S. e Y. passaram a olhar diferentemente para seu próprio povo, para seu país, para seus amigos e família. Sua forma de se entender como parte da nação egípcia provavelmente também mudou. Mas o mais importante, aqui, é que vestígios de uma mudança profunda foram encontrados nos discursos destes jovens e, de acordo com os

desenrolar do cenário sociopolítico do país, poderão iniciar o surgimento de novas identidades, abrindo o caminho para o nascimento de um novo Egito.

Com mais tempo e mais recursos, a pesquisa ampliaria o número de entrevistas para captar uma fatia maior de percepções, em formato mais aproximado ao de pesquisa quantitativa.

A partir deste trabalho, outras pesquisas podem ser feitas no sentido de identificar se a amostra de entrevistados em questão (H., K., M., S., e Y.) é de fato representativa de uma camada popular específica no Egito contemporâneo. Da mesma forma, seria interessante continuar estes estudos no sentido de entender o quão significativa é ou não esta fatia da população de classe média alta (relativamente mais ocidentalizada) dentro da realidade político-social do Egito. Outra boa forma de continuar a presente análise seria considerar fatores posteriores à queda do presidente Mubarak no Egito, ampliando o recorte temporal e projetando o estudo de percepções de identidades a uma esfera maior de acontecimentos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARREIRO, Denise. **A partilha da Palestina e a criação de Israel na imprensa brasileira (1947-1948)**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2013. 89 p. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/90287/000914470.pdf?sequenc e=1>>. Acesso em dezembro de 2013.

Biblioteca Digital Mundial. Disponível em: <<http://www.wdl.org/pt/item/2419/>>. Acesso em Outubro de 2013.

BOBBIO, N.; MATTEUCCI N.; PASQUINO G. **Dicionário de Política**. UnB, Brasília, 1998. pp. 809-816.

BRASIL. Ministério da Educação. Comitê Científico Internacional da UNESCO. **História Geral da África, II: África Antiga**. Editado por Gamal Mokhtar. – 2.ed. rev. – Brasília: UNESCO, 2010. 1008 p. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0019/001902/190250por.pdf>>. Acesso em novembro de 2013.

CAMPOS, Cecília; XAVIER, Renato. **Nasser e o Pan-Arabismo: A liderança regional e o ressurgimento do nacionalismo árabe**. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2014. 17 p.

CARDOSO, Ciro F. **O Egito Antigo**. 1982. Disponível em: <http://www.cns-g-pi.com.br/conteudos/egito_antigo.pdf>. Acesso em novembro de 2013.

CASANOVA, Susana. **A Liga dos Estados Árabes**. 2012. Disponível em: <<http://archive.feedblitz.com/233686/~3966938>>. Acesso em setembro de 2013.

CLEMESHA, Arlene. **Provocações 576**. São Paulo, TV Cultura, 24 de julho de 2012. Entrevista a Antônio Abujamra. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=kQl8QiSyjjo>>. Acesso em setembro de 2013.

DANIELSON, Robert Eugene. **Nasser and Pan-Arabism: Explaining Egypt's rise in Power**. Naval Postgraduate School, 2007. Disponível em: <<http://www.nps.edu/Academics/Centers/CCC/research/StudentTheses/danielson07.pdf>>. Acesso em 7 de maio de 2014.

DANTAS, Leda. **Pós-modernidade e Filosofia da História**. Instituto Politécnico de Viseu, Spectrum. Disponível em: <<http://www.ipv.pt/millenium/Millenium29/25.pdf>>. Acesso em maio de 2014.

DÉMANT, Peter. **O Mundo Muçulmano**. 3. Ed. São Paulo: Contexto, 2011.

Dicionário Online de Português. Disponível em: <<http://www.dicio.com.br>>. Acesso em setembro de 2013.

Digital Egypt for Universities. Londres: University College London, 2000. Disponível em: <www.digitalegypt.ucl.ac.uk>. Acesso em setembro de 2013.

DUARTE, Caroline; FARINHA, Karine; ROCHA, Marcos; NASCIMENTO, Pedro H.; FERNANDES, Wladimir. **Sexta Sessão Especial de Emergência da Assembleia Geral das Nações Unidas (AGNUH)**. Guia de estudo. Sinus 2014. Disponível em: <<http://sinus.org.br/2014/wp-content/uploads/2013/11/AGNUH-Guia-Online.pdf>>. Acesso em julho de 2014.

ENGINEERING AN EMPIRE: Egypt. Direção de Chris Cassel. Estados Unidos: Log On, 2006. 1 DVD - documentário (91min). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=6qaWDqg7kvw>>. Acesso em novembro 2012.

ERIKSEN, Michael; MACKAY, Judith; ROSS, Hana. **The Tobacco Atlas**. 2012. World Tables. Disponível em:

<http://tobaccoatlas.org/uploads/Images/PDFs/TA4_pdf_world_tables.pdf>.

Acesso em janeiro de 2014.

FEATHERSTONE, Mike. **Moderno e Pós-moderno: Definições e interpretações sociológicas.** Sociologia – Problemas e Práticas, n 8. pp. 93-105, 1990. Disponível em: <<http://sociologiapp.iscte.pt/pdfs/32/354.pdf>>. Acesso em maio de 2014.

GELLNER, E. **Nations and Nacionalism.** Oxford: Blackwell, 1983. 150 p.

GOMES, Chiara A. **A primavera árabe e as lembranças de 1848.** L(E)A, Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <<http://estudoshumanos.com/2011/05/30/a-primavera-arabe-e-as-lembrancas-de-1848/>>. Acesso em novembro de 2013.

GONÇALVES, Jener C. **Primavera Árabe: Síria, Egito, Tunísia, Líbia, Oriente Médio, Norte da África.** Historiação. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=Cpkly5FJQW4>>. Acesso em agosto de 2013.

HALL, Stuart. **A Identidade cultural na pós-modernidade;** tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro – 11. Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HANIEH, Akran. **The Camp David Papers.** Journal of Palestine Studies XXX, n. 2, 2001, pp. 75-97. Disponível em: <<http://www.palestine-studies.com/files/pdf/jps/2759.pdf>>. Acesso em março de 2014.

HILLS, Ken. **As Guerras árabe-israelenses.** Trad. Jayme Brener. São Paulo: Ática, 1991.

HINNEBUSCH, Raymond. **The Foreign Policy of Egypt.** In: HINNEBUSCH, Raymond; EHTESHAMI, Anoushiravan. **The Foreign Policies in Middle East States.** Boulder: Lynne Rienner Publishers, 2002. p. 91-114.

HOURANI, Albert. **Uma história dos Povos Árabes.** Tradução por Marcos Santarrita. Companhia da Letras, 1994. 528 p.

IBGE Países. Brasília: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2011. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/paisesat/>>. Acesso em setembro de 2013.

ISRAEL. Ministry of Foreign Affairs. Embassy of Israel. **The Camp David Accords:** Documents pertaining to the conclusion of peace. Washington D.C., abril de 1979. Disponível em: <<http://muqtafi.birzeit.edu/InterDocs/images/284.pdf>>. Acesso em junho de 2014.

KOROTAYEV, A V.; ZINKINA, J V. **Egyptian Revolution:** A demographic structural analysis. *Entelequia*, n.13, p.139-169, 2011. Disponível em: <<http://www.eumed.net/entelequia/pdf/2011/e13a09.pdf>>. Acesso em junho de 2014.

LEITE, Edgard. **Jornal da Globo News.** Entrevista sobre as manifestações no mundo árabe em 2011. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=kSxwkbSRmV0>>. Acesso em setembro de 2013.

LUTHANS, Fred. **Organizational Behavior.** 10. ed. Ithaca: Mcgraw-hill, 2005. 731 p.

MALTEZ, José A. **Respublica – Repertório Português de Ciência Política.** Edição Eletrônica, 2004. Disponível em <<http://maltez.info/respublica/Cepp/anuario/secxx/ano1954.htm>> acesso em 25 de setembro de 2013.

NAZIH, A. (1998), **Política y sociedad en oriente próximo:** la hipertrofia del estado árabe, Bellaterra, p. 203-241.

PHILIPP, Peter. **1958: Criação da República Árabe Unida.** Deutsche Welle (DW). Disponível em: < <http://www.dw.de/1958-cria%C3%A7%C3%A3o-da-rep%C3%BAblica-%C3%A1rabe-unida/a-299005-1>>. Acesso em agosto de 2013.

ROBBINS, Stephen P. **Organizational Behavior:** concepts controversies applications. 7. ed. San Diego: Prenticehall, 1996. 752 p.

ROTHFELD, André; DIAS, Felipe O; BERTOLO, Larissa P; MELO, Pedro S. **Movimento dos não alinhados: Desarmamento e autodeterminação nacional no contexto da Guerra Fria.** Brasília, 2013. 16 p. Disponível em: <<http://www.sinus.org.br/2013/wp-content/uploads/2013/03/18.-BELGRADO-Artigo.pdf>>. Acesso em outubro de 2013.

SALEM, Helena. **O que é a Questão Palestina.** Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 1982.

SALGADO, Luis. **A crise de Suez: Uma sobreposição de três conflitos (1952-1956).** Revista Cantareira, UFF. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <<http://www.historia.uff.br/cantareira/v3/wp-content/uploads/2013/05/e17a6.pdf> >. Acesso em: 5 de maio de 2014.

SCHUCMAN, Lia. **Produção de sentidos e a construção da identidade judaica em Florianópolis.** Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2006. 109 p.

SCOTT-BAUMANN, Michael. **Nasser, Suez and Arab Nationalism.** Profiles in Power, 2010. Disponível em: <<http://martincannon.escuelacampoalegre.wikispaces.net/file/view/Nasser,%20Suez%20and%20Arab%20Nationalism.pdf/366648470/Nasser,%20Suez%20and%20Arab%20Nationalism.pdf>>. Acesso em: 7 de maio de 2014.

SILVA, Ana Paula M. **Um estado palestino na ONU e suas implicações para os Estados Unidos.** Estudos e análises de conjuntura. OPEU. 2011. Disponível em: < http://www.opeu.org.br/wp-content/uploads/2011/09/OPEU_Estudos_05.pdf >. Acesso em julho de 2014.

SILVA, Daniel G; IPOLITO, Danilo B; SPÍNDOLA, Jessica B; CONCEIÇÃO, Nival C. Bitencourt; SILVA, Thiago C. **Organizações Internacionais – Liga dos Estados Árabes.** Faculdade de Direito do Largo de São Francisco. São Paulo, 2009. 12 p. Disponível em:

<http://danilobueno.files.wordpress.com/2010/03/liga_dos_estados_arabes.pdf>.

Acesso em setembro de 2013.

SMITH, Dan. **O Atlas do Oriente Médio: O mapeamento completo de todos os conflitos.** 1 ed. Publifolha, 2008. 144 p.

SOUZA, Celinalva. **O papel da OPEP no mercado internacional de petróleo.**

Rio de Janeiro, 2003. 67 p. Disponível em:

<<http://www.avm.edu.br/monopdf/22/CELINALVA%20DAS%20GRACAS%20GONSALVES%20DE%20SOUZA.pdf>>. Acesso em julho de 2014.

The World Bank [banco de dados]. Disponível em:

<<http://data.worldbank.org/country/egypt-arab-republic>>. Acesso em junho de 2014.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral.** Tradução por Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. p.270-271

TONET, Ivo. **Modernidade, Pós-modernidade e Razão.** Maceió, 2006. 15 p.

Disponível em: <http://www.ivotonet.xpg.com.br/arquivos/MODERNIDADE_POS-MODERNIDADE_E_RAZAO.pdf>. Acesso em maio de 2014.

VICENZI, R, A, N. **Nacionalismo árabe: apogeu e declínio.** 2007. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em:

<<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8131/tde-28052007-144608/>>.

Acesso em: 2014-05-05

VIEIRA, Fábio Amorim. **Olhares acerca do Egito faraônico: Escritos historiográficos e interações culturais no nordeste africano sob o novo império egípcio.** Universidade Estadual de Santa Catarina. Florianópolis, 2013. 93 p.

Disponível em: <<http://pergamumweb.udesc.br/dados-bu/00001a/00001a9e.pdf>>.

Acesso em maio de 2014.

YOUSSEF, Amr. **The Six-Day War Revisited**. University of Trento – School of International Studies. Trento, 2006. 24 p. Disponível em: <<http://web.unitn.it/files/download/9722/wpyossef.pdf> >. Acesso em janeiro de 2014.

YOYOTTE, Jean. **O Egito faraônico: sociedade, economia e cultura**. História Geral da África. Brasília: v.2, 2010. Disponível em: <<http://www.casadasafricanas.org.br/wp/wp-content/uploads/2011/08/O-Egito-faraonico-sociedade-economia-e-cultura.pdf>>. Acesso em novembro de 2013.

APÊNDICE A – Roteiro das Entrevistas

Informações Gerais:

Nome:
Sexo:
Idade:
Religião:
Profissão:
Local de nascimento:
País de residência atual:
Profissão do pai:
Profissão da mãe:
Descendência:
Línguas que fala na ordem de fluência:
Alguém egípcio que você admira:

a) Impressões sobre a Primavera Árabe

1. Após ter notícia do que estava acontecendo na Tunísia, você imaginou que algo semelhante aconteceria em breve no seu país?
2. Você sabia dos protestos marcados para o dia 25 de janeiro?
3. Você participou da revolução? Como?

3.1 Se sim, o que você queria com esta revolução?

3.2 Se não, o que você acha que as pessoas que participaram queriam?

4. É comum na história do Egito estas manifestações populares para demonstrar insatisfações?

4.1 Se não, o que aconteceu de diferente para que as pessoas decidissem se revoltar?

5. Você sentiu algum sentimento como orgulho ou vergonha em relação às revoltas no seu país?

5.1 Você tem mais orgulho/vergonha do Egito agora do que antes?

b) Egito no Mundo Árabe

6. Quando você pensa em Egito, quais as primeiras palavras que vêm à sua mente? Imagem?

7. Você se considera africano?

8. Você se considera árabe?

9. Qual a diferença entre o Egito e os países do Golfo Pérsico?

10. Como você avalia a diferença da língua árabe entre o Egito e os demais países árabes?

11. Você saberia dizer o quão importante política e culturalmente é o Egito para o mundo árabe?

12. Para você, houve diferença entre a revolução da Tunísia e do Egito? Qual?

13. O que faz dos egípcios um povo singular? Do que você tem mais orgulho no seu país?

c) Egípcios do Pós-revolução

14. Qual sua visão sobre o povo egípcio?

14.1 *Sua visão sempre foi essa?*

14.2 *Se mudou, o que a fez mudar?*

14.3 *A revolução mudou o jeito de você olhar para as pessoas?*

15. A revolução tem influência nessa sua nova visão dos egípcios?

15.1 *Se sim, quem eram os egípcios antes da revolução e quem são depois?*

15.2 *Que características você vê nos egípcios que antes você não via?*

16. Você acha que a revolução deixou algum tipo de legado ao país? Qual?

17. O Egito antes da revolução era democrático? E agora?

18. Você acredita que mais levantes possam continuar acontecendo pelos próximos 10 anos?

19. Você é favorável a manifestações públicas deste tipo?

20. Você acha que estes levantes se identificam com a personalidade dos egípcios hoje?

20.1 *E os de antes?*

21. Como você descreveria 'o egípcio' de hoje?

21.1 *Quais seriam suas características?*

21.2 *O que é ser egípcio para você?*

22. Como você descreveria em poucas palavras a situação política do Egito atual?

23. O que você acha do Mubarak?

24. Se outro governante como Mubarak voltasse ao poder, você iria às ruas protestar novamente?

25. Que outras motivações o fariam sair nas ruas?

APÊNDICE B - Considerações sobre o sentido do tema e formato da pesquisa

O método de toda pesquisa deve estar intrinsecamente ligado não só ao objeto de estudo, como ao referencial teórico estabelecido em nossa investigação. Diante disto, é necessário que se entenda, primeiramente, então, que assim como nenhuma ciência é neutra, não há investigador neutro, pois tanto a escolha do pressuposto teórico, quanto a do objeto de análise em questão tem relação com a história de vida do sujeito que pesquisa. Justamente por isso, a realidade é sempre o retrato da observação de alguém, que atua estabelecendo relações e produzindo transformações em seu contexto de pesquisa (SCHUCMAN, 2006, p.5).

Neste sentido, a própria pergunta desta pesquisa, assim como a forma como se resolveu desenvolvê-la e o caminho traçado para tal, nasceu de dúvidas relacionadas a momentos vividos pela autora do presente trabalho quando, em viagem ao Egito, foi surpreendida pela situação que configurava uma revolução popular, e deparando-se com a surpresa de muitos dos nativos os quais a rodeavam.

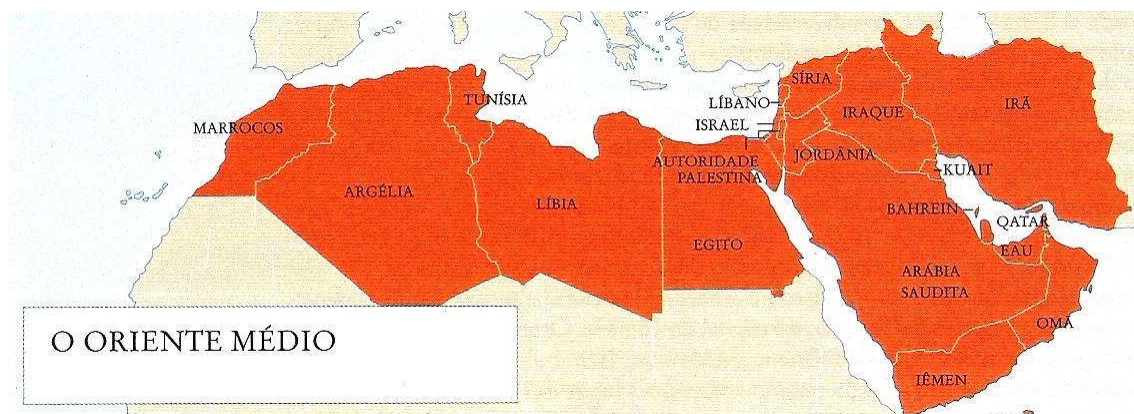
Aquelas indagações permaneceram em sua memória, e depois que voltou ao Brasil, após a renúncia do presidente Mubarak, a situação politicamente instável do Egito continuou, na forma de protestos recorrentes e manchetes internacionais perturbadoras. A autora continuou em contato com os egípcios que conhecia, acompanhando as notícias de relativamente perto. Muitos de seus amigos demonstravam alarmante surpresa quanto ao que estava acontecendo no país, e desta forma, a identidade daquele povo passou a lhe intrigar. Foi então que surgiu a dúvida norteadora da presente pesquisa: A revolução egípcia da Primavera Árabe teria dado início ao que pode ser uma transformação de percepção de identidade do próprio povo sobre si?

Diante desta questão, e constatando a viabilidade do projeto, a entrevista apresentou-se como melhor recurso para atingir aquele objetivo, a saber: compreender se havia sinais nos discursos de jovens egípcios de uma alteração de percepção dos mesmos em relação às características que definiam seu próprio povo após o início da revolução egípcia.

Sempre curiosa quanto às questões que envolvem identidades e sensações relativas de pertencimento, a autora deparou-se afortunadamente com a tese de Stuart Hall (2006), do 'descentramento' das identidades na era pós-moderna, que falava justamente das alterações sofridas pelas identidades nacionais, em tempos contemporâneos. A adequação da teoria às dúvidas filosóficas da autora deu forma ao que hoje consiste o presente trabalho.

ANEXO 1

Figura 1 – Mapa do Oriente Médio, da forma como é compreendido na presente pesquisa.



Fonte: SMITH, 2008, p.10⁴⁷.

⁴⁷ Também disponível em: <<http://marcosbau.com.br/geopolitica/breve-historico-do-mundo-arabe-e-os-recentes-levantes-no-orientes-medio/>>. Acesso em junho de 2014.